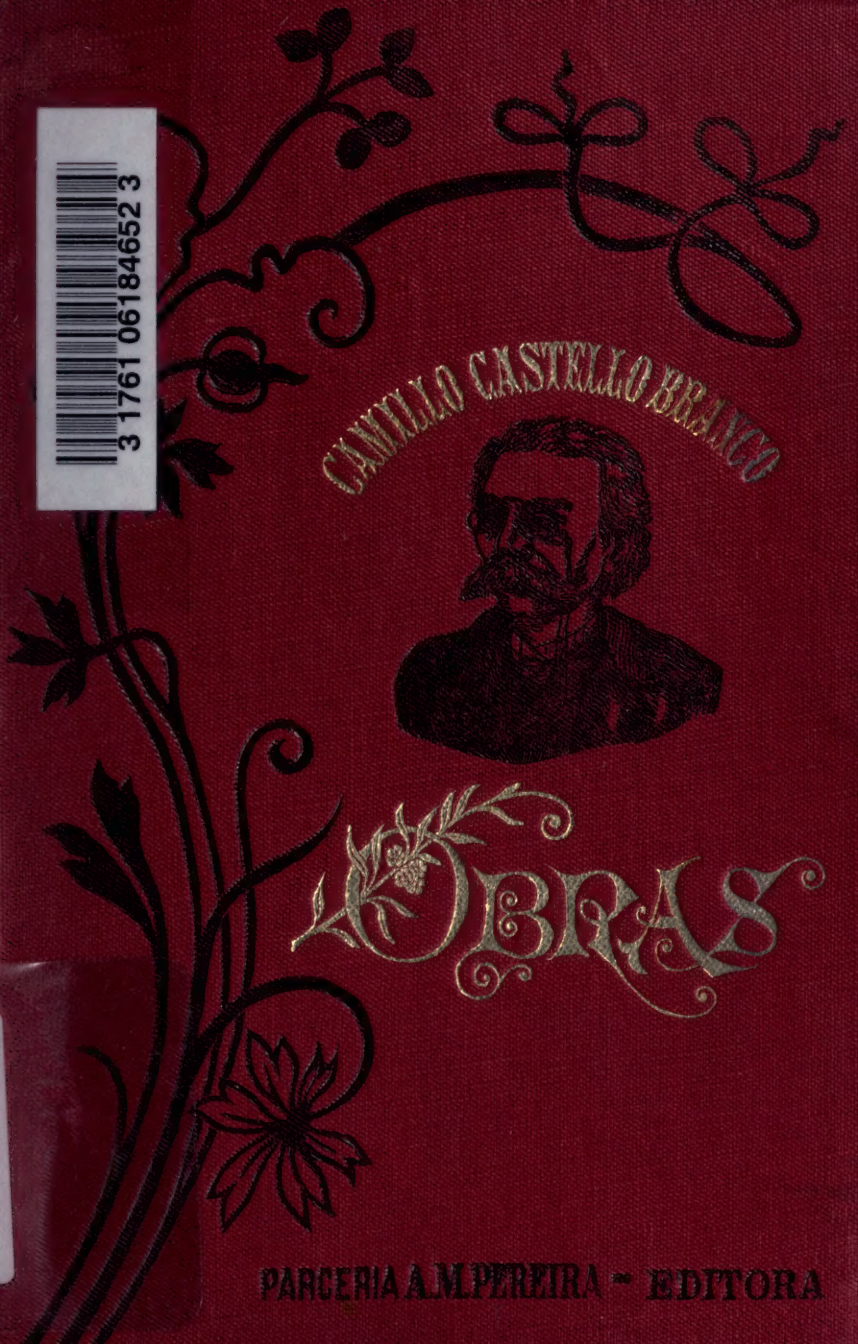

3 1761 06184652 3

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Cada vol. br. 200 rs. Enc. 300 rs. — Pelo correio 220 e 320

Volumes publicados

I Coisas espantosas. — II. As tres irmans. — III. A engeitada. — IV. Doze casamentos felizes. — V. O esqueleto. — VI. O bem e o mal. — VII. O senhor do paço de Ninães. — VIII Anathema. — IX. A mulher fatal. — X. Cavar em ruinas. — XI e XII. Correspondencia epistolar entre J. C. Vieira de Castro e C. C. Branco. — XIII. Divindade de Jesus. — XIV. A doida do Candal. — XV. Duas horas de leitura. — XVI. Fanny. — XVII, XVIII e XIX. Novellas do Minho — XX e XXI. Horas de paz. — XXII. Agulha em palheiro. — XXIII. O olho de vidro. — XXIV. Annos de prosa. — XXV. Os brilhantes do brasileiro. — XXVI. A Bruxa de Monte-Cordova — XXVII. Carlota Angela. — XXVIII. Quatro horas innocentes. — XXIX. As virtudes antigas. — Um poeta portuguez... rico! — XXX. A filha do Doutor Negro. — XXXI. Estrellas propicias. — XXXII. A filha do regicida. — XXXIII e XXXIV. O demonio do ouro. — XXXV. O regicida. — XXXVI. A filha do arcediago. — XXXVII. A neta do arcediago. — XXXVIII. Delictos da Mocidade. — XXIX. Onde está a felicidade? — XL. Um homem de brios. — XLI. Memorias de Guilherme do Amaral. — XLII, XLIII e XLIV. Mysterios de Lisboa. — XLV e XLVI. Livro negro de padre Diniz. — XLVII e XLVIII. O Judeu. — XLIX. Duas épocas da vida. — L. Estrellas funestas. — LI. Lagrimas abençoadas. — LII. Lucta de gigantes. — LIII e LIV. Memorias do carcere. — LV. Mysterios de Fafe. — LVI. Coração, cabeça e estomago. — LVII. O que fazem mulheres. — LVIII. O retrato de Ricardina. — LVIX. O sangue. — LX. O santo da montanha. — LXI. Vingança — LXII. Vinte horas de liteira. — LXIII. A queda d'um anjo. — LXIV. Scenas da Foz. — LXV. Scenas contemporaneas. — LXVI. O Romance d'um rapaz pobre. — LXVII. Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correio 60 réis

Ultimos volumes publicados

N.º 14 — **O tanoeiro Nuremberg**, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.
N.º 15 — **Dinheiro maldito (Polikouchka)**. costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — **Vida phantastica**, por Méry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — **O padre Daniel**, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — **Um coração simples**, de Gustave Flaubert.
N.º 19 — **Yan**, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — **O tio Scipião**, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — **Diario de uma mulher**, de Octavio Feuillet.
N.º 22 — **O crime do juiz**, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — **A Inundação**, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — **Os Rantzau**, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

N.º 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.º 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!... romance**, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!... rom.**, por Iveling Ramband.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46 — **Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47 — **João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48 — **Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49 — **O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.º 50 — **A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.º 51 — **O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.º 52 — **O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.º 53 — **Amor de Miss**, por J. Blain.
N.º 54 — **A sogra**, por Dubut de Laforest.
N.º 55 — **Colomba**, por Próspero Merimée.
N.º 56 — **Katia**, pelo Conde Leon Tolstoï.
N.º 57 — **Alma simples**, por Dostoiewsky.
N.º 58 — **Duplo amor**, por J. H. Rosny.
N.º 59 — **Contos fantasticos**, por Hoffmann.
N.º 60 — **A princeza Maria**, por Lermontoff, traducção de Alberto de Oliveira.
N.º 61 — **Rosa de maio**, por Armand Silvestre.
N.º 62 — **Manon Lescaut**, pelo Abbade Prevost.
N.º 63 — **O romance do homem amarello**, (costumes chinezes), pelo General Tcheng-Ki-Tong.
N.º 64 — **A dama das violetas**, (imitação), por F. Guimarães Fonseca.
N.ºs 65 e 66 — **Nemrod & C.ª**, por J. Ohnet, traducção de Luiz Cardoso.
N.º 67 — **Prisma de amor**, por Paul Bonhome.

Os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viajens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados :

N.º 28 — **Vida airada,** por Alfredo Mesquita.
N.º 29 — **O Bacharel Ramires,** por Candido de Figueiredo.
N.os 30 e 31 — **Amor á antiga,** romance de Caïel.
N.º 32 — **As Netas do Padre Eterno,** por Alberto Pimentel.
N.º 33 — **Contos,** por Pedro Ivo.
N.º 34 — **O correio de Lyão,** por Pierre Zaccone.
N.º 35 — **Vida de Lisboa,** por Alberto Pimentel.
N.º 36 — **Historias de Frades,** por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — **Obras primas,** por Chateaubriand.
N.º 38 — **O Exilado,** romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — **Poema da Mocidade,** por Pinheiro Chagas.
N.os 40 e 41 — **A vida em Lisboa,** por Julio Cesar Machado.
N.os 42 e 43 — **Espelho de Portuguêses,** por Alberto Pimentel.
N.º 44 — **A Fada d'Auteuil,** por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — **A volta do Chiado,** por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — **Séca e Méca,** por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — **Ninho de guincho,** por Alberto Pimentel
N.º 48 — **Vasco,** por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — **Leituras ao serão,** por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — **Luz coada por ferros,** por D. Anna Augusta Placido.
N.º 51 — **A flôr secca,** por M. Pinheiro Chagas.
N.º 52 — **Relampagos,** por Armando Ribeiro.
N.º 53 — **Historias Rusticas,** por Virgilio Varzea.
N.º 54 — **Figuras Humanas,** por Alberto Pimentel,
N.º 55 — **Dolorosa,** por Francisco Acebal, traducção de Caïel.
N.º 56 — **Memorias de um Fura-vidas,** por Alfredo Mesquita.
N.º 57 — **Dramas da Côrte,** por Alberto de Castro.
N.º 58 — **Os Mosqueteiros d'Africa,** por J. da S. Mendes Leal.
N.º 59 — **A divorciada,** por José Augusto Vieira.
N.º 60 — **Phototypias do Minho,** por José Augusto Vieira.
N.º 61 — **Insulares,** contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de Bettencourt).
N.os 62 e 63 — **Historia da civilisação na Europa,** por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.
N.º 64 — **Triplice alliança,** romance, de Raul de Azevedo.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LXVI

O ROMANCE D'UM RAPAZ POBRE

Composto e impresso na typographia

DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Coisas espantosas.
N.º 2 — As tres irmans.
N.º 3 — A engeitada.
N.º 4 — Doze casamentos felizes.
N.º 5 — O esqueleto.
N.º 6 — O bem e o mal.
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.
N.º 8 — Anathema.
N.º 9 — A mulher fatal.
N.º 10 — Cavar em ruinas.
N.os 11 e 12 — Correspondencia epistolar.
N.º 13 — Divindade de Jesus
N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.os 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.os 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.os 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade.
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.os 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.os 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.os 47 e 48 — O judeu.
N.º 49 — Duas épocas da vida.
N.º 50 — Estrellas funestas.
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.
N.º 52 — Lucta de gigantes.
N.os 53 e 54 — Memorias do carcere.
N.º 55 — Mysterios de Fafe.
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.
N.º 57 — O que fazem mulheres.
N.º 58 — O retrato de Ricardina.
N.º 59 — O sangue.
N.º 60 — O santo da montanha.
N.º 61 — Vingança.
N.º 62 — Vinte horas de liteira.
N.º 63 — A queda d'um anjo.
N.º 64 — Scenas da Foz.
N.º 65 — Scenas contemporaneas.
N.º 66 — O romance d'um rapaz pobre.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O ROMANCE

D'UM

RAPAZ POBRE

TRADUZIDO DE

OCTAVIO FEUILLET

TERCEIRA EDIÇÃO

1907
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

1907
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
Da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua Augusta, 44, 46, 48, 1.º e 2.º andar
LISBOA

Sursum corda!

OCTAVIO FEUILLET E A SUA OBRA

I

O romance d'este seculo foi definido por Taine com o nome de *psychologia viva.*

E' obedecendo ás indicações que n'esta formula se incluem, que os modernos escriptores teem composto a sua obra; foi destacando-a da obra dos escriptores, que o antecederam, que Taine poude tão caracteristicamente formulal-a.

Balzac, o genial creador, inspirou a Taine, o critico genial, esta classificação exacta e scientifica do romance moderno.

E' de Balzac que descendem todos os que se chamam impropriamente *naturalistas;* foi sob a larga e viva inspiração do Mestre que se creou essa escola de observação dos costumes, na qual cada um julga ser absolutamente impessoal, na qual cada escriptor se imagina impeccavelmente objectivo, mas á qual cada um dos novos — Flaubert, Goncourts, Daudet, Zola — trouxe a nota mais violenta ou mais esmorecida, mais temperada

ou mais crúa, mais fina ou mais brutal, do seu temperamento proprio, inconfundivel e profundamente caracterisado.

Ao lado do romance de costumes, e parallelamente com elle, floresceu sempre outra ordem de romances, mais interessante para os delicados, mais suggestiva para os analystas do coração. E' o romance que estuda, não os costumes d'uma dada classe ou d'um dado momento social, mas o caracter d'um determinado typo. Seguir no homem, ou antes seguir n'um homem—filho, já se vê, do meio em que vive, do tempo em que nasceu, da classe que o tem adstricto a si, mas ao mesmo tempo differenciando-se pelo temperamento, ou pela paixão, pela sensibilidade viva, ou pelo caracter forte e accentuado d'esse meio, d'esse tempo, d'essa classe—seguir n'um homem o jogo complicado das paixões, o complexo mechanismo dos instinctos e das forças, ver como elle é vencido ou vence na batalha interior com o seu destino,—eis o processo pelo qual Stendhal adquiriu a grande fama de psychologo, que hoje tem, e eis a maneira por que os discipulos d'este, tendo entre os mais finos e subtis a Paulo Bourget, conseguiram attrair uma clientela muito especial de *gulosos* das coisas do espirito, do coração, da sensibilidade humana.

II

Não pertence a nenhum d'estes dois generos, os quaes por sua vez se subdividem em muitissimas variedades, o romancista de que vamos rapidamente tractar.

Octavio Feuillet, se tem algum parentesco intellectual com romancistas seus contemporaneos, é sómente com Georges Sand.

Esta, mais abundante, mais genial, mais expontanea, mais *naturalista* no sentido verdadeiro, que o seu delicado competidor; elle mais requintado, mais contornado, mais subtilmente analysta de certas organisações que desabrocham—plantas ephemeras—na atmosphera artificialmente aquecida das extremas civilisações, mais habil para determinar e descrever certos *estados* de sentimentabilidade morbida, que a excitação social alimenta e produz...

Octavio Feuillet é o escriptor por excellencia aristocratico.

Elle não sabe como a plebe vive, trabalha, pena e tressua. Não sabe que elementos concorrem, n'uma lucta dolorosa e asperrima, para a formação d'esse luxo, cujos aspectos fazem vibrar as mais delicadas fibras do seu organismo de sybarita intellectual.

Não sabe as agonias violentas, as explosões terriveis, os combates sanguinarios, os sobrehumanos martyrios,

que custaram todos esses requintes de delicioso gosto, de que elle envolve as suas elegantissimas heroinas.

Tambem não sabe de que são feitos o amor, a duvida, o desespero, a paixão, o ciume, as lagrimas de gente que não tenha, além de uns poucos de contos de réis de rendimento, a imprescriptivel norma do bom gosto, a impeccavel correcção da fórma exterior.

Um grito de paixão impetuosa e selvagem, um uivo plebeu de ciume, uma maldição de colera brutal, uma explosão de temperamento primitivo e inculto, eis o que ninguem deve procurar nas paginas perfumadas do *mundano* auctor da *Petite Comtesse* e do *Conde de Camors*.

E, no emtanto, n'este romance, em quasi todos os romances de Feuillet, ha terriveis dramas, ha lances de atrocissima agonia.

Sómente esses dramas e esses lances são revestidos sempre d'aquella apparencia convencional, irreprehensivel, com que no alto mundo se passam as mais dilacerantes tragedias.

Marquezas e condessas adoraveis; fidalgos do mais fino primor de educação e de maneiras; naturezas aristocraticas ás quaes o vicio repugna, não porque é immoral, mas porque é baixo; mulheres que um aceio de arminho livra do lodo vulgar das encruzilhadas; lindas creaturas, que fazem os mais terriveis crimes, na graciosa inconsciencia de quem ignora certas particularidades repugnantes da vida real; indecifraveis e deliciosas pequenas pessoas, para quem a satisfação de todos os caprichos, sob as fórmas do mais elegante convenciona-

lismo mundano, é a lei unica, a lei suprema, a lei absoluta — aqui está, pouco mais ou menos, o mundo de Octavio Feuillet.

Um dos seus dois primeiros romances é justamente o que foi offerecido aos leitores, na traducção riquissima e vernacula do nosso grande Camillo, e que timidamente acompanham hoje estas palavras de modesta e incompleta apreciação.

Vejamos o personagem, um tanto illogico mas seductor no mais requintado grau, de Margarida Laroque.

Haverá muita verdade n'esta creação prestigiosa e toda graça?

Não ha.

Mas que importa, se ella nos rouba por momentos ao mundo das tristes e mesquinhas realidades, das vis miserias quotidianas e inevitaveis?...

Margarida é bella, altiva, curiosa, intelligente e *horrivelmente* rica. As fadas que presidiram ao seu nascimento fadaram-na todas milagrosamente. Só a invejosa, que não fôra convidada a tempo, lhe converteu a riqueza na eterna envenenadora de todas as outras felicidades...

Começa aqui o *romanesco,* uma especie de romanesco que a nossa epocha já não entende muito bem.

Póde a riqueza, a dispensadôra de tudo que melhor tem o mundo moderno, causar tão infinitas amarguras a quem a goza e possue?

Como quer que seja, a riqueza, o oiro, o vil metal constituem o supplicio da orgulhosa Margarida. Desconfia de tudo e de todos; o desprezo, acido dissol-

vente corroe tudo que a cerca, tudo em que as suas mãos pequeninas tocam, só para o vêrem brutalmente desfeito...

Maximo é um conjuncto, extranhamente romanesco tambem, das mais altas virtudes, das perfeições mais assombrosas, do orgulho mais fidalgo.

O conflicto d'estas duas naturezas, a lucta d'estes dois caracteres, as affinidades e antagonismos d'estes dois temperamentos, que se encontram para se dilacerarem e adorarem, fazem todo o livro.

Livro delicioso, livro emballador, especie de conto de fadas, como já não ha, agora que o fim da imaginação é desflorir e esterilisar a imaginação, agora que o fim do romance é provar a inanidade e a impossibilidade do romance, agora que o fim da litteratura é desconsolarnos, até ao tedio, até ao asco, até á nausea convulsa, de toda a especie de litteratura...

— Mas — dizem os inimigos da escola de Feuillet — tudo isso é mentira, é illusão, é falso jogo de falsos sentimentos e de falsas paixões!

E em que é verdadeira a monstruosa concepção que elles teem do Homem e das suas paixões e dos seus erros, da Vida e dos seus acontecimentos e dos seus phenomenos?

Entre a falsidade d'uns e d'outros, antes a falsidade que me entretem suavemente o espirito e me emballa, com um rythmo sereno e ondulante, a imaginação; entre as heroinas impossiveis de Feuillet e as impossi-

veis figuras hybridas de Zola, as primeiras são em todo o caso aquellas com quem eu prefiro conviver.

—Nem umas nem outras são verdadeiras, acode o moralista, e as heroinas de Feuillet, quando se chamam Bathilde de Palme, Estèlle de Campvallon, Julia de Trécœur, Sabine, etc., etc., não são mais moraes, com quanto sejam mais agradaveis á vista e mais tentadoras até, isto é, mais perigosas, do que a *Bovary* de Flaubert e do que a *Renée* de Zola.

Talvez.

Mas as de Feuillet *amam*, as de Feuillet sentem, soffrem, agonisam no seu crime, luctam contra a sua paixão, e quando ás vezes, como a *Marqueza de Campvallon* do *Conde de Camors*, querem ser mais fortes do que a Vida, são implacavelmente esmagadas por ella.

Não é tudo, bem sei, mas já é alguma coisa a nosso vêr!

III

Um dos encantos do romance de Feuillet é o scenario.

Parques aristocraticos, banhados em luz azulada ou purpurea, sobre cujas alamedas seculares se entrelaça, n'uma orgia de verdura, a ramaria dos alamos, dos platanos, das carvalheiras — sobre cujas ruas, zebradas de

sombra discreta, cahem lentamente, n'uma chuva voluptuosa e molle, as folhas amarellecidas do melancolico outomno; jardins, de lagos tranquillos, á superficie dos quaes os nenufares desabrocham e a flôr do lodão abre as petalas mysteriosas e sagradas, onde as rosas se desfolham, muito pallidas e tristes ao sôpro das aragens vespertinas; salões apainellados, em que o luxo tradicional das velhas aristocracias ostenta a sua pompa austera e antiga, em que nenhum improviso de occasião põe a nota falsa e a data denunciadora; discretos *boudoirs,* onde as finas flôres do *faubourg Saint Germain* exhalam o seu aroma *selected,* que acaricia e estontêa lentamente até matar, n'um deliquio doce, os que o respiram...

Caçadas, bailes, *raouts* exclusivos, recepções em que todos se conhecem, todos estão no mesmo alto nivel social, todos se estimam e se julgam iguaes...

Passeios a cavallo, com amazonas, que semelham aquella Diana enygmatica do pintor da Renascença, que a amante de Francisco I inspirava, com cavalleiros d'uma graça viril, irreprehensivel e soberba, que dominam e que são dominados, e que é adoravel vêr rendidos, porque são altivos e porque são fortes...

Quem é que resistiu, quando tinha vinte annos, ao subtil encanto, ao vago perfume, incoercivel e perturbante, que se evola caprichoso dos livros aristocraticos de Feuillet?

Quem, sendo moça, não sonhou que seria deleitoso realisar um d'aquelles typos femininos d'um poder tão

subjugador, d'uma graça tão penetrante, d'um aspecto inquietador e problematico, d'uma fascinação tão irritante e tão nova.

Falíam pouco, mas o que dizem parece vir de tão fundo! Olham ás vezes, e quando olham revelam a existencia de mundos desconhecidos. Amam, e quando amam, parece que a olympica felicidade, que todos sonham e ninguem conheceu, reside só no amor que ellas sabem dar!...

A' tarde, vão pela rua do parque magestoso, que o poente illumina de tons indecisos e ineffavelmente doces, fazendo ranger a areia da alameda sob os tacões altos das suas botinas microscopicas, arrastando com desdem principesco a cauda dos seus vestidos de veludo ou de setim, e o moço que as segue e acompanha sente um vago terror, um assombro indefinido ao contemplal-as, tão vencedor e tão implacavel é o sorriso que lhes franze os labios vermelhos, tão sombria e mysteriosa é a treva profunda dos seus grandes olhos...

São a Fatalidade, são a Paixão, são talvez unicamente a Mentira?...

Deixal-o.

São em todo o caso apparições que ficam lembrando, illusorias imagens que nos enchem de luz momentanea a phantasia.

IV

Os ultimos romances de Octavio Feuillet, o ultimo principalmente, mostram que o escriptor, meio afogado pela onda impetuosa, pela onda irresistivel do *naturalismo*, se soccorreu de dois processos, ambos deficientes e ambos nocivos para o seu delicado e *romanesco* talento.

Quiz, em primeiro logar, luctar directamente com ella; quiz, em segundo, ceder-lhe n'alguns pontos.

Deixou o delicado campo das suas phantasias de sentimento, das suas explorações do alto mundo, e poz-se a combater, sem manejar as armas poderosas dos adversarios, contra o darwinismo como applicação sociologica, contra o positivismo como philosophia.

E' claro que foi vencido.

Octavio Feuillet teve sempre este fraco; quiz sempre ser moralista.

Mas nos seus romances *Sybille, Conde de Camors,* etc., não conseguiu, felizmente para elle, deixar transparecer a sua these moral; foi, talvez mau grado seu, unicamente o pintor delicado d'um certo meio, que, sendo em si muito artificial, permitte os caprichos estheticos d'um pincel phantasista, as *falsas tintas* d'uma graça de invenção morbida e facticia, as aberrações sentimentaes e a carencia de exacta observação.

Aquellas mulheres e aquelles homens afastam-se tanto, pela adaptação a um *meio* inteiramente artificial, do genuino typo humano, que tudo que d'elles nos descreva a imaginação pervertida e *surchauffée* d'um analysta d'esse extranho mundo, nos parece justificavel e legitimo.

E' como se um botanico apaixonado de orchydeas, depois de as crear, em estufas destinadas a propagar infinitas variedades d'essa especie, nos descrevesse as fórmas contornadas e illogicas, as côres deliciosamente *impossiveis,* que tinham conseguido emfim realisar.

Nenhum dos prodigios que elle nos contasse seria capaz de nos achar incredulos, nem mesmo que elle nos pintasse uma orchydea mysteriosa, verde glauca, ou azul de mar, côr de esmeralda, ou de rubi, de cujas petalas, em feitios de animaes enygmaticos e perturbadores, se evolasse, em certas horas do dia, um murmurio, um canto, uma harmonia vaga e incoercivel...

Octavio Feuillet, da mulher segundo a natureza, extrahiu a mulher-enygma, a mulher-orchydea, a mulher-sereia, e disse-nos, com o seu poder de *romanesco,* que de cousa nenhuma chega a poder espantar-se.

D'este meio requintado e falso é assim que ellas sahem. Na solidão a mulher é *Maria de Técle;* na sociedade é *Julia de Trécœur.* No mundo aristocratico, na atmosphera de exotismo em que estas flores desabrocham e vivem, o facticio é que é real, o falso é que é verdadeiro, o extranho é que é natural, o imprevisto é que é a banalidade.

E nós, acreditassemos ou não, gostavamos extraordinariamente de o ler.

Agora, quando elle tenta empregar os mesmos processos de trabalho que empregam, com resultados diversissimos dos d'elle, os seus contrarios; agora quando elle quer tambem apossar-se da observação, da experiencia, do determinismo, da sondagem physiologica das causas, da miuda analyse das circumstancias e do estudo scientifico dos temperamentos;—não só perde os seus effeitos, a que chamarei *magicos* por não saber que outro nome lhes caiba, não só perde a graça original da sua pintura d'um azul vaporoso e *unreal,* mas perde o seu talento, mas perde o seu prestigio e a propriedade do seu estylo, mas chega até a perder a probidade e a sinceridade do seu caracter litterario...

V

Felizmente para os leitores do *Romance d'um Rapaz Pobre,* o Feuillet que escreveu este livro, em que todas as suas deliciosas qualidades de *charmeur* estão ainda em flôr; o Feuillet de *Maximo Odiot* e de *Margarida Laroque;* e da velha fidalga bretã, que tem um thesouro nos seus papeis velhos; e das ruinas romanticas, onde *Maximo* por pouco não perde a vida, para não descer aos olhos da sua caprichosa amada; e das paysagens luminosas, onde Margarida *pousa,* coroada, como

Velleda, da rama dos carvalhos druidicos; e dos sacrificios *quixotescos*, feitos a cada instante, e por toda a gente, como as cousas mais naturaes da vida inteira; e das peripecias inesperadas; e dos golpes de theatro surprehendentes—o Feuillet de todos estes encantamentos, de todos estes philtros, de toda esta poesia, talvez convencional, mas deliciosamente saborosa, em todo caso, não é ainda, não será ainda por longos annos, o Feuillet anti-darwinista, anti-positivista, anti-naturalista, *d'une Morte*.

Primeiro terá elle de embriagar uma geração inteira, com aquella ultima transformação mundana, elegante e *constitucional* de D. Juan, a que deu o titulo de *Conde de Camors*. Chamo-lhe constitucional, porque o conde era deputado, como se lembram de certo.

Primeiro, terá elle de nos dar aquella Phedra invertida, tão deliciosa e tão tentadora e irritante, com o nome de Julia de Trécœur. Chamo-lhe Phedra invertida, visto que a esposa de Theseu gosta do enteado, e esta é pelo padrasto que se apaixona.

Primeiro, ha de elle seduzir-nos com aquella mystica e vaporosa Sybille, que morreu como as antigas martyres pela sua fé, mas cuja fé, não é positivamente a das antigas martyres, antes muito mais facil de supportar e de usar na sociedade...

São innumeros os romances de Octavio Feuillet, mas os seus typos de mulher são sómente dois. O anjo, e o monstro. Um anjo e um monstro, ambos enygmaticos!

Anjo e monstro só conhecem a Paixão.

E' pela paixão que vivem e morrem; é ella que as impulsa, que as vivifica, que as alimenta, que as illumina de radioso esplendor!

E' a paixão que as vence ou que ellas vencem, conforme a percepção que teem da vida e dos seus deveres.

E' pela paixão que ellas se salvam aos olhos de quem pensa, como pensou Jesus em frente da arrependida filha de Magdala.

—Muito vos será perdoado, ó romanescas heroinas tão indecifraveis, tão incomprehensiveis e tão bellas, tão caprichosas e tão apaixonadas! Muito vos será perdoado pelo muito que amastes, que fôstes amadas, e que encantaes, até ao arrebatamento e até ao extase, a gente moça que acredita ainda na omnipotencia sacrosanta do *deus* que representaes e servis, d'esse Amor, pelo qual o mundo vive e gyra entre os mais planetas.

Lisboa, novembro de 1888.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O ROMANCE D'UM RAPAZ POBRE

Paris, 20 de abril de 185...

E' esta a segunda noitada que passo n'este miseravel quarto a olhar sombriamente para o meu fogão apagado, e a escutar com attenção estupida o bulicio e o estrepito monótono da rua. Eis-me aqui, no seio d'esta grande cidade, mais sósinho, mais desamparado e mais perto da desesperação que o naufragado que estaleja de frio, no alto mar, sobre a taboa lascada. Basta de pusillanimidade! Quero olhar de rosto o meu destino, para tirar-lhe o seu ar de espectro: quero tambem abrir meu coração, repleto de amargura, ao confidente unico, de cuja piedade eu me não dôa, áquelle triste e derradeiro amigo que me está contemplando do meu espelho. Quero, pois, escrever minha vida e pensamentos, não com pueril e quotidiana pontualidade, mas sem reserva grave e, principalmente, sem mentira. Hei de amar este diario, como um echo fraternal e engôdo caro á minha sole-

dade. Tel-o-hei no apreço de uma segunda consciencia, que me admoesta a não revelar lance da minha vida que a mão não possa escrever intemerata.

Agora me estou recordando, com avidez melancolica, de quantos factos e episodios do meu passado deviam, de ha muito, ser-me luz, se o respeito filial, o habito e o desleixo da ociosidade feliz me não tivessem fechado os olhos. Está para mim explicada aquella tristeza constante e profunda de minha mãe: já sei o que era aquelle seu desgosto da vida e o trajar singelo e uniforme, com que meu pae umas vezes zombava e outras se irritava, dizendo-lhe: «Pareces uma servilheta.»

Tive sempre como certo que em nossa casa, por vezes, se davam desavenças graves; mas nunca presenciei nenhuma. O fallar imperioso e violento de meu pae, um murmurio de voz em tom de supplica, soluços abafados, era o mais que eu podia ouvir. Cuidava eu que estas borrascas procediam de tentativas violentas e infructiferas de meu pae, a fim de congraçar minha mãe com o viver ruidoso da alta sociedade, viver que ella aceitára tanto quanto é permittido á mulher honesta, mas do qual não compartia, seguindo o marido, senão com repugnancia, cada vez mais obstinada. Acalmadas aquellas crises, era quasi usual ir meu pae comprar alguma joia, que minha mãe encontrava debaixo do guardanapo, sentando-se á mesa, e nunca punha. Recebeu ella, uma vez, de Paris, no coração do inverno, uma grande boceta cheia de flôres preciosas: agradeceu-as amoravelmente; mas, tão depressa elle saiu do quarto, vi-a en-

colher os hombros e erguer para o céo os olhos expressivos de insanavel desesperação.

No decurso de minha infancia e primeiros annos da mocidade, respeitava eu muito, mas amava pouco meu pae. N'este espaço de tempo, em verdade, o que eu conhecia do caracter de meu pae era a impertinencia, nem outro se denunciava na vida interior, para a qual meu pae não tinha genio. Depois, quando a edade me auctorisou a seguil-o á sociedade, surprehendeu-me e maravilhou-me o descobrimento de um homem, que eu nem sequer suspeitára. Dir-se-hia que o sortilegio de algum fatal encantamento o tolhia a dentro das paredes no nosso velho castello avoengueiro; mal transpunha as portas, eil-o ahi a respirar largo, a radiar alegria, a remoçar-se.

—Vamos! Maximo! exclamava elle. Vá uma galopada!

E, n'aquellas alegres corridas, era de vêr o goso juvenil, os enthusiasmos, as phantasias, as expansões que me deliciavam o coração viçoso, prazeres de que eu quizera levar quinhão á minha pobre mãe, lá esquecida no seu cantinho!

Então comecei a amar meu pae com ternura, acrescida por verdadeira admiração de o vêr, em todas as solemnidades da vida magnifica, taes como caçadas, carreiras, bailes, banquetes, desenvolver as sympathicas qualidades de sua brilhante natureza. Picador admiravel, conversador deslumbrante, primoroso jogador, animo intrepido, mãos largas—d'ahi vinha o tel-o eu na conta

de perfeito molde de graça viril e nobreza cavalheirosa. Elle mesmo, sorrindo com certo ar de amargura, denominava-se o ultimo gentil-homem.

Tal era meu pae na sociedade; porém o mesmo era entrar em casa, e para logo demudar-se em velho rabugento, carrancudo e intratavel: tal minha mãe e eu o viamos sempre de portas a dentro.

O genio arrebatado de meu pae, em confronto com creatura meiga e delicada, que minha mãe era, de certo me indignaria, se depós os impetos não viessem logo os retornos de ternura e redobradas attenções, que eu já disse. Meu pae, justificado ante meus olhos por aquellas demonstrações de arrependimento, affigurava-se-me um homem de natural sensivel e bom, mas, a intervallos, estomagado pela obstinada e systematica resistencia que lhe impecia a tudo que era de seu sabor e predilecção. Minha mãe parecia-me achacada de nervos, cousa assim como misantropia. Assim m'o queria fazer suppôr meu pae, com quanto, no tocante a isto, observasse sempre um tal qual resguardo, mui discreto a meu vêr.

O sentir de minha mãe, a respeito de meu pae, parecia-me de natureza indefinivel. A's vezes, o modo como ella o encarava, como que denotava nos olhos expressão de estranha severidade; mas isso era instantaneo: vinham logo a dedicação enternecida e a docilidade apaixonada reluzir n'aquelles formosos olhos lagrimosos e no semblante sereno.

Casára minha mãe aos quinze annos, e eu entrava nos meus vinte e dois quando veio ao mundo minha

irmã, a minha pobre Helena. Era esta nascida de pouco tempo, quando meu pae, saindo de manhã, um tanto pensativo, da alcova onde minha mãe se definhava, acenou-me que o seguisse ao jardim. Démos duas ou tres voltas em silencio e depois disse elle:

—Maximo, tua mãe está cada vez mais exquisita!

—Se ella padece tanto, meu pae!

—Não duvido; mas tem imaginações muito singulares: quer que tu estudes jurisprudencia.

—Jurisprudencia! Como é que minha mãe quer que eu, n'esta edade, n'esta situação e com o meu nascimento me vá sentar n'um banco de escola? Era cousa irrisoria!

—Assim penso tambem, disse meu pae desabridamente; mas tua mãe está doente, e não ha que replicar.

Era eu então um infatuado, muito ancho dos meus appellidos e influido com a minha importancia de rapaz e gloriolas de sala: tinha, porém, bom coração. Adorava minha mãe, com quem, no decurso de vinte annos, vivera n'aquella estreitissima intimidade, em que mais possam entranhar-se duas almas n'este mundo. Dei-me pressa em certifical-a de minha obediencia, que ella agradeceu inclinando a cabeça com sorriso melancolico, e mandou-me abraçar minha irmã, adormecida no regaço d'ella.

Estava meia legua distante de Grenoble a nossa residencia; pude, pois, cursar jurisprudencia sem deixar a casa paterna. Queria minha mãe que eu, todos os

dias, lhe désse contas do progresso dos meus estudos, com interesse de sorte apaixonado e assim perseverante, que cheguei a desconfiar de que o essencial d'esta preoccupação estranha era alguma cousa mais que mero capricho de doença. «Dar-se-ha caso, pensava eu, que a repugnancia e desdem com que meu pae olha para o lado enfadonho e positivo da vida, hajam introduzido em nossos haveres alguma secreta desordem, que eu devesse remediar com a sciencia do direito e o vêzo dos negocios?» Todavia, não pude deter-me em tal idéa. Verdade é que me lembrou o ter ouvido meu pae queixar-se amargamente dos desastres que a nossa casa soffrera na época revolucionaria; mas além de terem cessado as queixas com o tempo, quizeram-me ellas parecer injustas, attento o estado prospero dos nossos bens. E assim é que habitavamos nos arrabaldes de Grenoble o castello hereditario de avós, celebrado no paiz por seu grandioso aspecto senhorial. A miudo nos acontecia, a meu pae e a mim, caçar, por um dia inteiro, sem sair de nossas terras e mattas.

Nossas cavallariças eram celebradas e sempre cheias de cavallos de grande custo, os quaes eram a paixão e o orgulho de meu pae. Afóra isso, tinhamos em Paris, no *boulevard* dos Capuchinhos, um magnifico palacio, no qual reservâramos pousada com bons commodos. Finalmente, nada havia que denunciasse estreiteza ou viver de expediente no regimen usual de nossa casa. A mesa mesmo era sempre servida com delicadeza particular e apuro que meu pae presava em muito.

Entretanto, declinava a saude de minha mãe por declive mui pouco sensivel, mas continuamente. Sobreveio uma época em que se alterou aquella indole de anjo. Tornarám-se amargos e aggressores aquelles labios, que não haviam tido nunca para mim senão palavras carinhosas: cada saída minha do castello era motivo para commentario ironico. Meu pae, tão aggredido como eu, supportava os ataques com paciencia, que eu achava meritoria n'elle; mas acostumou-se a sair de casa, mais que d'antes, por precisão, segundo me dizia, de distrahir-se e preoccupar-se de continuo. Induzia-me sempre a ir com elle, e achava no meu amor ao prazer e na impaciencia ardente dos meus annos, e, digamol-o de uma vez, na laxidão do meu animo, promptissima obediencia.

N'um terreiro situado não longe do castello, resolvemos dar carreiras, para as quaes meu pae tinha apostado por muitos cavallos.

Era no mez de setembro de 185... Meu pae e eu partimos de manhã cedo e almoçámos no local da carreira. Ahi por meio dia, quando eu galopava sobre a extrema do hippodromo para mais cerrado seguir as peripecias do desafio, fui subitamente alcançado por um dos meus criados, que me andava procurando havia meia hora, para dizer-me que meu pae tinha já voltado para o castello, onde minha mãe o mandára chamar, e elle me dizia que fosse depressa.

—Mas que ha de novo, santo Deus!

—Creio que a senhora está peior, respondeu o criado. Corri como doido.

Estava, quando eu cheguei, minha irmã brincando na relva, em meio do enorme pateo deserto e silencioso. Quando eu descavalgava, correu ella a mim abraçando-me, e disse, sobresaltada e quasi alegre: «Veiu o cura!» E, todavia, eu não divisava na casa movimento algum desacostumado, signal de desordem ou alboroto. Subi acceleradamente a escada, e atravessava a antecamara, pegada á alcova de minha mãe, quando a porta foi brandamente aberta por meu pae. Parei diante d'elle, vi-o pallido, com os beiços tremulos.

—Maximo, disse-me sem olhar para mim, tua mãe chama-te.

Quiz interrogal-o, mas gesticulou com a mão e foi rapidamente para uma janella, como quem ia olhar para o exterior. Entrei. Estava minha mãe recostada na sua poltrona e tinha um braço pendurado, semelhando inerte. No rosto d'ella, branco de cera, divisei logo a peregrina doçura e graça delicada que, pouco antes, o padecer emaciára: agora, por sobre aquella serena face, já o anjo do repouso eterno estendera a sua aza. Ajoelhei. Entre-abriu os olhos, ergueu com custo a cabeça acurvada e olhou por mim todo longo tempo. Depois, com voz que já era sómente um halito entre-cortado, vagarosamente me disse estas palavras:

—Pobre filho!... Estou exhausta... Vês... Não chores... Abandonaste-me um pouco n'este tempo todo; mas eu estava tão enfadonha!... Nós nos veremos

outra vez, Maximo; conversaremos, meu filho... Não posso mais!... Lembra a teu pae o que me prometteu... sê forte na peleja da vida e perdôa aos fracos.

Falleceu de forças, e, depois de breve interrupção, ergueu a custo um dedo e disse, fixando-me:

—Tua irmã!

Cerraram-se-lhe as palpebras azuladas, e logo as abriu de subito, estirando os braços, já descompostas sinistramente as feições. Soltei um grito. Acudiu meu pae e apertou ao peito, com soluços dilacerantes, aquelle pobre cadaver da martyr.

Decorridas algumas semanas, obediente ao formal desejo de meu pae, que me disse obedecia tambem por si á ultima vontade d'aquella que choravamos, sai de França e comecei a vagamundear, a viver esta vida nomada que ainda não cessou. Durante a ausencia de um anno, meu coração, cada vez mais afervorado, consoante os fogos juvenis iam morrendo, impellia-me a vir revigorisar-me na fonte da vida, entre a sepultura de minha mãe e o berço da irmãsinha; meu pae, porém, tinha fixado a temporada da minha viagem, e vontades suas não havia tratal-as com desprimor, que me educára elle no respeito d'ellas. As suas cartas, affectuosas mas breves, não me denotavam impaciencia alguma no tocante á minha vinda. Grande foi, pois, o meu assombro, quando, desembarcando em Marselha, ha dois mezes, encontrei muitas cartas de meu pae, que me chamavam com febril anciedade.

N'uma feia noite de fevereiro, tornei a vêr os grossos

muros do nosso vetusto castello, rompendo da neve que cobria os campos. Soprava, a revezes, ventania aguda e glacial; pingentes de gelo despegavam-se das arvores da avenida como folhas mortas, e caíam na terra humida com triste e surdo rumor. Ao entrar no pateo, vi uma sombra que se me figurou a de meu pae, desenhar-se n'uma das janellas do salão, que era rente com a terra, e que não fôra aberto nos ultimos annos de minha mãe. Apeei de um salto. Meu pae soltou uma exclamação abafada, conhecendo-me; apertou-me ao peito, e senti-lhe, junto do meu, o pulsar violento do coração.

— Estás inteiriçado de frio, meu pobre filho. Aquenta-te, aquenta-te. Esta sala é fria, mas eu prefiro-a, porque ao menos aqui respira-se.

— Como passa de saude, meu pae?

— Soffrivelmente, bem vês.

E, deixando-me ao fogão, continuou através da immensa sala, que dois ou tres castiçaes escassamente allumiavam, o passeio que eu viera interromper. Consternára-me acolhimento assim estranho! Contemplei estupefacto meu pae. De subito, me diz elle, andando sempre:

— Viste os meus cavallos?

— Meu pae!

— Ah!... é verdade que ainda agora chegaste.

E, logo, accrescentou:

— Maximo, tenho que dizer-te.

— Eu escuto, meu pae.

Dirieis que me não ouviu. Continuou os passeios, e repetiu a intervallos muitas vezes:

—Tenho que dizer-te, meu filho.

A final, desentranhou profundo suspiro, correu a mão pela testa, e, sentando-se precipitadamente, apontou-me a cadeira defronte d'elle. Ahi, como se o animo lhe faltasse para fallar, deteve-se a olhar-me em rosto, com expressão de angustia, humildade, e supplica tal, que me abalou o intimo, por se não compadecerem aquelles gestos com a altiveza de meu pae. Fossem quaes fossem os erros cuja confissão tão penosa lhe era, no amago de minha alma lh'os dava eu por sobejamente perdoados, quando aquelle olhar, que me não desfitava, tomou uma fixidez de espasmo vago e terrivel. Lançou-me ao braço a mão tremente. Ergueu-se de impeto da poltrona, e, recaíndo logo, estirou-se desamparadamente no chão. Estava morto.

A gloria do coração humano está em não raciocinar nem calcular. Tudo adivinhei desde aquelle momento: um só minuto fôra bastante a revelar-me subitamente, sem palavra explicativa, a um raio de luz irresistivel, aquella fatal verdade, que demonstrada por mil factos em cada dia, ante os olhos da minha razão, no largo curso de vinte annos, nem assim me incutira suspeitas. Então comprehendi que estava imminente a ruina da minha casa. Apesar d'isso, não sei se me custaria menos, e menos amargas lagrimas, a morte de meu pae, se me elle deixasse cumulado de beneficios. A' saudade, á dôr funda, acrescia a piedade, que, ascendendo do fi

lho ao pae, estranhamente me pungia. Aquelle olhar supplice, humilhado, allucinado, via-o sempre; mortificava-me o não ter podido dizer uma só palavra consolativa áquelle desgraçado coração antes de espedaçar-se, e doudamente eu rompia em brados que me elle não ouvia:

—Perdôo-vos! perdôo-vos!

Que instantes, Deus meu!

Segundo conjecturei, minha mãe moribunda obtivera de meu pae o prometter-lhe que venderia a maior parte da casa, pagaria por inteiro a divida enorme, que contrahira gastando annualmente um terço mais que as rendas, e se reduziria a viver strictamente dos bens restantes. Principiára meu pae o cumprimento da promessa, vendendo as mattas e parte das terras; porém, ao vêr-se senhor de capital avultado, empregára uma escassa parte na amortisação da divida e emprehendera restaurar os haveres, aventurando o restante nos detestaveis acasos da Bolsa.

A sua complela ruina foi o resultado.

O fundo da voragem em que nos abysmámos, não pude ainda sondal-o. Caí de cama gravemente enfermo, passado uma semana depois da morte de meu pae; e, com muito custo, depois de padecer dois mezes, pude deixar o solar patrimonial, no dia em que chegou um estranho a empossar-se d'elle.

Por felicidade, um velho amigo de minha mãe, morador em Paris, e outr'ora encarregado dos negocios da casa como notario, deu-me auxilio em circumstancias

tão tristes, offerecendo-se-me a coordenar trabalhos de liquidação que se antolhavam á minha inexperiencia com difficuldades indesembaraçaveis. Deleguei-lhe absolutamente o arbitrio de regular o processo da successão, e presumo que o seu encargo está hoje cumprido! Mal hontem cheguei, fui a casa d'elle: estava no campo, de onde só volta ámanhã. Estes dois dias têem-me sido acerbos: o peior dos males é de certo a incerteza, porque nenhum outro mal paralysa os impulsores da alma, e differe os actos corajosos.

Ha dez annos, quem diria que este velho tabellião, cuja linguagem formalista e cortezania pispontada tanto nos divertiam, seria um dia o oraculo, de quem eu devia esperar a suprema sentença do meu destino! Precavenho-me, quanto em mim cabe, contra esperanças exaggeradas; tenho approximadamente calculado que, remidas as nossas dividas, nos restará um capital de vinte e quatro a trinta contos de réis. E' impossivel que uma casa estimada em mil contos nos não deixe ao menos aquellas migalhas. E' meu intento levantar á minha parte dois contos de réis, e ir aventural-os commercialmente nos novos Estados da União: o restante deixo-o a minha irmã.

Basta de escrever por hoje. Escrever taes recordações é triste occupação. Todavia, sinto-me mais socegado. Em verdade, o trabalho é lei sagrada; quem, por qualquer modo, se applica, experimenta um certo contentamento e serenidade. Ainda assim, o homem desama o trabalho, e, ao mesmo tempo, confessa os infalliveis be-

neficios d'elle, saborea-os, louva-se de seus esforços, e cada manhã sente a mesma repugnancia quando pega a trabalhar. Quer-me parecer que ha ahi uma singular e mysteriosa contradicção, como se, a um tempo, sentissemos no trabalho a condemnação primitiva, e o caracter divino e paternal do juiz.

Quinta feira.

Esta manhã, quando acordei, deram-me uma carta do velho Laubépin. Convida-me a jantar, pedindo desculpa á ousada liberdade; ácerca dos meus interesses nada me dizia. Agourei mal d'esta reserva.

Esperando a hora dada, fiz sair minha irmã do convento, e démos um passeio em Paris. Durante o dia, occorreram-lhe phantasias demasiado custosas. Forneceu-se, á larga, de luvas, papel anilado, golosinas para as suas amigas, perfumarias, sabões exquisitos, pincelinhos, tudo cousas sem duvida utilissimas, mas muitissimo menos uteis que um jantar. Oxalá que ella nunca o saiba!...

A's seis horas estava eu na rua Cassette, em casa do sr. Laubépin. Não calculo a idade do nosso velho amigo; mas, tanto quanto podem recuar minhas lembranças, lá o encontro tal qual é hoje, alto, ossudo, alguma cousa corcovado, cabellos brancos em desalinho, olhos argutos debaixo dos tufos das sobrancelhas negras, physionomia grossa e ao mesmo tempo esperta. Cá está aquella mesma casaca preta de gola alta, a

profissional gravata branca, o hereditario diamante nos bofes da camisa; em summa, todos os signaes externos do espirito grave, methodico e amantissimo das tradicções. Esperava-me o velho fóra da porta da sua saleta; cortejou-me de alto a baixo, apertou-me de leve a mão entre dois dedos, e levou-me á presença de uma senhora edosa, de exterior simples, que estava em pé diante do fogão.

—O sr. marquez de Champcey de Hauterive! disse Laubépin com voz sonora, rija e emphatica; depois, em mais humilde tom, voltando-se para mim:

—A sr.ª Laubépin!

Sentámo-nos, e ficámos, por momentos, todos calados. O que eu esperava logo eram esclarecimentos ácerca da minha definitiva situação; vendo, porém, que elles eram differidos, presumi-os desagradaveis, e esta presumpção confirmava-m'a o olhar de compaixão discreta com que a sr.ª Laubépin me honrava furtivamente. No olhar do marido havia uma attenção singular, que me não parecia de todo estreme de malicia. Veio-me á lembrança n'este comenos, que meu pae quizera sempre farejar no coração do cerimoniatico tabellião, e através das simuladas reverencias, uma velha reliquia de fermento burguez, mechanico, e até jacobino. Pareceu-me que o tal fermento levedava n'esta occasião, e que as secretas antipathias do velho se estavam regalando com o espectaculo de um gentil-homem em torturas. A despeito da desanimação real que me desalentava, affectei liberdade de animo, e disse com affouteza:

—Como é, amigo Laubépin, que o senhor deixou a praça dos *Petits-Pères*, aquella amada praça dos *Petits-Pères?* Pois decidiu-se a isso? Eu nunca o acreditaria!

—Valha-me Deus, sr. marquez! respondeu Laubépin, foi de certo uma infidelidade impropria dos meus annos; mas, cedendo o escriptorio, força me era ceder a casa, visto que uma pedra de armas não se muda como uma taboleta.

—Não obstante, o senhor ainda trata de negocios?

—Amigavelmente, e officiosamente, não ha duvida, sr. marquez. Algumas familias respeitaveis e illustres, cuja confiança felizmente grangeei, na pratica de quarenta e cinco annos, dignam-se ainda ás vezes, em circumstancias particularmente delicadas, reclamar os alvitres da minha experiencia, e creio poder ajuntar que raramente ellas se arrependem de os ter aceitado.

Acabava o sr. Laubépin de se prestar a si aquelle testemunho, quando uma criada edosa veio annunciar que estava o jantar na mesa. Coube-me a gloria de conduzir a sr.ª Laubépin á sala visinha. Em todo o tempo do jantar, a conversação versou sobre frivolidades. Os olhares penetradores e equivocos de Laubépin não se desfitavam de mim, ao passo que a consorte, offerecendo-me todas as iguarias, fallava e tregeitava no tom e gesto dolorido que se finge á cabeceira de um enfermo. Saímos, finalmente, da mesa, e o velho tabellião introduziu-me no seu gabinete, onde logo nos serviram café. Fez-me sentar, e, encostado ao fogão, fallou assim:

—Sr. marquez, fez-me a honra de confiar-me o cui-

dado de liquidar a herança do defunto marquez de Champcey d'Hauterive, seu pae. Hontem mesmo, estava eu para escrever-lhe, quando soube a sua chegada a Paris, e assim me deu azo a dar-lhe conta, vocalmente, do resultado do meu zêlo e operações.

—Antevejo que o resultado não é feliz.

—Não, de certo, sr. marquez, e deve armar-se de animo para sabel-o; porém, é costume meu proceder com methodo. Em 1820, Luiza Helena Dugald Delatouche d'Erouville foi pedida em casamento por Carlos Christiano Odiot, marquez de Champcey d'Hauterive. Eu, investido por uma especie de tradicção secular da direcção dos interesses da familia Dugald Delatouche, e além d'isso, mui proximo da joven herdeira d'esta casa, em virtude de mui respeitosa familiaridade, empreguei todos os argumentos rasoaveis para combater-lhe a tendencia do coração, e desvial-a d'aquella funesta alliança. Digo funesta alliança, não já porque os haveres do sr. de Champcey, apesar de algumas hypothecas que os sobrecarregavam n'esta epoca, não igualassem os da joven Delatouche; mas porque eu conhecia a indole e temperamento, de algum modo hereditarios, do sr. de Champcey. Sob apparencias seductoras e cavalheirosas, que o extremavam, como a todos os de sua linhagem, via eu, a todo o lume, a irreflexão pertinaz, a leviandade incuravel, o fervor dos prazeres, e, finalmente, o implacavel egoismo...

—Senhor, interrompi desabridamente, é sagrada para mim a memoria de meu pae e quero que o seja para

todos os que fallarem de meu pae diante de mim.

—Senhor, redarguiu o velho commovido subita e violentamente, respeito esse sentimento; mas, ao fallar de seu pae, difficilmente esquecerei que fallo do homem que matou a mãe do sr. marquez, uma heroina, uma santa, um anjo!

Levantei-me agitadissimo. Laubépin, que déra através do gabinete alguns passos, lançou-me a mão a um braço:—Perdão, mancebo, disse elle, é que eu amava sua mãe. Chorei-a. Perdôe-me!—Depois, tornando a encostar-se ao fogão, acrescentou com a solemnidade costumada:—Tornando ao ponto: eu tive a honra e o desgosto de redigir a escriptura matrimonial de sua mãe. Contra minhas instancias, o regimen dotal fôra menospresado, e com muito custo, consegui introduzir na escriptura uma clausula protectora que declarava inalienavel, sem o consentimento legalmente provado da contrahente, cerca de um terço dos seus bens de raiz. Vã precaução, sr. marquez, e melhor diria precaução cruel de amizade mal inspirada, por quanto o que esta fatal clausula fez foi preparar áquella, cujo repouso eu queria preestabelecer, os mais incomportaveis tormentos, quero dizer, as luctas, os queixumes, as violencias, cujo echo deveria chegar aos ouvidos do sr. marquez, algumas vezes, e com os quaes tormentos, pedaço a pedaço, era arrancada a sua desditosa mãe a derradeira porção do patrimonio, o pão de seus filhos!

—Peço-lhe, senhor!... .

—Respeito-o, sr. marquez... Fallarei só da actuali-

dade. Honrado com a sua confiança, era meu primeiro dever aconselhal-o a sómente aceitar a beneficio de inventario a herança enredada em que succede.

—Esse proceder tive-o como injurioso á memoria de meu pae e regeitei-o.

Laubépin, depois de me cravar um d'aquelles olhares inquisidores muito seus, redarguiu:

—O sr. marquez provavelmente não ignora que, por se ter abstido d'esta legal faculdade, ficou obrigado aos encargos da successão, não obstando excederem os valores a herança. Eis-me, pois, a braços com a dolorosa obrigação, sr. marquez, de fazer-lhe saber, que é esse rigorosamente o caso que se dá comnosco. N'este maço de papeis verá que a venda do seu palacio, em condições inesperadas, nem por isso salva o sr. marquez e sua irmã de ficarem ainda devendo aos credores de seu pae a quantia de nove contos de réis.

Esta noticia aterrou-me verdadeiramente, porque excedia as minhas mais funestas conjecturas. Durante minutos, fiquei-me estupidamente a contemplar, sem vêr, a pendula do relogio, e a escutar-lhe o ruido monotono.

—Entretanto, proseguiu Laubépin, é chegado o momento de dizer ao sr. marquez, que sua mãe, prevendo eventualidades que desgraçadamente se realisam hoje, depositou na confiança que de mim tinha algumas joias, cujo valor é estimado em dez contos de réis, pouco mais ou menos. A fim de evitarmos que esta pequena quantia, de ora ávante seu recurso unico, vá dar ás mãos dos credores da herança, podemos, a meu vêr, usar do

subterfugio legal que eu vou ter a honra de submetter-lhe.

—Isso é de todo inutil, senhor. Tenho-me por muito feliz, podendo, auxiliado por esse resto inesperado, solver integralmente as dividas de meu pae, e desde já lhe peço que lhe dê este destino.

—Seja, disse elle, mas não posso deixar de advertil-o, sr. marquez, de que, levantados estes valores do deposito, cujo depositario sou, o que fica ao sr. marquez e sua irmã orçará por oitocentos mil réis ou um conto, quantia que, ao juro actual, poderá render quarenta e cinco mil réis. Dito isto, sr. marquez, seja-me licito perguntar-lhe, confidencialmente, amigavelmente e respeitosamente, com que meios tenciona viver e sua irmã, e que projectos tem?

—Confesso que nenhum. Quantos eu tinha traçados não se compadecem com a indigencia absoluta a que estou reduzido. Se eu fosse só, assentava praça; mas tenho minha irmã, e não posso com a idéa de vêr a pobre menina reduzida ao trabalho e privações. Está contente no convento; é bastante nova para lá se demorar alguns annos mais. Aceitaria eu com a mais cordial vontade qualquer occupação que me permittisse, reduzindo-me eu ás ultimas estreitesas, ganhar em cada anno a pensão de minha irmã e economisar-lhe um dote.

Laubépin olhou-me fixamente, e replicou:

—O sr. marquez, na edade em que está, não deve pensar, com o fim de realisar o seu honroso plano, em

entrar na detençosa carreira da administração publica e das funcções officiaes. O que lhe convinha era um emprego que lhe assegurasse desde logo um conto ou um conto e duzentos mil réis de ordenado. Devo dizer-lhe, que, segundo a nossa organisação social, não basta estender a mão para achar esse *desideratum*. Felizmente, cumpre-me communicar-lhe algumas proposições, que lhe dizem respeito, e de natureza são ellas que podem, para já, modificar, e com pequeno empenho, a sua situação.

Mais que nunca penetrantes, os olhos de Laubépin fitam-me attentissimos, em quanto elle prosegue:

—Em primeiro logar, serei ao lado do sr. marquez o orgão de um especulador habil, rico e influente: tal personagem planisou uma empreza de grande porte, cuja qualidade depois direi, e só póde sair-se bem d'ella com a cooperação particular da classe aristocratica d'este paiz. Cuida elle que um nome illustre e antigo qual o do sr. marquez, figurando entre os nomes dos fundadores da empreza, conseguirá grangear-lhe sympathias nas classes do publico especial a quem é mandado o programma. Levado d'esta vantagem, o emprezario offerece-lhe, desde logo, o que vulgarmente se chama um premio, isto é, uma dezena de acções gratuitas, cujo valor, cotado desde logo em dois contos de réis, seria regularmente triplicado pelo bom exito da operação. Afóra isto...

—Não continue, senhor; ignominias taes não merecem a pena que lhe estão dando no formulal-as.

Vi relancear um clarão sob as cerradas sobrancelhas do velho, como se os olhos fuzilassem scintillas. Desavincou-lhe as rugas do rosto um sorriso rapido; e continuou, gaguejando:

—Se lhe não quadra a proposta, sr. marquez, tambem a mim me não agrada muito. Não obstante, entendi que devia consultal-o. Ahi vae outra que póde ser vantajosa, e é mais comezinha. No numero dos meus antigos clientes ha um negociante honrado que se retirou ha pouco do commercio, e disfructa socegadamente, com a sua unica, e, por isso, adorada filha, a «aurea mediocridade» *(aurea mediocritas)*, que eu reputo em doze mil cruzados de renda. Quiz o acaso, ha tres dias, que a filha do meu cliente fosse informada da situação do sr. marquez; quiz-me parecer, convenci-me mesmo, diga-se tudo, que a menina, aliás agradavel á vista e ornada de boas qualidades, não hesitaria em aceitar da sua mão o titulo de marqueza de Champcey. O pae está por tudo, e eu espero só uma palavra sua, sr. marquez, para dizer-lhe o nome e a morada d'esta familia... interessante.

—Está tomada a minha resolução: de ámanhã em diante regeitarei um titulo ridiculo na minha situação, e que me expõe a miseraveis emprezas da intriga. O nome primordial da minha familia é Odiot: é o unico do meu uso de ora em diante. Entretanto, senhor, agradecido ao favor e empenho com que se fez interprete d'essas singulares propostas, rogo-lhe que me dispense de outras que possam ter caracter semelhante.

—Visto isso, sr. marquez, respondeu Laubépin, não tenho absolutamente mais nada que lhe diga.

Ao mesmo tempo, n'um subito accesso de jubilo, esfregou as mãos, que rugiam como se fossem de pergaminho. Depois accrescentou, rindo:

—Ha de ser um homem difficil de arranjar, sr. Maximo. Ah! Ah! difficilimo de arranjar! E' extraordinario, que eu não tenha reparado mais cedo na notavel semelhança que aprouve á natureza estabelecer entre a sua physionomia e a de sua mãe! Particularmente os olhos e o sorriso... Mas não percamos o fio da nossa conversação, e visto que só lhe convem dever ao trabalho honesto a subsistencia, consinta que eu lhe pergunte qual a sua aptidão, e quaes os seus talentos?

—A minha educação foi naturalmente a de um homem destinado á ociosidade e á riqueza. Ainda assim, estudei jurisprudencia, e tenho as minhas cartas de advogado.

—Advogado! ó diabo! o senhor é advogado? O peior é que não bastam as cartas; na carreira do fôro, com preferencia a todas as carreiras, a cousa está no individuo... e então... vejamos... o sr. marquez acha que é eloquente?

– Tão pouco, que me dou por incapaz de improvisar duas phrases em publico.

—*Hum!* não me parece isso rigorosamente o que se chama vocação oratoria. É preciso olhar-se a cousa por outra face; mas o assumpto requer mais amplas reflexões. Está-me a parecer que o vejo fatigado, sr. mar-

quez. Aqui estão os seus papeis; digne-se examinal-os de seu vagar. Queira mandar-me no seu honroso serviço... Eu vou allumiar... Ah! desculpe... devo esperar novas ordens antes de destinar para pagamento aos seus credores o valor das joias e alfaias existentes em meu poder?

—Não, senhor. Faltava-me dizer-lhe que tire d'esse deposito a justa remuneração dos seus bons serviços.

Tinhamos chegado ao patamar da escada. Laubépin, cujo dorso se curva um pouco, caminhando, endireitou-se impetuosamente, e disse:

—No tocante a seus credores, sr. marquez, obedecerei respeitosamente. No concernente a mim, fui amigo de sua mãe, e rogo humilde e fervorosamente ao filho de sua mãe que me trate como amigo.

Estendi ao velho a mão, que elle apertou com força, e separámo-nos.

Recolhido ao quartosinho em que móro nas aguas-furtadas d'este palacio que já não é meu, me quiz convencer a mim de que a evidencia da minha rematada pobreza me não abatia até á prostração indigna de homem. Entrei a escrever a narrativa d'este dia decisivo da minha vida, esmerando-me em conservar a phraseologia exacta do velho tabellião, e aquella linguagem mesclada de rudeza e cortezia, de sensibilidade e desconfiança, que me fez por vezes sorrir o animo, tendo a alma acabrunhada.

Aqui está, pois, a pobreza, não aquella occulta, altiva, e poetica pobreza que a minha imaginação passeava por

entre as florestas virgens, por sobre desertos e esplanadas; mas a positiva miseria, a necessidade, a dependencia, a humilhação, e, peior ainda, a pobreza acerba do rico decaido, a pobreza de casaca preta, que esconde as mãos sem luvas aos amigos que passam!—Vamos, irmão, coragem!

Segunda feira, 27 de abril.

Ha cinco dias que debalde espero noticias de Laubépin. Confesso que me fiei demasiadamente no interesse que elle me ostentava mostrar. Podia ser-me util com a sua experiencia, conhecimentos praticos, e muitas relações. Dirigido por elle, a tudo me promptificava eu; mas, entregue propriamente a mim, não sei que direcção hei de tomar. Tive-o em conta de homem que promette pouco e dá muito. Receio ter-me illudido. Hoje de manhã, deliberára-me a procural-o, com o pretexto de restituir-lhe os papeis que me elle confiou, e cuja exactidão tristemente verifiquei. Disseram-me que a boa creatura tinha ido espairecer ao campo não sei em que quinta nos confins da Bretanha. Demora-se ainda por lá tres dias. Isto consternou-me verdadeiramente. Não era só a magoa de encontrar indifferença e abandono onde eu cuidei que encontraria a solicitude de uma amizade dedicada; acrescia o azedume de voltar como fôra, com as algibeiras vasias. Tencionava pedir a Laubépin o adiantamento de algum dinheiro por conta dos seis ou oitocentos mil réis que nos podem restar, feito o inteiro pa-

gamento aos nossos credores. Por mais anachoreta que me fiz, depois que cheguei aqui, a pequena quantia que reservei para a jornada está consumida, e tanto que depois de ter almoçado pastorilmente, *castaneæ molles et pressi copia lactis,* vali-me para jantar, de uma especie de gatunice, cuja melancholica lembrança vou archivar aqui.

Almoçar pouco, é razão para mais appetecer o jantar: axioma cuja evidencia reconheci hoje cabalmente antes que o sol se escondesse. Entre os passeantes attrahidos esta tarde ás Tulherias, pela amenidade da atmosphera, e que se pasmavam contemplativos no brincar dos primeiros risos da primavera com as faces marmoreas dos sylvanos, distinguia-se um homem ainda moço, de irreprehensivel trajo, com ar de quem estuda com extraordinaria applicação o resurgimento da bella natureza. Como se o não satisfizesse o absorver-se todo na contemplação das verduras nascentes, o personagem despegava a furto os gomos appetitosos de suas tiges, desenrolava as folhas, e as levava aos beiços com curiosidade de botanico. Convencido estava eu de que um tal recurso alimenticio, indicado pela historia dos naufragios, valia realmente muito pouco. Todavia, a minha experiencia enriqueceu-se de interessantes noções; fiquei sabendo que a folhagem do castanheiro é excessivamente amarga ao paladar como ao coração; que a folha da rosa não é má; que a tilia é oleosa e agradabilissima; que o lilaz é apimentado e doentio, a meu vêr.

Meditando em taes inventos, fui indo até ao convento

de Helena. Ao entrar na grade, que estava cheia como colmeia, azoinaram-me as confidencias tumultuosas das juvenis abelhas. Chegou Helena toda desgrenhada, com a cara afogueada, e os olhos vermelhos e scintillantes. Trazia na mão um pedaço de pão do tamanho do braço d'ella. Vi que me abraçava com ar preocupado, e disse-lhe:

—Isso que é, filhinha! tu choraste?

—Não, não, Maximo, não é nada.

—Mas que é isso?... Vejamos...

Baixando a voz, respondeu-me:

—Sou muito desgraçada, Maximo, muito...

—Devéras? conta-me lá isso, e vae comendo o teu pão.

—Oh! não como, decerto... Póde lá a gente comer quando é tão desgraçada! Lembras-te de Lucia Champbell, a Lucia, que era a minha amiga intima? pois ahi está! ficámos hoje mal para toda a vida!

—Oh! Deus do céo! mas accommoda-te, pequerrucha; ora vá, vocês hão de fazer as pazes...

—Oh! Maximo, não póde ser, ahi tens! Houve cousas terriveis. No começo nada era; mas bem sabes que a gente zanga-se, e perde a cabeça. Imagina tu que estavamos a jogar o volante, e Lucia enganou-se na contagem dos pontos; eu tinha seiscentos e oitenta, e ella só seiscentos e quinze, e queria ter seiscentos e setenta e cinco. Has de confessar que era de mais. Defendi a minha conta, e ella a sua, já se vê.

«—Pois bem, menina, disse-lhe eu, estas meninas que o digam; estou pelo que ellas fizerem.

«—Não quero, disse ella, a minha conta é esta, e a menina atrapalha ao jogo.

«—E vae eu, disse-lhe:—Sim? pois a menina é uma trapaceira.

«—E ella respondeu-me então:—Diga o que quizer, que eu despreso-a tanto que nem lhe respondo. N'isto chegou soror Saint-Félix, senão eu batia-lhe. Aqui está como foi. Ora vê lá se é possivel a gente fazer as pazes! Não é, não; seria uma fraqueza. Mas nem quero dizer-te o que soffro... Não ha n'este mundo pessoa mais desgraçada de que eu!

—Tens razão, minha filha! é difficil imaginar desgraça mais desastrosa que a tua; mas a dizer-te o que penso, a causa fôste tu, porque a primeira palavra offensiva saiu da tua bocca. Vejamos, a tua Lucia está no locutorio?

—Está; olha acolá n'aquelle cantinho.

Com um meneio de cabeça digno e discreto, mostrou-me uma menina muito loura, com as faces tambem abrazadas e os olhos avermelhados, e que parecia estar tambem contando a uma velha senhora muito attenciosa, o drama que soror Saint-Félix felizmente havia interrompido. A menina, toda inflammada no conto, como o caso pedia, lançava a intervallos olhares furtivos sobre mim e Helena.

—Ora pois, minha querida filha, disse eu para Helena, confias de mim?

—Sim, confio muito de ti, Maximo.

—Visto isso, vaes fazer o seguinte: vaes pé ante pé

collocar-te atraz da cadeira da menina Lucia; apanhas-lhe, assim á traição, a cabeça, beijas-lhe assim á força as duas faces, e depois verás o que ella faz por sua vez.

Helena esteve hesitando alguns segundos; depois partiu de corrida, e caiu como um raio sobre a Champbell, causando-lhe a mais doce surpreza: as duas creanças desventurosas, congraçadas emfim para sempre, confundiram, em grupo mavioso, as suas lagrimas, a tempo que a velha e veneranda sr.ª Champbell se assoava com estridor de gaita de folle.

Helena voltou a mim radiosa.

—Então! minha querida, disse-lhe eu, posso agora esperar que comas o teu pão?

—Ainda não sei, Maximo... eu tinha estado muito incommodada, e depois aconteceu entrar hoje uma alumna de novo, que nos deu um banquete de pasteis d'ovos, de sonhos, e de chocolate *à la crème*, de maneira que não tenho appetite nenhum. E mesmo estou muito atrapalhada, porque esqueci ha bocadinho, com a perturbação em que vinha, de guardar o meu pão dentro do açafate, como se deve fazer quando se não quer, e estou a temer que me castiguem; mas o que eu faço é lançar o pão pelo postigo da adega, quando atravessar o pateo.

—Como assim, menina! repliquei eu, córando ligeiramente, tu vaes inutilisar esse bocado tamanho?

—Bem sei que não é bom, porque ha talvez pobres que tomaram tel-o, não ha, Maximo?

—Ha, de certo, minha querida filha.

—Mas que hei de eu fazer? aqui não vem pobres.

—Pois sim, Helena, dá-me o teu pão, e eu o darei em teu nome ao primeiro pobre que encontrar, queres?

—Ora, se quero!

Tocou a recolher. Parti o pão em dois pedaços que, não sem pejo, metti nas algibeiras do meu casaco.

—Meu Maximo, disse a creança, até breve, sim? Has de dizer-me se encontraste um pobre, se lhe déste o meu pão, e se o pobresinho gostou d'elle, sim?

—Sim, Helena, encontrei o pobre, dei-lhe o teu pão, que elle levou sofrego para o seu solitario asylo, e achou-o bom: mas era um pobre sem coragem, porque chorou devorando a esmola de tuas mãosinhas adoradas. Tudo te direi, Helena, porque é bom que saibas que ha na terra soffrimentos mais graves que os teus desgostos infantis: tudo te direi excepto o nome do pobre.

Terça feira, 28 de abril.

Esta manhã, ás nove horas, bati ao ferrolho de Laubépin, esperando vagamente que algum acaso lhe antecipasse a vinda; mas só ámanhã é que vem. Estive quasi a dirigir-me á sr.ª Laubépin, e contar-lhe a mingua a que me reduzira a ausencia de seu marido. Quando eu vacillava entre o pejo e a precisão, a criada, talvez assustada pelo meu olhar de fome, cortou a questão, batendo-me precipitadamente com a porta na cara. Pensei no que devia fazer, e decidi jejuar até ao dia seguinte. Disse de mim para mim que ninguem morre da abstinencia de um dia; e se n'estas circumstancias era eu culpado de demasia de orgulho, o castigo era eu só quem o soffria, e por conseguinte ninguem tinha que vêr com isso.

Resolvido isto, fui indo até á Sorbonna, onde tenho assistido successivamente a differentes aulas, querendo assim encher á força de prazeres espirituaes o vacuo muito sensivel da minha porção material; mas chegou, por fim, a hora em que o expediente não valeu, e convenci-me que não era efficaz pelo menos. O que mais

me incommodava era uma forte irritação nervosa, que eu esperava acalmar passeando. Estava frio e brusco o dia. Ao atravessar a ponte de *Saints-Pères,* parei um instante, mau grado meu; inclinei-me sobre o parapeito, e estive olhando a corrente turva a precipitar-se debaixo dos arcos. Não sei que pensamentos malditos me passaram no espirito cansado e esmorecido: figurei-me, com côres repulsivas, um futuro de continuada lucta, dependencia e humilhação, futuro onde eu entrava lugubremente pela porta da fome: senti tedio profundo, absoluto, uma sensação de me ser impossivel a vida. Ao mesmo tempo subiu-me ao cerebro uma onda de cólera selvagem e brutal: tive como um vágado, e vi toda a superficie do rio crispar-se de faiscas. Não direi, como é costume: «Não o quiz Deus.» Desadoro essas formulas banaes. Ouso dizer: «Fui eu que não quiz.» Deus fez-nos livres. Se alguma duvida me restasse d'isto, bastaria a dissipar-m'a aquelle supremo instante em que a alma e o corpo, a coragem e a covardia, o bem e o mal, travaram em mim tão sensivel e moral combate.

Passada a allucinação, diante d'aquellas ondas temerosas, não senti outra tentação que não fosse muito innocente de saciar a sêde que me abrasava. Comtudo, reflecti que no meu quarto acharia agua mais clara, e caminhei rapidamente para casa, imaginando delicias nos prazeres que lá me esperavam. Espantei-me pueril-mente de não ter mais cedo atinado com aquelle triumphante expediente! No caminho, dei de rosto subitamente com Gastão de Vaux, que eu já não via ha dois

annos. Parou hesitando, apertou-me cordialmente a mão, disse-me duas palavras ácerca das minhas viagens, e deixou-me depressa. Depois, tornando atraz: «Meu amigo, disse elle, é urgente que tu me permittas associar-te a uma boa fortuna que me aconteceu um d'estes dias. Achei uma mina. Recebi uma carregação de charutos que me custam a dezoito vintens cada um, mas que não ha dinheiro que os pague. Pega lá um, e tu me dirás que tal é. Até mais vêr, meu caro.»

Subi com custo os seis andares, e lancei a mão tremula á bemaventurada garrafa que esvaziei a pequenos goles; depois accendi o charuto do meu amigo, dando-me, ao espelho, um sorriso animador. Tornei logo a sair, persuadido de que o movimento physico e as distracções da rua me eram salutares. Abrindo a porta, surprehendeu-me e incommodou-me, no estreito corredor, o encontro da mulher do porteiro da casa, que deu ares de contrariada da minha inopinada apparição.

Esta mulher foi criada de minha mãe, que se lhe affeiçoára, e lhe déra, quando casou, o logar lucrativo que ella hoje tem. Desconfiava eu, ha dias, que me andava espiando, e surprehendendo-a agora quasi em flagrante delicto, disse-lhe com desabrimento:

—Que quer?

—Nada, sr. Maximo, nada, respondeu perturbada. Eu vinha preparar os candieiros do gaz.

Encolhi os hombros e saí.

Anoitecia. Pude passear nos sitios mais frequentados sem receiar encontros importunos. Tive de lançar fóra

o charuto que me agoniava. Duas ou tres horas, horas cruelissimas, durou o meu passeio. É sobremaneira lancinante, no centro dos resplendores e opulencias da vida civilisada, o pungimento de quem se vê açoutado pelo flagello da vida selvagem, a fome! Isso orça pela demencia; é um tigre que vos salta á garganta d'entre as pompas da civilisação.

Novas reflexões me sobrevinham.

A fome não é, pois, uma palavra vã! Na verdade, existe uma doença com aquelle nome; é certo que ha ahi creaturas humanas, que soffrem regularmente, e quasi todos os dias, o que eu soffro casualmente, uma vez em minha vida! E para essas quantos requintes de tortura, complicados com a fome, desconhecidos para mim? O ente unico do mundo, que me interessa, sei que, ao menos, está resguardado dos males que soffro: vejo-lhe o rosto querido feliz, rosado e alegre. Aquelles, porém, que não soffrem sós, e ouvem o grito lacerante de suas entranhas repetido por labios amados e supplicantes; aquelles que são esperados em seus frios albergues por mulheres lividas e creancinhas sem sorrisos!... Pobres creaturas!... Ó santa caridade!

Pensar n'isto era envergonhar-me do queixume: cobrei forças para me affrontar com a prova até final. Era-me facil abrevial-a. Ha aqui dois ou tres *restaurants* onde sou conhecido, e, quando eu era mais rico, muitas vezes me aconteceu entrar n'elles sem escrupulo, se me esquecia o dinheiro. Isto mesmo posso fazer agora. Tambem me não seria custoso achar quem me emprestasse

alguns tostões; mas estes expedientes que resabem a miseria e trapacice, repugnam grandemente. É esta a ladeira escorregadia dos indigentes, e eu não quero mesmo tocal-a com o pé; mais quero perder a probidade que a delicadeza, que é a distincção d'aquella vulgar virtude. Ora, bastas vezes tenho eu reparado na terrivel facilidade com que o sentir melindroso da honestidade se desflora e avilta nas mais sublimes almas, não sómente ao bafejar da miseria, senão que á mais simples falta. Cumpre-me agora reger-me com severidade, para regeitar como suspeitas as capitulações da consciencia, que parecem innocentissimas. Não deve alguem, a braços com as crises, affazer sua alma á flexibilidade: de mais tem ella tendencias para dobrar-se.

O cansaço e o frio fizeram que me eu recolhesse ás nove horas. Estava aberto o portal da casa: galgava as escadas a passo de phantasma, quando ouvi no quarto do porteiro o rumorejar de conversação, de que eu parecia ser o assumpto, porque n'este mesmo instante o tyranno local proferia o meu nome em tom desprezador.

Dizia elle:

—Luiza, olha se fazes favor de me deixar, lá com o teu Maximo! Fui eu que arruinei o teu Maximo? E então? Que cantigas são essas agora? Se elle se matar, enterra-se, e arrumou.

E respondia a mulher:

—Digo-te, Vauberger, que te doía o coração se o visses com a garrafa á bocca. Olha tu, se eu creio que tu pensas o que dizes, quando dizes, como quem se não

dá, com modos de comediante: «Se elle se matar, enterra-se!...» Mas não creio, tu lá no teu interior és bom homem, só não queres que te desarranjem lá nos teus costumes... Pensa n'isto, Vauberger, não ter lume nem pão! Um moço que foi toda a vida creado com mimos, e entre pelissas como um gatinho de estimação! Não é pouca vergonha e uma patifaria isto? E não é um canalha o governo, esse teu governo que permitte semelhante cousa?

—Mas é que isso não tem nada com o governo... respondeu com muitissima razão o sr. Vauberger. E depois, tu estás enganada, digo-t'o eu, elle não chegou a isso... a não ter pão... é impossivel!

—Pois então, Vauberger, vou-te dizer tudo, eu tenho andado á espreita, e fil-o espreitar por Eduardo. Sabes que mais? tenho a certeza de que não jantou hontem, nem almoçou hoje, e não jantará hoje tambem, porque não é capaz de pedir nada, e eu mexi-lhe as algibeiras e gavetas, e não topei uma de cinco.

—Peior para elle. Que não seja orgulhoso: quem é pobre, pede, disse o honrado porteiro, que, n'esta questão, exprimiu, a meu vêr, os sentimentos de um porteiro.

Estava farto do dialogo; terminei-o abrindo de repente a porta do quarto, e pedindo luz a Vauberger, que não ficaria mais atordoado, se lhe eu pedisse a cabeça. Apesar do grande desejo que eu tinha de mostrar-me firme aos olhos d'esta gente, não pude deixar de cambalear, uma ou duas vezes, na escada, por effeito de vertigens.

Entrei no meu quarto, ordinariamente glacial, e fiquei pasmado de encontrar uma temperatura tepida, suavemente alimentada por uma fogueira viva e alegre. Não tive o rigorismo de apagal-a; bemdisse os corações bons que tem a terra; estendi-me n'um velho sophá de velludo de Utrecht que os revezes da fortuna fizeram subir, comigo, do primeiro andar á trapeira, e tratei de dormir. Haveria meia hora que eu estava immerso n'uma especie de lethargo, sonhando opiparos banquetes, quando o ranger da porta, que se abriu, me acordou sobresaltado. Cuidei que sonhava ainda, vendo entrar a mulher do porteiro com um taboleiro, sobre o qual vaporavam dois ou tres pratos odoriferos. Já ella tinha pousado no chão o taboleiro, e principiava a estender a toalha na meza, e eu não estava ainda emerso do torpor. Emfim, ergui-me impetuosamente.

—Isto que é? disse eu. Que está a fazer?

Luiza fingiu-se vivamente admirada.

—Pois não mandou vir o jantar?

—Não.

—O Eduardo disse-me que o senhor...

—Eduardo enganou-se: ha de ser outro locatario, pergunte.

—Mas n'este patamar não ha mais locatario nenhum... Eu não entendo isto...

—Finalmente, eu é que não fui... Então, fica? que quer isso dizer? Está-me incommodando! Leve isso!

A pobre mulher começou a dobrar tristemente a toalha, e a lançar-me olhos lastimosos, aquelle olhar do

caricioso cão, para o dono que o maltratou. — O senhor já jantou, provavelmente? disse ella com modo timido.

— Provavelmente.

— E' pena, que estava aqui um jantar completo; além de perder-se, o pequeno vae levar sova do pae. Se acertasse que o senhor não tivesse jantado, fazia-me um tamanho favor, se...

Bati o pé com violencia: — Já lhe disse que se fosse embora! Depois, quando ella se retirava, fui ter com ella e disse-lhe:

— Minha boa Luiza, eu comprehendo-a, e fico-lhe obrigado; mas estou alguma cousa adoentado esta noite, e não tenho appetite.

— Ah! sr. Maximo! exclamou ella, em pranto desfeito, se soubesse quanto me mortifica! Ora pois! o senhor me pagará o jantar, se quizer; dê-me dinheiro quando elle lhe chegar; mas esteja na certeza de que, se me désse um horror de contos, não me daria tanto prazer, como se aceitar este jantarsinho. Faça-me esta esmola, ande! O sr. Maximo é tão esperto, que ha de por fôrça entender isto... Vamos...

— Pois bem, minha cara Luiza, que queres? eu não posso dar-te o horror de contos... mas vou comer o teu jantar. Deixa-me sósinho, sim?

— Sim, meu senhor! Ah!... agradecida... muito lhe agradeço, senhor!... Que bom coração tem.

— E bom appetite tambem, Luiza. Dê-me a sua mão: não é para lhe dar dinheiro, esteja descansada. Assim! Até á vista, Luiza.

A boa creatura saiu soluçando.

Terminava eu estas linhas, depois que prestei fáminta homenagem ao jantar de Luiza, quando ouvi o rumor de passos pesados e graves que subiam a escada; ao mesmo tempo cuidei distinguir a voz da minha humilde providencia, expressando-se em tom de confidencia, agitada e pressurosa. Logo em seguida bateram á porta, e, quando Luiza se ia sumindo no escuro, vi assomar na moldura da porta o perfil solemne do velho tabellião. Laubépin relanceou a vista por sobre o taboleiro onde eu tinha ajuntado os restos do jantar: depois, veio a mim, abrindo os braços em signal de confusão e censura simultaneamente.

—Senhor marquez, disse elle, em nome do céo! como é que não me...? Interrompeu-se, percorreu o quarto com passos rapidos, e, parando de repente:—Eu não lhe merecia isto! disse-me: o senhor feriu um amigo, e fez córar de pejo um velho!

Contemplei-o n'aquella sua grande commoção; senti-me commovido tambem, não sabendo que responder-lhe; n'isto, apertando-me com vehemencia ao peito, murmurou-me ao ouvido:

—Meu pobre filho!...

Seguiu-se um intervallo de silencio, e, depois, sentámo-nos.

—Maximo, tornou Laubépin, conserva-se nas disposições em que o deixei? Terá animo de aceitar o trabalho mais humilde, o mais modesto emprego, com tanto que seja honesto, e que, segurando-lhe a sua subsis-

tencia, affaste de sua irmã, agora e sempre, as dôres e perigos da pobreza?

—Certissimamente: é o meu dever, estou prompto a cumpril-o.

—Em tal caso, meu amigo, escute-me. Chego da Bretanha. Existe n'esta antiga provincia uma opulenta familia de appellido Laroque, a qual de ha muito que me honra com a sua confiança. E' representada hoje esta familia por um velho e duas mulheres, cujas edades e genios os tornam a todos tres absolutamente inhabeis para administrar. Os Laroque possuem bens de fortuna territoriaes de grande vulto, cuja administração esteve ultimamente confiada a um feitor que eu tive a liberdade de classificar na ordem dos patifes. No dia seguinte ao da sua visita, Maximo, recebi a nova do fallecimento d'este homem; puz-me logo a caminho para o castello de Laroque, e pedi para o senhor o logar vago. Recommendei o seu titulo de advogado, e mórmente as suas qualidades moraes. Conformando-me com a sua vontade, nada lhes disse do seu nascimento: o nome por que é e será conhecido na casa é Maximo Odiot. Terá casa á parte, onde lhe serão ministradas as comidas, se lhe não agradar ir á mesa da familia. O seu ordenado são tres mil cruzados. Convem-lhe?

—Convem-me ás mil maravilhas, e todas as precauções e melindres da sua amizade me penhoram muito; mas, a fallar a verdade, eu receio não ter edade nem pratica bastante para administrar uma casa.

—N'essa parte, meu amigo, descance. Primeiro tive

eu esses escrupulos, e não os occultei aos interessados. Minha senhora, dizia eu á minha excellente amiga Laroque, aqui ha-se mister de um mordomo para esta casa: offereço-lh'o eu. Não tem a habilidade do predecessor; não está versado nos mysterios do arrendamento em massa, e do arrendamento em ramos; nem mesmo sabe os rendimentos dos negocios que lhe vão ser confiados; carece de conhecimentos especiaes, de pratica e de experiencia, de tudo que se aprende: tem, porém, o que o seu antecessor não tinha, o que sessenta annos de pratica lhe não tinham dado, e dez mil annos não lograriam dar-lhe: o que elle tem, minha senhora, é probidade! Eu provei-o pela fieira da consciencia: sou d'elle o responsavel. Aceite-o: verá que ha de ficar-me tão obrigada a mim como a elle. A sr.ª Laroque, meu amigo, riu muito d'este meu modo de recommendar; mas a maneira parece que era a melhor, porque a saída foi excellente.

O digno velho offereceu-se para prestar-me algumas noções geraes sobre a especie de administração que vae ficar a meu cargo, e além d'isso, no tocante aos interesses da casa Laroque, indicações que elle me prometteu colleccionar e redigir para meu uso.

—E quando vou, meu caro senhor?

—A fallar a verdade, meu rapaz (já não havia aqui marquez nenhum), o melhor será quanto antes, porque todos elles juntos não são capazes de redigir um simples recibo. Com especialidade a minha boa amiga Laroque, recommendavel por tantos meritos, em cousas de

governo é inapta, descuidosa, acreançada de theor e modo que excede a propria imaginação! E' uma crioula.

—Uma crioula! repeti eu com vivacidade.

—Sim, uma crioula velha, disse asperamente Laubépin. O marido era bretão; mas estes pormenores a seu tempo... Até ámanhã, Maximo, alma grande!... Ah! já me esquecia. Na manhã de quinta feira, antes de partir, fiz uma cousa que lhe não será desagradavel. Entre os seus credores ha alguns velhacos, cujas contas com seu pae tinham sido visivelmente de usura. Armei-me com os raios da lei, reduzi a metade os creditos, e obtive quitação do todo. O resultado é um capital de dez mil cruzados ás ordens do meu amigo. Se ajuntar a esta reserva as economias que póde fazer do seu ordenado, podemos, em dez annos, arranjar para Helena um bonito dote... Outra cousa: venha ámanhã jantar com o mestre Laubépin, e acabaremos de regular isso... Boas noites, Maximo; boas noites, meu caro filho.

—Abençôe-vos Deus, senhor!

Castello de Laroque (d'Arz), 1.º de maio.

Deixei hontem Pariz. Foi-me dolorosa a minha ultima entrevista com Laubépin. Consagro a este velho a affeição de um filho. Era forçoso dizer adeus a Helena. Para fazer-lhe comprehender a necessidade em que me vejo de aceitar emprego, era preciso deixar-lhe entrever parte da verdade. Failei de alguns passageiros obstaculos de meios. A pobre creança comprehendeu melhor do que eu desejava: arrazaram-se-lhe em lagrimas os grandes olhos e saltou-me ao pescoço.

Parti finalmente. Trouxe-me a via ferrea a Rennes, onde pernoitei. Hoje de madrugada entrei em diligencia, da qual, cinco ou seis horas depois, apeei n'uma villasinha de Morbihan, pouco distante do castello de Laroque.

Percorri dez leguas para lá de Rennes, sem dar fé do renome pittoresco da velha Armorica. Paiz espalmado, verde e monotono, infinitos pomares em campinas infinitas, fossos e escarpas de matto marginando as estradas, quando muito algumas nesgas de graça campezina,

camizolas e chapéos encerados para dar vida áquelles quadros vulgares, esse complexo de cousas induzia-me grandemente a crêr, desde a vespera, que a poetica Bretanha não era senão uma irmã presumida, e até um tanto tosca, da Baixa-Normandia. Enfadado de decepções e de pomares, deixei de prestar a menor attenção ás paisagens, e já dormitava, quando repentinamente se me figurou que o nosso corpulento vehiculo pendia para diante mais que o razoavel; ao mesmo tempo o andar dos cavallos affrouxava sensivelmente, e um estridor de ferros acompanhado de singular attrito, me avisou que o ultimo dos conductores acabava de applicar a ultima telha do travão á ultima das diligencias. Uma velha, que ia ao meu lado, agarrou-se-me ao braço com aquella calorosa sympathia que nasce da reciprocidade do perigo. Puz a cabeça fóra do postigo, e vi que desciamos por entre duas escarpas elevadas, sobre uma ladeira extremamente resvaladiça, concepção de um engenheiro verdadeiro amigo da linha recta. Ora escorregando, ora rolando, chegámos depressa a um valle estreito de aspecto sinistro, no fundo do qual passava difficultosamente, e sem ruido, por entre espessos canaviaes, um mesquinho riacho, em cujas margens alluidas se torciam alguns troncos velhos e musgosos. O caminho atravessava o ribeiro sobre uma ponte de um arco, depois galgava a ladeira opposta, traçando um sulco alvacento através da charneca immensa, safara e absolutamente calva, cujo cimo cortava o horisonte fronteiro a nós. Ao pé da ponte, e á beira do caminho, vi uma

cabana êrma, a qual, de triste e desamparada que era, confrangia o coração. Na testa da cabana estava um homem novo e corpulento a rachar lenha: tinha os cabellos amarellentos atados com um cordão preto sobre a nuca. Como elle erguesse a cabeça, fez-me impressão o estranho de suas feições, e o sereno olhar d'aquelles olhos azues. Saudou-me n'uma lingua desconhecida, em modulações rapidas, brandas e selvagens. No postigo da choça estava uma mulher a fiar. Tinha ella um penteado e feitio do vestido que reproduzia com exacção theatral a imagem d'aquellas hirtas castellãs de granito que se nos deparam deitadas sobre tumulos. Esta gente não tinha aspecto aldeão; realçavam por extremo n'aquelle exterior grave, bem-posto e engraçado que vulgarmente chamâmos «ar de distincção». Eram physionomias melancolicas e contemplativas, como tão frequentemente se encontram nos povos que perderam a sua nacionalidade.

Apeei para subir a encosta. A charneca, confundida com a estrada, esplanava-se em redor de mim, a perder de vista: era tudo terra negra eriçada de tojos; aqui e além, barrocaes, algares, trilhos abandonados, alguns penhascos: arvores nem uma só. Chegado, porém, á chã, vi á minha direita o sombrio boleado da charneca recortar lá muito ao longe uma faxa de horisonte mais longe ainda, levemente denticulado, de um azul de mar, e dourado de sol, especie de paiz de luz e fadas a entre-abrir n'aquella região desolada. Era a Bretanha, finalmente.

Aluguei uma caleça na povoação de * * * para transpôr as duas leguas que me separavam ainda do termo da minha jornada. Durante o trajecto, que não foi dos mais velozes, confusamente me recordo de ter perpassado bosques, clareiras, lagos, oasis de fresca verdura occultos nos valles; mas, ao avisinhar-me do castello de Laroque, assaltearam-me mil pensamentos penosos que se não compadeciam com as preoccupações de viajante curioso.

Estava perto o momento de me vêr com uma familia desconhecida, assim com ares de criado disfarçado, com um titulo que, quando muito, me auctorisaria a ser respeitado e attendido dos servos da casa: e tudo isto era novo para mim. N'aquelle momento em que Laubépin me propoz este emprego de mordomo, meus instinctos todos e costumes violentamente se insurgiram contra o caracter de dependencia particular annexa a semelhantes funcções. Porém, tive para mim que me era impossivel recusal-as, sem irrogar desanimadora censura ás solicitações afanosas do velho amigo a meu favor. Além de que, eu não podia esperar obter, antes de muitos annos decorridos, emprego mais independente com as vantagens que percebia desde logo, e que me deixavam tão cedo labutar para o porvir de minha irmã. Vencera muitas e muito fortes repugnancias, que despertavam de novo em presença da realidade imminente. Foi me mister recordar no codigo, que todo o homem tem no seu intimo senso, os capitulos do dever e do sacrificio; ao mesmo tempo ia pensando que nenhuma situação,

por muito humilde, é incompativel com a dignidade pessoal.

Depois delineei um plano de comportamento com os membros da familia Laroque, protestando revelar consciencioso zêlo no interesse d'elles, justa deferencia ás suas pessoas, tão affastada do servilismo como da rudeza. Porém, eu bem sabia que esta ultima parte do meu programma, porventura a mais melindrosa, tinha de ser simplificada ou complicada segundo a natureza especial dos genios e animos com quem eu ia travar relações. Ora Laubépin, reconhecendo quanto me devia importar a analyse individual d'aquella familia, foi teimosamente avaro de esclarecimentos e miudezas sobre tal assumpto. Sem embargo que, na hora da partida, me entregou uma nota confidencial, recommendando-me a queimasse logo que tirasse d'ella proveito. Tirei a nota da carteira, e entrei a estudar as expressões sybillinas, que reproduzo aqui fielmente.

Castello de Laroque (d'Arz).

ESTADO DAS PESSOAS MORADORAS NO DITO CASTELLO

«1.ª O sr. de Laroque (Luiz Augusto), octogenario, chefe actual da familia, e fonte principal da riqueza d'esta casa; antigo nauta famoso no primeiro imperio na qualidade de corsario auctorisado. Parece que enriqueceu sobre o mar por meio de emprezas legaes de varias naturezas: habitou longo tempo as colonias. Originario da Bretanha, voltou a estabelecer-se ali, haverá trinta annos, em companhia do já defunto Pedro Antonio Laroque, seu filho unico, casado com

«2.ª A sr.ª Laroque (Josephina Clara), nora do supradito; crioula de origem, de edade de quarenta annos; caracter indolente, espirito romanesco, um tanto maniaca: boa alma.

«3.ª A menina Laroque (Margarida Luiza), neta, filha,

e presumptiva herdeira dos supraditos; edade vinte annos; crioula e bretã: um tanto chimerica: boa alma.

«4.ª A sr.ª Aubry, viuva do sr. Aubry, cambista fallecido na Belgica; prima em segundo grau recolhida na casa: espirito irritavel.

«5.ª A senhorita Hélouin (Carolina Gabriella), vinte e seis annos; n'outro tempo professora de meninas; actualmente amiga de convivencia: espirito culto, caracter equivoco.

«Queime.»

Apesar da sua reserva caracteristica, este documento foi-me util: senti que, desde que cessava para mim o horror do desconhecido, parte das minhas apprehensões se dissipavam. E demais, se, no entender de Laubépin, estavam, no castello de Laroque, duas almas boas, seguramente ninguem tinha direito a esperar mais na proporção de cinco habitantes.

Depois de duas horas de caminho, o caleceiro parou em frente de uma gradaria flanqueada por dois pavilhões que eram o alojamento do guarda-portão. Deixei ahi os bahús da bagagem, e fui indo para o castello, levando n'uma das mãos o sacco de noite, e desfolhando com a outra, a chibatadas, os malmequeres que sobresaíam da relva. Após algumas centenas de passos por entre duas fileiras de enormes castanheiros, fui dar a um vasto jar-

dim, formado circularmente, o qual, ao que parecia, se transformava em floresta lá ao longe. De ambos os lados avistei profundas perspectivas abertas por entre espessas moutas já viridentes, tanques cuja agua derivava por entre as arvores, e alvos bateis acorrentados debaixo de alpendradas de cortiça. Na minha frente levantava-se o castello, edificio consideravel, no gosto elegante e meio italico dos primeiros annos de Luiz XIII. Antes d'ella está um terraço que fórma ao pé da dupla escadaria, e debaixo das alterosas janellas da fachada, uma especie de jardim particular, ao qual se sobe por muitas escaleiras largas e baixas. O aspecto ridente e pomposo d'esta habitação logrou-me completamente, e mais ainda, quando já perto do terraço, ouvi uma ingrezia de vozes infantís e alegres, que sobresaíam á toada mais longinqua de um piano. Decididamente entrei n'uma mansão de recreio, assás differente do vetusto e carrancudo torreão que eu me comprazera em figurar-me.

A occasião, porém, era pouco azada para reflexões; subi galhardamente as escadas, e acho-me, de repente, de rosto com um espectaculo que eu acharia gracioso, dadas outras circumstancias. Sobre um dos taboleiros relvosos do terraço, meia duzia de meninas, enlaçadas duas a duas, em grande risota, redemoinhavam ao sol, emquanto um piano, dedilhado por mão de mestra, lhes mandava pela janella aberta os compassos da valsa impetuosa. Eu tive escassamente ensejo de divisar as faces acaloradas das dançarinas, as meadas soltas das madeixas, e os chapéos desabados fluctuantes sobre os

hombros. A minha apparição subita foi saudada com um grito geral, seguido logo de profundo silencio; cessou a dança, e o bando, posto em fileira, esperava circumspectamente a passagem do estrangeiro. O estrangeiro, não obstante, parou, accusando-se um tanto acanhado. Comquanto eu desde muito não tenha que vêr com pretenções mundanas, confesso que, n'este conflicto, daria de graça o meu sacco de noite. Era preciso decidir-me. Quando eu já ia subindo, de chapéo na mão, a segunda escada que leva ao vestibulo do castello, cessou, de repente, o piano. O que primeiro vi na janella foi um enorme cão da Terra Nova, que poz no peitoril o velloso focinho entre as duas patas felpudas; logo em seguida appareceu uma senhora alta, cujo rosto moreno, e aspecto grave, se enquadravam na moldura espessa de cabellos negros e lustrosos. Pareceram-me extraordinariamente grandes os seus olhos, que interrogavam com desleixada curiosidade a scena exterior.

— Olá! então que é isso? disse ella com tranquilla voz.

Cortéjei-a profundamente, e, amaldiçoando mais outra vez o sacco de noite, cujo aspecto estava visivelmente divertindo os circumstantes, dei-me pressa em galgar a escadaria.

Um criado já encanecido, que encontrei no vestibulo, vestido de preto, recebeu o meu nome. Passados alguns minutos fui introduzido em uma vasta sala, decorada de estofos de seda amarella, onde logo reconheci a senhora que vira na janella, e que era definitivamente bella até

ao extremo. Ao pé do fogão, onde flammejava grande fogueira, estava, aninhada sobre farta poltrona, complicada de *édredons*, almofadas, e almofadinhas de todos os tamanhos, uma senhora de meia edade, com feições que grandemente accusavam o typo crioulo. Ao lado estava uma tripode de fórma antiga, sobre a qual ardia um brazeiro, onde ella, a intervallos, chegava as mãos magras e pallidas. Ao pé da sr.ª Laroque estava sentada outra dama, bordando; dava-se esta a conhecer no seu aspecto triste e desgracioso, pela prima em segundo grau, viuva do cambista fallecido na Belgica.

O primeiro olhar que a sr.ª Laroque me lançou pareceu-me significar a surpreza até ao espanto. Fez-me repetir o nome.

—Desculpe!... o senhor?...

—Odiot, minha senhora.

—Maximo Odiot, o gerente, o administrador que o sr. Laubépin...

—Sim, minha senhora.

—Está bem certo d'isso?

Não pude deixar de sorrir, dizendo:

—Sim, minha senhora, perfeitamente certo

Olhou para a viuva do cambista, olhou depois para a joven da fronte austera, como quem dissesse:—Entendem isto? Em seguida agitou-se ligeiramente nas almofadas, e proseguiu:

—Está bem!... queira sentar-se, sr. Odiot. Muito lhe agradeço querer dedicar-nos a sua habilidade. Pre-

cisâmos muito do seu auxilio, porque é innegavel que temos a desgraça de sermos muito ricos.

E notando que a prima em segundo grau encolhia os hombros:

—Sim, minha querida sr.ª Aubry, proseguiu a sr.ª Laroque, estou n'isto. Deus quiz provar-me fazendo-me rica. Eu nasci positivamente para ser pobre, para passar privações, dedicar-me e sacrificar-me; mas... contrariada sempre! Por exemplo: eu tanto gostava de ter um marido doente. E afinal que aconteceu? Laroque tinha uma saude de ferro. Ora aqui está como o meu destino foi e será sempre contrafeito...

—Deixe-se d'isso, disse a sr.ª Aubry com ar de zanga. Havia de dar-se bem com a pobreza, a senhora que não prescinde de um prazer, e que refina em appetites!

—Ha de entender, minha querida, replicou a sr.ª Laroque, que eu não dou apreço nenhum a dedicações inuteis. Se eu me condemnasse ás mais duras privações, quem é que aproveitava com isso? Se eu tiritasse de frio desde manhã até á noite, a senhora era mais feliz?

Aubry deu a perceber com um gesto significativo que não seria mais feliz, mas tinha a linguagem da sr.ª Laroque em conta de prodigiosamente pispontada e ridicula.

—A final, continuou a outra, se é boa ou má sorte, não faz ao caso. O certo é que somos riquissimos, sr. Odiot, e posto que me não importe a riqueza, é meu dever conserval-a para minha filha, se bem que a pobre menina dá-se tanto d'ella como eu; não é assim, Margarida?

A esta pergunta ligeiro sorriso descerrou os labios desdenhosos de Margarida: dilatou-se, um instante, o grande arco de suas sobrancelhas, e depois tornou ao grave e soberbo do costume.

—Sr. Odiot, tornou a sr.ª Laroque, vae-lhe ser mostrado o aposento que lhe foi destinado, conforme ao formal desejo de Laubépin; mas, antes d'isso, dê licença que o conduzam a meu sogro, que ha de folgar de o vêr. Faz favor de tocar a campainha, minha cara prima? Espero, sr. Odiot, que nos dê hoje o prazer de jantar comnosco. Até logo.

Entregaram-me a um criado que me pediu que esperasse, na sala contigua á outra d'onde eu saíra, em quanto elle ia receber as ordens do sr. Laroque. Tinha o criado deixado mal fechada a porta da sala, e não pude, por isso, deixar de ouvir estas palavras proferidas pela sr.ª Laroque no tom de sua habitual bondade, um pouco mesclada de ironia:

—Com effeito! entendam lá aquelle Laubépin que me annunciou um rapaz de uma certa edade, mui simples e circumspecto, e que me apresenta um janota como este!

A joven Margarida murmurou algumas palavras que eu não pude ouvir, a meu pesar, confesso, e ás quaes a mãe respondeu logo:

—Não digo o contrario d'isso, minha filha; mas da parte de Laubépin não deixa de ser a cousa completamente ridicula. Como queres tu que um alfenim d'estes calce tamancos, e atravesse um campo lavrado? Aposto

que elle não calçou tamancos nunca, nem mesmo sabe o que é tamancos! E, emfim, será um erro, filha, mas cá para mim tenho que bom mordomo sem tamancos é uma utopia. Dize-me cá, Margarida, antes que me esqueça, queres tu ir com elle a teu avô?

Margarida entrou immediatamente na sala em que eu estava, e, vendo-me, ficou contrariada.

—Desculpe, minha senhora, o criado mandou-me aqui esperar.

—Tenha o senhor a bondade de seguir-me.

Segui-a. Subi uma escada, atravessei muitos corredores, e fui introduzido n'uma especie de galeria onde me ella deixou. Examinei alguns paineis pendurados nas paredes. Eram, quasi todos, pinturas de scenas maritimas de pouquissimo valor, consagradas á gloria do antigo pirata do imperio. Viam-se ahi muitas batalhas navaes alguma cousa afumeadas, nas quaes era evidentissimo que o pequeno brigue *Amavel,* capitão Laroque, com vinte e seis peças, causava a John Bull desagradaveis pirraças. Viam-se, tambem, alguns retratos de corpo inteiro do capitão Laroque, que naturalmente me attrahiram especial attenção. Representavam todos, salvo ligeiras variedades, um homem de agigantada corpulencia, trajando uma especie de uniforme republicano com muitos ornatos, cabelludo como Kleber, e olhando em frente com olhadura energica, ardente e sombria: em resumo, uma especie de homem que se não recommendava nada por seus agrados. Quando eu estudava gravemente aquelle figurão que realisava ás mil maravilhas a idéa

que o geral da gente faz de um corsario, e mesmo de um pirata, Margarida mandou-me entrar. Achei-me na presença de um decrepito descarnado, cujos olhos escassamente conservavam lume de vida. Correspondendo ao meu cumprimento, levou a mão tremula ao barrete de seda preta que lhe cobria o craneo brunido como marfim.

—Avôsinho, disse Margarida alteando a voz, é o sr. Odiot.

O pobre velho corsario ergueu-se levemente sobre a poltrona encarando-me com uma expressão baça e indecisa. Assentei-me por indicação de Margarida, que repetiu:

—Avô, é o sr. Odiot, o novo mordomo.

—Ah! bom dia, senhor, murmurou o ancião.

Seguiu-se uma pausa do mais penoso silencio. O capitão Laroque, com o corpo dobrado em dois e a cabeça pendente, continuava a fixar-me com o seu olhar ennevoado. A final, como se tivesse descobrido assumpto de capital interesse, disse com voz cava e soturna:

—O sr. de Beauchêne morreu!

Não sabia eu que responder a semelhante communicação inesperada: ignorava absolutamente quem podesse ser este sr. de Beauchêne; Margarida não se deu ao trabalho de me dizer quem fosse o homem, e limitei-me a testemunhar, por meio de uma debil exclamação de condolencia, a parte que eu tomava na dôr d'esse desgraçadissimo successo. Mas o capitão, pelos modos, não contente com os meus pêzames, exclamou logo depois lugubremente:

—O sr. de Beauchêne morreu!

A' vista d'esta insistencia redobrou o meu embaraço. Margarida batia impaciente com o pé no sobrado; exasperou-me tudo isto, e proferi a primeira phrase que acertou de me vir á idéa, dizendo:

—Ah! e de que morreu elle?

Ainda a pergunta não estava feita, e já um relance de olhos irritados de Margarida protestava contra a irreverencia zombeteira de que eu me tornava suspeito a ella. Com quanto eu me reconhecesse apenas culpado de acanhamento lorpa, dei-me pressa em encaminhar a conversação para mais feliz saída. Fallei dos quadros da galeria, das grandes commoções que elles deviam recordar ao capitão, do respeitoso interesse que eu sentia contemplando o heroe d'aquellas gloriosas paginas. Fui assim por diante até aos pormenores, e citei com certo ardor dois ou tres combates em que o brigue *Amavet* me quiz parecer milagroso em suas façanhas. Em quanto eu fazia alarde d'esta cortezania de bom quilate, fiquei extremamente pasmado de vêr que Margarida continuva a encarar-me com desprazer e despeito manifesto! O avô, ainda assim, era todo ouvidos escutando-me; a cada palavra minha ia erguendo elle a cabeça. Sorriso estranho lhe allumiava o rosto ressequido, e as rugas parece até que se desfaziam. Eis que de subito se firma nos encostos da poltrona, e se ergue em todo o aprumo. Coriscaram-lhe as profundas orbitas lavaredas de guerra, e com voz retumbante, que me arripiou, prorompe n'estes brados: «Leme a barlavento! Ao vento todo! Fogo, bom-

bordo! Atraca! Atraca! Lança harpeus! Com força! São nossos! Fogo em cima! uma vassourada agora, varrei-lhe a coberta! A mim todos! eia! ao inglez, ao saxão maldito! *hurrah!*»

Ao despedir este ultimo brado, que roncou como de estertor, o velho, debalde amparado pelas mãos piedosas da neta, caiu como estroncado na poltrona. Margarida fez-me um signal imperioso, e eu saí. Fui dando com o caminho o melhor que pude, através de um dédalo de corredores e escadas, felicitando-me contentissimo do espirito de occasião que eu desenvolvera na minha pratica com o velho capitão do *Amavel*.

O criado de cabellos brancos que me tinha recebido á entrada, e se chama Alain, esperava-me no vestibulo para dizer-me, de mando da sr.ª Laroque, que era já tarde para eu ir examinar os meus aposentos antes de jantar, e que eu, vestido como estava, estava optimamente.

N'esse mesmo instante, entrando eu no salão, saía de lá uma sociedade de vinte pessoas, com as etiquetas do estylo, para passarem á casa de jantar. Depois da minha mudança de condição, era este o meu primeiro encontro n'uma reunião de sociedade. Ha pouco ainda affeito ás distincções que as ceremonias das salas conferem em geral á jerarchia e á riqueza, não foi sem amargura que recebi as primeiras demonstrações de desattenção e desdem, ás quaes a minha nova situação inevitavelmente me condemna. Reprimindo quanto pude as revoltas da falsa gloria, offereci o braço a uma se-

nhora de pequena estatura, mas bem feita e engraçada, que ficava sósinha atraz de todos os convivas, e que era, segundo suppuz, a sr.ª Hélouin, a professora. O meu logar na mesa estava marcado ao pé d'ella. Sentava-se a gente, quando Margarida appareceu, como Antigona, guiando o andar moroso e arrastado de seu avô. Assentou-se á minha direita, com aquelle ar de tranquilla magestade que lhe é propria, e o possante Terra-nova, que parece ser o guarda encarregado d'esta princeza, lá veio collocar-se de sentinella, atraz da sua cadeira. Achei acertado dever sem demora expressar á minha visinha o pesar que me causára o ter desastradamente avocado lembranças que pareciam agitar o animo de seu avô tão tristemente.

—Eu é que devo pedir desculpa, respondeu ella. O meu dever era tel-o prevenido que diante de meu avô nunca se falla em inglezes... O senhor já conhecia a Bretanha?

Respondi que a não conhecera até então, mas que me dava por feliz perfeitamente em conhecel-a; e, como prova de que era digno d'isso, entrei a discorrer lyricamente ácerca das bellezas pittorescas que me haviam no caminho impressionado. Quando eu presumia que esta subtil lisonja me conciliava grandemente a benevolencia da joven bretã, vi com espanto symptomas de impaciencia e fastio impressos na sua fronte. Estava escripto que eu fosse sempre infeliz com Margarida!

—Vamos lá... disse ella com singular expressão de ironia, eu vejo que o senhor ama o que é bello, o que

falla á alma e á phantasia, a natureza, os prados, as florestas, as pedras, e as bellas artes. Ha de dar-se perfeitamente com a sr.ª Hélouin, que tambem adora isso tudo, que eu da minha parte não aprecio nada.

—Mas, por Deus!... então que ama vossa excellencia, minha senhora?

A esta pergunta, que eu lhe dirigi n'um tom de agradavel jovialidade, Margarida voltou-se bruscamente para mim, encarou-me com soberba, e respondeu com desabrimento:

—Amo o meu cão! Aqui, Mervyn!

E depois introduziu cariciosamente a mão por entre o vasto felpo do Terra-nova, que, firmado nas patas trazeiras, alongava já a formidavel cabeça por entre o meu guardanapo e o de Margarida.

Não pude deixar de examinar com interesse novo a physionomia d'esta extraordinaria pessoa, e buscar ahi os signaes exteriores da seccura d'alma, que parecia ser n'ella uma profissão. Margarida, que primeiramente me parecera alta, não deve tal apparencia senão ao caracter amplo e primorosamente harmonico de sua formosura. A estatura é meã. Tanto o rosto de fórma oval, alguma cousa redondo, como o pescoço, alçado exquisita e soberbamente, são cobertos por um leve colorido de ouro sombrio. Os cabellos, que sobresaem de espesso relevo na fronte, a cada movimento da cabeça, reluzem reflexos ondulantes e azulados. As narinas, delicadas e breves, parecem trasladadas do modelo divino da madona romana, e esculpturadas em nacar vivo. Abaixo dos

olhos largos, profundos e scismadores, a cutis dourada demuda-se em aureola mais morena que semelha um traço lançado na sombra dos cilios, ou espaço requeimado pela projecção abrazadora dos olhos. Mal poderia pintar o encanto soberano do sorriso, que, a intervallos, vem animar aquelle rosto peregrino, e temperar por não sei que contracção graciosa o brilhar dos grandes olhos! Por minha fé, que a propria deusa da poesia, dos sonhos e dos mundos encantados, poderia affoutamente apresentar-se ás homenagens dos mortaes, sob a fórma d'esta rapariga, que não ama senão o seu cão! Nas suas producções mais primorosas, a natureza prega-nos estas mystificações crueis tantas vezes!

Mas que se me dá d'isso a mim? Assás conheço que estou destinado a exercer, na imaginação de Margarida, a mesma influencia que poderia exercer um negro, cousa, como sabem, pouquissimo seductora para crioulas. Por minha parte, gabo-me de ser tão orgulhoso como Margarida: de todos os amores, o mais impossivel para mim seria o que me expozesse á suspeita de calculo e industria. E demais, creio que não terei que revestir-me de grande força moral contra um perigo, que me não parece verosimil, porque a belleza de Margarida é d'aquellas que seduzem a purissima contemplação do artista, mas que não excitam sentimentos de natureza mais terna e humana.

Entretanto, a minha visinha da esquerda, a sr.ª Hélouin, ácerca de Mervyn, nome que Margarida dera ao seu vigia, desferira as pandas velas no cyclo de Arthur,

e teve a bondade de me ensinar que Mervyn era o nome authentico do feiticeiro famoso que o vulgo chama Merlin. Dos cavalleiros da Tavola-redonda remontou á época de Cezar, e fez que desfilassem diante de mim, em procissão um tanto prolixa, toda a hierarchia dos druidas, bardos, vates, depois do que descambámos fatalmente de *menhir* em *dolmen*, de *galgal* em *cromlech*.

A par e passo que eu me perdia nas florestas celticas atraz da sr.ª Hélouin, á qual sómente falta ser um pouco mais rechonchuda para dar um druida-femea soffrivel, a viuva do cambista, sentada por ali perto de nós, fazia resoar os echos de uma lamuria plangente e monotona como a choradeira de um cego: tinham-se esquecido de lhe dar o esquentador; davam-lhe a sôpa já fria; serviam-lhe ossos sem febra de carne: eis ahi como a tratavam! Aquillo era o costume! Triste cousa, muito triste é ser pobre! Segundo ella dizia, queria morrer.

—E' como lhe digo, doutor, dizia ella ao visinho que parecia escutar-lhe as lamentações com affectação de interesse um pouco ironico, é como lhe digo, doutor: isto não é graça; eu queria morrer. Muita gente ficaria desassombrada com isso. Repare, doutor, que na minha posição, quando a gente tem comido em baixella sua com o seu brazão... vêr-se reduzida á caridade, e ser ludibrio de criadagem! Ninguem sabe nem saberá o que eu tenho padecido n'esta casa. Quando a gente tem brios, soffre sem gemer; é por isso que me calo, mas a dôr cá está dentro.

—Tem razão, minha senhora, diz o doutor, que se

chama Desmarets, creio eu, não fallemos mais n'isso: tome um refresco, refrigere-se.

—Só a morte póde refrigerar-me, doutor!

—Pois n'esse caso, minha senhora, quando queira, respondeu o medico com resolução.

Mas ao centro, a attenção dos convivas convergia para o palavriado descuidoso, caustico e pedantesco de um personagem que eu ouvi nomear, o sr. de Bévallan, o qual parece aqui fruir direitos de particular intimidade. E' homem de alta estatura, de mocidade já madura, e cuja cabeça recorda fielmente o typo do rei Francisco I. Escutam-n'o como a oraculo, e a propria Margarida, todo o interesse e admiração que póde ter por qualquer cousa d'este mundo, de certo o teria por elle. Por minha parte, mal pude avaliar o merito d'aquelle leão armoricano, visto que os applausos que lhe davam prendiam com anecdotas locaes e circumstancias de campanario.

Não posso, porém, desdenhar-lhe a cortezania: offereceu-me um charuto depois de jantar, e conduziu-me á saleta onde se fuma. Tres ou quatro rapazes, que saíam apenas da adolescencia, rodeavam-n'o enthusiastas, e reputavam-n'o modelo de modos gentis e perversidade brilhante. Um d'esses jovens seidas exclamou:

—Então, Bévallan! não renuncías á sacerdotisa do sol?

—Nunca! respondeu Bévallan. Esperarei dez mezes, e dez annos se necessario fôr; mas hei de possuil-a, ou ninguem a possuirá!

—Tu não perdes o tempo, grande velhaco! a mestra vae-te ajudando a ter paciencia.

—Queres que te corte a lingua ou as orelhas, Arthur? replicou a meia voz Bévallan, aproximando-se do interlocutor, e fazendo-lhe, com rapido signal, notar a minha presença.

Vieram então á baila, em galante mistura, cavallos, cães e todas as damas d'aquelles arredores. Entre parenthesis: seria util que as mulheres podessem secretamente assistir, uma vez na vida, a alguma d'aquellas conversações travadas entre homens, na primeira expansão que vem depois de um jantar lauto: achariam ellas ahi a exacta medida da delicadeza dos nossos costumes e da confiança que lhes ella deve inspirar. E' certo que me não leva o genio para a bioquice; mas a palestra de que fui testemunha excedia, a meu vêr, os limites da mais livre galhofa: roçava por tudo, injuriava tudo zombeteiramente, e assumia a final um caracter de perversidade sem interesse e de universal profanação. Posto que incompleta, a minha educação deixou-me no espirito bases de respeito, que entendo se devem manter no meio das mais vivas expansões do humor alegre. Todavia, nós temos hoje em dia em França a nossa juvenil America, que não está satisfeita se não blasphema um pouco depois que bebe; temos amaveis bandidos em miniatura, esperanças futuras, que não tiveram pae nem mãe, que não têem patria, não têem Deus, e mais parecem ser o producto bruto de alguma machina descaroada e sem alma que os atirou casualmente ahi para sobre o globo, como mediocre ornamento d'elle. O sr. de Bévallan, que se não dedigna de instituir-se o cynico

professor d'esses devassos imberbes, não me agradou, nem eu creio que lhe agradasse a elle. Pretextei algum cansaço e despedi-me.

A meu pedido, o velho Alain pegou n'uma lanterna, e guiou-me, através do jardim, ao aposento que me fôra preparado. Haviamos andado alguns minutos, quando passámos um pontilhão de pau que atravessava um ribeiro, e chegámos em frente de uma porta massiça e ogival com uma especie de campanario em cima, e dois torreões de lado. E' o ádito do castello antigo. Carvalhos e abetos seculares circumvalam aquellas reliquias feudaes de uma sebe mysteriosa que lhes dá visos de profundo êrmo. N'estas ruinas é que eu hei de viver. O meu aposento, composto de tres quartos, aceadamente alcatifados, prolonga-se por cima da porta de um torreão ao outro. Apraz-me este melancolico recinto: diz bem com a minha fortuna. Logo que me livrei do velho Alain, que tem genio bastante fallador, sentei-me a escrever a narrativa d'este importante dia, e algumas vezes parava para escutar o dulcissimo murmurio do córrego que deriva debaixo das minhas janellas, e o grito da coruja legendaria que carpe nos visinhos bosques os seus amores tristes.

1.º de julho.

Já é tempo de eu desenredar o fio da minha existencia pessoal e intima que, ha dois mezes, se tem embaralhado no complexo das obrigações activas do meu emprego.

Ao outro dia da minha chegada, feito um estudo de algumas horas no meu retiro, sobre os papeis e registros do tio Hivart, como aqui nomeiam o meu antecessor, fui almoçar ao castello, onde apenas encontrei pequena parte dos hospedes da vespera. A sr.ª Laroque, que residiu longo tempo em Pariz, antes que as enfermidades do sogro a condemnassem a perpetua vida aldeã, conserva fielmente no seu retiro o gosto dos interesses sublimes, elegantes, ou frivolos, cujo espelho, já do tempo do turbante de Stael, era o regato da rua do Bac. Acresce a isto ter ella visitado grande porção das principaes cidades da Europa, e de lá trouxe preoccupações litterarias que ultrapassam a balisa commum da erudição e curiosidade parisienses. Recebe que farte jornaes e revistas, e applica-se a seguir de longe tanto quanto póde o moto

d'aquella refinada civilisação da qual os theatros, os museus, e os novos livros são as flôres e fructos mais ou menos ephemeros. Durante o almoço veio á questão uma opera nova, e a sr.ª Laroque fez a tal respeito uma pergunta a Bévallan, á qual elle não pôde responder, posto que tenha sempre, se devemos crêl-o, um pé e um olho no *boulevard* dos Italianos. A sr.ª Laroque voltou-se então para mim, com quanto denotasse, pela indifferença com que perguntava, a sua pouca esperança de encontrar ao corrente de taes cousas um mero procurador de causas; mas desgraçada e precisamente são aquellas as unicas cousas que eu sei. Eu tinha ouvido em Italia a opera que, pela primeira vez, se estava representando em França. A mesma reserva das minhas respostas aguçou a curiosidade da senhora, que entrou a cerrar-me com perguntas, dignando-se até communicar-me suas impressões, memorias e enthusiasmos de viagens. Veio logo o percorrermos de camaradagem os theatros, as mais famosas galerias do continente, e a nossa palestra, quando nos levantámos da mesa, estava tão animada, que a minha interlocutora, para não interrompel-a, tomou-me o braço sem dar por isso. Fomos continuar no salão as nossas sympathicas expansões. A sr.ª Laroque ia progressivamente esquecendo o tom de benevola protecção com que até ali me incommodára bastante, dirigindo-me a palavra.

Confessou-me que o demonio do theatro a atormentava em tal extremo, que ella planisava arranjar um theatro no castello. Pediu o meu parecer ácerca d'este

recreio. Fallei-lhe detidamente sobre os theatros particulares que eu tivera azo de vêr em Pariz e S. Petersburgo; depois, não querendo abusar da sua attenção, levantei-me de golpe, declarando que pretendia sem detença inaugurar as minhas funcções pela exploração de um vasto maninho situado a distancia de duas leguas do castello. A senhora mostrou-se consternada com semelhante declaração; olhou para mim, agitou-se entre as almofadas, chegou as mãos ao brazeiro, e disse-me finalmente a meia voz: «Ora! isso de que serve? deixe lá essas cousas» e como quer que eu insistisse: Mas, santo Deus! replicou com chistoso acanhamento, os caminhos estão tão maus... Espere ao menos que venha o estio.

— Não, minha senhora, repliquei sorrindo, não espero um só minuto: ou se é mordomo, ou não.

— Senhora, disse o velho Alain que estava ali, podia-se pôr o cavallo ao berlindó do tio Hivart, e ir n'elle o sr. Odiot; o transporte não é lá grande cousa, mas está seguro.

A senhora fulminou com os olhos o desgraçado Alain, que ousou propôr o berlindó do tio Hivart para um mordomo da minha categoria que tinha assistido ao espectaculo em casa da gran-duqueza Helena.

— A americana não póde passar? perguntou ella.

— A americana, senhora! Agora póde! se passar é aos pedaços, e nem assim.

Disse eu que iria a pé perfeitamente.

— Não é possivel, não quero! Ora vejamos... Temos

na cavallariça uma meia duzia de cavallos de sella á boa vida: mas o senhor provavelmente não sabe montar?

—Desculpe, minha senhora, mas não é preciso; eu vou.

—Alain, vae apparelhar para o sr. Odiot... qual cavallo, dize tu, Margarida?

—Dê-lhe Proserpina, disse Bévallan sorrindo.

—Não, não, Proserpina, de modo nenhum! exclamou Margarida com vehemencia.

—E porque não, minha senhora? disse eu.

—Porque o deitaria ao chão, respondeu francamente a menina.

—Oh! como é isso? pois devéras?... Consinta-me uma pergunta: monta uma tal fera, minha senhora?

—Sim, senhor, mas com risco.

—Pois bem; pode ser que se arrisque menos, depois de eu ter cavalgado uma vez ou duas Proserpina. Alain, mande apparelhar.

Margarida franziu o seu negro sobrolho, e assentou-se gesticulando de modo que queria dizer que lavava as mãos da imminente catastrophe que previa.

—Se carece de esporas, ponho um par á sua disposição, disse Bévallan, que tinha como certa a minha desistencia.

Sem dar sombras de entender o olhar de censura que Margarida dirigiu ao obsequioso gentil-homem, acceitei as esporas. Cinco minutos depois, um rumor de desordenado tropel annunciava a approximação de Proserpina, que difficilmente conduziram ao fundo da esca-

leira do jardim reservado, e que era um bellissimo corcel, negro como azeviche. Desci eu logo ao pateo. Alguns rapazes, com Bévallan á frente, seguiram-me, creio que por piedade, e ao mesmo tempo abriram-se as tres janellas da sala, para uso das senhoras e dos velhos. Bem dispensava eu todo este apparato; mas, emfim, não havia remedio senão conformar-me. As consequencias da aventura pouco me inquietavam, porque se eu sou um mordomo novato, tenho-me em conta de velho picador. Mal eu andava, logo meu pobre pae me bifurcou n'um cavallo, com grande susto de minha mãe, e depois empregou todo o esmero em me egualar comsigo na arte em que elle era primoroso. N'esse ramo, chegou a tal requinte a minha educação, que muitas vezes, por ordem de meu pae, enverguei velhas e pesadas armas de avoengos, para executar mais a preceito os meus exercicios de picaria. Proserpina, sem dar o menor signal de irritação, consentiu que eu lhe alizasse as redeas, e lhe afagasse o pescoço; mas apenas sentiu o pé no estribo, escabriou-se de golpe a um lado, e atirou duas parelhas de couces por sobre os vasos de marmore que adornavam o pateo; depois compoz-se, deu alguns galões, e aquedou convulsivo.

—Não é bom de montar, disse o cocheiro, piscando o olho de revés.

—Bem vejo, meu rapaz; mas agora é que elle vae admirar-se!

Apenas disse estas palavras, montei de um salto, caindo sobre a sella sem tocar no estribo, e em quanto

Proserpina reflectia no successo, firmei-me solidamente. Em seguida desapparecemos a meio-galope na avenida dos castanheiros, seguidos pelo estrepido das palmas, para as quaes Bévallan teve o bom accordo de dar o signal.

Com quanto insignificante, este incidente não deixou de encarecer singularmente os meus creditos no conceito d'aquella gente, que desde esta tarde o demonstrou nos modos. Algumas outras prendas de egual valor, de que me dotou a educação, confirmaram n'esta familia a importancia que ambiciono—a que deve garantir a minha dignidade pessoal. Todos sobejamente conhecem que eu de modo nenhum pretendo abusar das considerações e obsequios, com a mira de usurpar no castello uma posição incompativel com as funcções modestas que exerço. Encerro-me no meu aposento todo o tempo que posso, sem faltar formalmente ás conveniencias; n'uma palavra, conservo-me estrictamente no meu posto, para que nunca se dê o caso de m'o lembrarem.

Alguns dias depois da minha chegada, assistindo eu a um dos jantares de ceremonia, que, n'esta estação, são quasi quotidianos aqui, foi o meu nome proferido em tom interrogativo pelo sub-prefeito da villa visinha, que estava sentado ao lado da castellã. A sr.ª Laroque, bastante sujeita a semelhantes distracções, esqueceu-se que eu estava perto de si, e fez que eu ouvisse, com vontade ou sem ella, toda a resposta:

—Não me falle em tal! ha aqui um mysterio incomprehensivel. Quer-nos parecer que é algum principe

disfarçado... Ha tantos que correm o mundo ás temporadas! Cá este tem todos os dotes imaginaveis; monta a cavallo, toca piano, desenha, e tudo isto perfeitamente. Aqui entre nós, meu caro sub-prefeito, eu acho que elle é um pessimo mordomo; mas é um homem muito agradavel.

O sub-prefeito, que tambem é homem muito agradavel, ou que crê sel-o, pelo menos, o que importa o mesmo para elle, disse então graciosamente, afagando com a mão carnuda os esplendidos bigodes: que no castello estavam uns bellos olhos que explicavam muitos mysterios; que elle desconfiava que o mordomo fosse um pretendente; além de que, o amor era legitimo pae da Loucura e intendente nato das Graças... e logo, mudando subitamente de tom:

—E demais, minha senhora, se este individuo lhe causa a menor inquietação, eu o farei interrogar ámanhã pelo commandante do destacamento.

A sr.ª Laroque revoltou-se contra este excesso de zêlo e a conversação, com respeito a mim, não passou além; mas eu fiquei d'ella ferido, e zangado não contra o sub-prefeito, que, pelo contrario, me divertiu extremamente; mas sim contra a sr.ª Laroque, a qual, encomiando até á demasia as minhas qualidades privadas, pareceu-me escassamente convencida do meu merecimento official.

Quiz o acaso que eu no dia seguinte ronovasse o arrendamento de terras consideraveis. Esta operação era negociada com um velhote aldeão, grande marau, que

eu consegui aturdir com alguns palavrões de jurisprudencia astutamente combinados com as reservas de uma prudente diplomacia. Ultimadas as convenções, o homem despejou tranquillamente sobre a minha secretária tres rôlos de peças. Com quanto a significação d'esta entrega indevida me não occorresse, abstive-me de mostrar-me indiscretamente surprehendido: mas por meio de algumas perguntas indirectas, fiquei entendendo ser aquella quantia uma especie de arrhas de transacção, por outras palavras, as luvas que os caseiros, a meu vêr, usam de dar ao proprietario em cada renovação de arrendamento. Não me passava pela mente reclamar taes arrhas, porque não tinha encontrado menção alguma nos contractos anteriores redigidos por meu habil antecessor, os quaes me serviam de modelo. Todavia, d'esta circumstancia não inferi nada na occasião; porém, quando fui entregar á sr.ª Laroque esta dadiva muito de estimar, espantou-me a surpreza d'ella.

— Isto que é? disse a senhora.

Expliquei-lhe a natureza da gratificação. Fez-me dizer-lh'a outra vez e replicou:

— Mas isto é costume?

— Sim, minha senhora, sempre que se admitte reforma de arrendamento.

— Mas, desde que me conheço, ha bons trinta annos, quo tenho assistido á renovação de dez arrendamentos. Como é que eu nunca ouvi fallar de semelhante cousa?

— Isso é que eu não sei dizer-lhe, minha senhora.

Caiu n'um abysmo de reflexões, no fundo do qual bem póde ser que ella encontrasse a sombra veneranda do tio Hivart; depois agitou ligeiramente os hombros, olhou para mim, para o dinheiro, outra vez para mim, e ficou perplexa. A final, encostando-se á poltrona, disse-me com simplicidade de agradecer:

—Muito bem, sr. Odiot, fico-lhe obrigada.

Este acto de ordinaria probidade, que ella delicadamente não encareceu, nem por isso conseguiu da sr.ª Laroque grande idéa da capacidade e virtudes de seu mordomo. Tive occasião de sabel-o, passados alguns dias. Estava a filha lendo-lhe a noticia de uma viagem ao pólo, onde vinha a pêllo um passaro extraordinario que não vôa.

—Olha lá, disse ella, é tal qual o meu mordomo.

Tenho firmes crenças de ter adquirido, de então para cá, á custa dos muito austeros cuidados com que me tenho dado ao meu cargo, alguns titulos a uma consideração de um genero menos negativo. Laubépin, quando eu fui ha pouco a Paris abraçar minha irmã, agradeceu-me com viva sensibilidade o muito que eu honrava as cauções que elle dera de mim.

—Coragem, Maximo! disse-me elle. Havemos de dotar Helena. A' pobre menina terá passado tudo desapercebidamente. E, no tocante ao meu amigo, não se penalise. Creia-me, o que mais se apparenta felicidade n'este mundo, tem-n'o o senhor; e graças ao céo, agora vejo que o terá sempre: paz de consciencia, e a viril serenidade de uma alma toda apontada ao dever.

Sem duvida; o velho tem razão! Estou tranquillo, e todavia, não me sinto feliz. Na minha alma, immatura ainda para os austeros jubilos do sacrificio, ha raptos de mocidade e desesperação. Esta minha vida, votada e devotada sem reserva, a outra vida mais debil e querida, já me não pertence: futuro não o tenho, estou como encerrado perpetuamente n'um claustro. Não haja mais pulsar n'este coração: as combinações do meu espirito todas me são inspiradas de outra existencia. Seja Helena feliz! Vou já adiantado em annos; depressa venha o gelo d'elles a fortalecer-me os alentos.

Não sei porque deva queixar-me de uma situação que, por derradeiro, desmentiu as minhas penalisadoras apprehensões, e foi além das minhas melhores esperanças! O trabalho, as frequentes viagens ás provincias visinhas, o affecto á solidão, affastam-me frequentes vezes do castello, de cujas reuniões tumultuosas fujo. Póde ser que a este retiro eu deva o acolhimento amigo que me fazem. A sr.ª Laroque, principalmente, revela-me verdadeira affeição; toma-me como confidente das suas extravagantes e ingenuas manias de pobreza, dedicação e abnegação poetica, intermitentes que contrastam recreativamente com as suas multiplicadas precauções de crioula friorenta. Agora, inveja as bohemias rodeadas de creanças, que puxam nas estradas miseraveis carretas, e cozem os alimentos abrigando-se nas sebes. Logo, ambiciona as heroicas fadigas das irmãs da caridade. Não cessa, finalmente, de increpar a saude admiravel do marido defunto, que nunca lhe deu azo a desenvolver as

qualidades de enfermeira que lhe intumeciam o coração. Mas, n'um d'estes dias, ideou ella uma especie de nicho em fórma de guarita, onde mette a poltrona, para se abrigar das correntes do ar. Encontrei-a assim installada triumphalmente no seu kiosque, onde ella espera resignadamente o martyrio!

Quasi me dou por contente, do mesmo modo, com os outros habitantes do castello. Margarida, sempre engolfada como esphinge da Nubia em algum sonho inaudito, condescende, ainda assim, com obsequiosa bondade a repetir as arias minhas predilectas. Tem voz de contralto admiravel, da qual usa com arte consumada, mas ao mesmo tempo com um desapego e frieza que simulam verdadeiro calculo. Acontece-lhe, porém, deixar fugir, em distracção, modulações apaixonadas dos labios; mas logo se retrahe aos limites de glacial correcção, como humilhada e corrida de ter-se olvidado do seu caracter e systema. Algumas partidas de *piquet*, que eu tenho tido a facil cortezia de perder com o sr. Laroque, tem-me conciliado a estima do pobre velho, cujos olhares enfraquecidos se fixam algumas vezes sobre mim com attenção sobremodo especial. Dir-se-ia que algum sonho do passado, alguma imaginaria semelhança, desponta entre as nevoas d'aquella memoria fatigada, no seio da qual fluctuam as confusas imagens de um seculo inteiro. Mas não me queria esta gente restituir o dinheiro que me elle ganhára! Parece que a sr.ª Aubry, parceira habitual do velho capitão, não escrupulisa em acceitar regularmente semelhantes restituições, o que

não a impede de ganhar muitas vezes ao corsario, com quem elle, em circumstancias taes, tem abordagens tumultuarias. Esta dama, que Laubépin muito favorecia qualificando-a simplesmente de animo irritavel, não me inspira sympathia alguma. Comtudo, em respeito á casa, tenho-me esmeredo em carear-lhe a bemquerença, e consegui-o dando attenciosos ouvidos, já ás suas miseraveis lamurias sobre a condição presente, já ás descripções emphaticas da vida passada, da sua baixella, mobilia, rendas e pares de luvas.

Devo confessar que estou em excellente escola para aprender a desdenhar os bens que perdi! Com effeito, aqui toda a gente, tanto nos modos como no palavriado, me pregam eloquentemente o despreso das riquezas. Primeiro a sr.ª Aubry, que póde ser equiparada aos comilões despejados, cuja revoltante gula vos tolhe o appetite, e vos causam asco profundo das iguarias que vos elles gabam. Depois, um velho que se extingue sobre os seus milhões tão tristemente como Job sobre as palhas. Esta excellente senhora, mas romanesca e farta de gosar, que almeja, no amago da sua importuna prosperidade, o fructo prohibido da miseria. Por derradeiro a soberba Margarida, que cinge, como corôa de espinhos, o diadema da belleza e opulencia com que o céo lhe martyrisa a fronte.

Exquisita creatura! Rara é a manhã de bom tempo em que eu não a vejo da minha janella passar a cavallo. Cumprimenta-me com um grave meneio de cabeça que faz ondular a pluma negra do seu chapéo,

depois lá vae a passo lento pela avenida umbrosa que atravessa as ruinas do castello antigo. Vae de pós ella ordinariamente o velho Alain; outras vezes o seu companheiro unico é o enorme e fiel Mervyn, que apressa o passo ao lado de sua gentil dona, caminhando como um urso meditabundo. Ella ahi vae com este simples acompanhamento, pelos arrabaldes, em demanda de aventuras de caridade. Bem pode dispensar quem a guarde, porque, seis leguas em roda, não ha choça que a não conheça e venere como a fada do bem fazer. Os aldeões, fallando d'ella, dizem simplesmente «a senhora» como se fallassem d'uma d'essas filhas de reis que aformoseiam as suas legendas, e das quaes ella se lhes afigura ter a belleza, o poderio e o mysterio.

Dá-me, porém, que pensar a nuvem de sombria preoccupação que lhe tolda incessante a fronte, aquella desconfiada e altiva severidade de olhar, a seccura amarga da sua linguagem. Pergunto a mim proprio se serão aquellas as feições naturaes de um genio extraordinario e mixto, ou symptomas de algum secreto tormento, remorso, terror ou amor que roe aquelle pobre coração.

Por muito desinteressado que eu ande nesta analyse, é impossivel abster-me de certa curiosidade no tocante a pessoa tão de notar. Hontem á noite, quando o velho Alain, que parece ser-me bastante affeiçoado, me servia a solitaria refeição, disse-lhe eu:

—Hoje esteve um lindo dia. Foram passear hoje?

—Sim, senhor, de manhã, com a menina.

—Ah! sim?

—O senhor viu-nos passar?

—E' possivel, Alain. Sim, algumas vezes tenho-os visto passar... Não fica mal a cavallo, Alain.

—Isso são favores. A menina vae melhor que eu.

—E' uma menina lindissima.

—Oh! perfeita, meu senhor, por fóra e por dentro, como a mãe. Eu direi ao senhor uma cousa. O senhor sabe que estes bens pertenciam d'antes ao ultimo conde de Castennec, que eu tive a honra de servir. Quando a familia Laroque comprou o castello, hei de confessar ao senhor que não fiquei bom cá por dentro, e estive vae não vae a deixar a casa. A minha educação foi com fidalgos, e custava-me muito a entrar no serviço de gente de pouco mais ou menos. O senhor ha de ter notado que eu tenho cá um certo prazer de o servir, porque acho que o senhor tem modos de gentil-homem. O senhor está bem certo de que não é fidalgo?

—Acho que estou, meu pobre Alain.

—Ora o que eu queria dizer-lhe, tornou Alain inclinando-se com graça, é que eu aprendi no serviço d'estas senhoras que a fidalguia dos sentimentos vale bem a outra, e principalmente a do sr. conde de Castennec, que tinha o defeito de bater nos criados. E' pena que a menina não case com um fidalgo de nomeada. Com isso ficava perfeita.

—Mas eu creio, Alain, que isso depende da vontade d'ella unicamente.

—Se o senhor quer fallar de Bévallan, ponto é que ella queira, porque elle já a pediu ha seis mezes. A se-

nhora não parecia muito contraria ao casamento, e de feito o sr. de Bévallan, depois dos Laroques, é o mais rico d'estes sitios; mas a menina, sem se decidir positivamente, quiz tempo para pensar.

—Mas se ella effectivamente ama o sr. de Bévallan, e se póde desposal-o quando quizer, porque motivo andará ella sempre tão triste, tão abstrahida?

—A verdade, sr. Odiot, é que a menina, de ha tres annos para cá, mudou completamente. D'antes era um passarinho a folgar; agora parece que alguma cousa a apoquenta; mas, a meu vêr, com o devido respeito, não acho que seja por causa do tal senhor.

—Não me parece que é muito affeiçoado ao sr. de Bévallan, meu bom Alain! E com tudo, a linhagem d'elle é excellente...

—Isso não tira de elle ser um mau estroina, que passa o tempo a corromper as raparigas da terra. E o senhor que sabe vêr bem as cousas, deve ter notado que elle não se lhe dava de fazer de sultão no castello, em quanto não chega cousa melhor.

Esteve calado um pouco, e proseguiu:

—E' pena que o senhor não tenha ao menos cincoenta mil cruzados de renda.

—Para que, Alain?

—Para... disse Alain meneando a cabeça em ar meditativo.

25 de julho.

No decurso do mez passado ganhei uma amiga, e creio que adquiri duas inimigas. Estas são Margarida e Hélouin. A amiga é uma solteirona de oitenta e oito annos. Receio que a compensação não valha a pena.

A sr.ª Hélouin, com quem quero desde já saldar as minhas contas, é uma ingrata. O que ella chama as minhas offensas, deveria ser motivo para que me ella estimasse mais; mas o que vejo é que ella é mais uma d'aquellas mulheres vulgarissimas no mundo, que não collocam a estima no numero dos sentimentos que ellas desejam inspirar, ou que lhes inspirem. Desde que vim para aqui, uma especie de conformidade entre a fortuna da professora e a do mordomo, a commum modestia da nossa posição no castello, induziram-me a enlaçar com Helena relações de bemquerença affectuosa. Em todas as épocas, tomei a peito mostrar a essas pobres senhoras o interesse que julguei dever-se á sua missão penosa, situação precaria, humilhada e sem por-

vir. Hélouin é bonita, intelligente, muito prendada, e posto que desluza um pouco tão boas qualidades com a vivacidade dos seus transportes, garridice febril e ligeiro pedantismo, que são os ossos do officio, era diminutissimo o meu merecimento, convenho n'isso, para representar a seu lado o papel cavalheiroso que me eu a mim impozera. Tal papel pareceu-me ser um dever, quando lobriguei, depois de muitos presentimentos racionaes, que um leão voraz, parecido com Francisco I, girava furtivamente em redor da minha protegida jovem. Esta duplicidade, que honra a audacia do sr. de Bévallan, é encaminhada, sob pretexto de amavel familiaridade, como uma politica e serenidade que facilmente enganam as vistas incautas ou sinceras. A sr.ª Laroque e a filha, com particularidade, são de todo estranhas ás perversidades d'este mundo, e vivem muito distantes da realidade para entrar n'ellas sombra de suspeita. Pelo que a mim toca, irritadissimo contra este insaciavel devorador de corações, tomei como divertimento empatar-lhe as vasas: mais de uma vez desviei-lhe a attenção que elle solicitava; curava, sobretudo, de diminuir no coração da menina aquelle acre sentimento de desamparo e soledade que em geral tanto se apega ás consolações que são offerecidas. Porventura, ultrapassei, no corrente d'esta indiscreta lucta, as balisas delicadas de uma fraternal protecção? Creio que não, e as palavras propriamente do curto dialogo que subitamente modificou a essencia da nossa alliança, provarão em abono da minha reserva. Por uma tarde da semana pas-

sada, tomavamos o fresco no terrasso. Hélouin, tendo-lhe eu de dia prodigalisado particulares attenções, tomou-me de sobresalto o braço, e brincando com uma flôr de larangeira entre os seus pequeninos e alvos dentes, disse-me, um pouco commovida:

—O sr. Maximo é bom.

—Quizera sel-o, minha senhora.

—E' um amigo verdadeiro.

—De certo.

—Mas amigo... como?

—Verdadeiro, como a senhora disse.

—Amigo... que me ama?

—Certamente.

—Muito?

—Sem duvida.

—Apaixonadamente?...

—Não.

Dito este monosyllabo, que eu proferi sonoramente e confirmei com um firme olhar, Hélouin arremessou para longe a flôr de larangeira, e deixou-me o braço. Desde aquella hora nefasta, trata-me com desdem immerecido. Por averiguado teria eu que a amizade entre diversos sexos é sentimento illusorio, se a minha má ventura não tivesse compensação no dia seguinte.

Fui passar a noite ao castello. Na manhã d'esse dia, tinham-se retirado tres familias estrangeiras que se haviam demorado quinze dias. Encontrei sómente a gente costumada, o cura, o mestre, o dr Desmarest, e o general Saint-Cast e sua mulher, que moram na villa pro-

xima, que é tambem a residencia do medico. A sr. de Saint-Cast, que pelos modos levou ao marido copiosos bens de fortuna, estava, quando eu entrei, em afervorada palestra com a sr.ª Aubry. Eram duas damas que se davam ás mil maravilhas, celebrando alternadamente, como dois pastores de bucolicas, os incomparaveis encantos da riqueza, n'uma linguagem cuja distincção de fórma competia com o levantado da idéa.

—Tem muita razão, minha senhora, dizia Aubry; n'este mundo cousa boa ha só uma, é ser rico. Quando eu o era, desprezava de todo o meu coração quem o não fôsse, e d'ahi vem que acho muito natural que me desprezem agora, e não me lastimo por isso.

—Ninguem a despreza por isso, minha senhora, replicou a sr.ª de Saint-Cast, de certo não; mas o certo é que ser rico ou ser pobre são cousas muito differentes. Aqui está o general que sabe d'isso, porque não tinha onde caisse morto, quando eu casei com elle; tinha apenas a sua espada, e não é uma espada que aduba a panella, pois não, minha senhora?

—Não, não, oh! não, minha senhora, exclamou Aubry, applaudindo a metaphora arrojada. Honra e gloria são bonitas cousas em romances; mas eu antes quero uma boa carruagem, não acha?

—De certo, é o que eu ainda hoje disse ao general, quando vinhamos para cá, não disse, general?

—An? regougou o general, que jogava sorumbaticamente a um canto da sala com o antigo corsario.

—O general não tinha nada quando eu casei com-

sigo, tornou ella; creio que o não negará, penso eu.

—A senhora já o disse, murmurou o general.

—Se assim não fôsse havia de andar a pé, meu general, o que não lhe seria muito agradavel ás suas feridas... Com os seus tres mil cruzados ou pouco mais de soldo de reformado, não poderia ter sege.... Isto lhe dizia eu hoje, minha amiga, a proposito da nossa nova carruagem, que é suave até mais não. Podéra! eu não fiz questão de preço: custou-me quasi duzentas libras, pagas do meu bolsinho.

—Acredito, minha senhora. A minha carruagem de gala custou-me duzentas e cincoenta, incluindo a pelle de tigre para os pés, que só á sua parte valia vinte e tantas libras.

—Eu por mim, tornou a mulher do general, tive de olhar ás economias, porque reformei ha pouco a mobilia do salão, e só em tapeçarias andou-me por sete mil cruzados. E' de mais para um albergue de provincia, dirá a senhora, e tem razão; mas toda a villa falta adorar-me, e a gente quer ser respeitada, não é assim, minha senhora?

—Pois que duvida! a gente quer ser respeitada, e o dinheiro é que mede o respeito. Eu por mim, consolo-me do nenhum respeito que hoje em dia me dão, lembrando-me que, se eu fosse o que ainda já fui, veria a meus pés toda a gente que me despreza.

—Menos eu, alto lá! exclamou o dr. Desmarest levantando-se de golpe. Ainda que a senhora tivesse cem milhões de renda, não me veria a seus pés, dou-lhe a

minha palavra de honra. Sem mais, vou tomar ar, porque, leve-me o diabo, se aqui se póde respirar.

Ao mesmo tempo o brioso doutor saiu da sala, levando comsigo a minha gratidão, por me ter prestado um grande serviço consolando-me o coração, indignado e opprimido por este dialogo.

Posto que Desmarest esteja identificado á casa assim como um S. João Bôca-d'Ouro a quem se tolera a maxima independencia de linguagem, a apostrophe, de vivissima que fôra, não podia deixar de causar ás pessoas presentes um sentimento de mal-estar que se traduziu em incommodo silencio. A sr.ª Laroque cortou-o habilmente perguntando á filha se já tinham dado oito horas.

—Não, minha mãe, respondeu Margarida, porque a sr.ª de Porhoet ainda não chegou.

Um minuto depois soou a campainha, abriu-se a porta, e a sr.ª Jocelinda de Porhoet-Gael, pelo braço do dr. Desmarest, entrou na sala com uma pontualidade astronomica.

A sr.ª de Porhoet-Gael, que contou este anno as suas oitenta e oito primaveras, e que dá apparencias de uma canna muito alta, atufada de estofos, é a derradeira vergontea de nobilissima linhagem, cujos mais remotos ascendentes se conjectura serem os fabulosos monarchas da velha Armorica. D'esta casa, porém, só a historia começa a fallar no seculo XII, no personagem Juthael, filho de Conan le Tort, oriundo do ramo segundo de Bretanha. Algumas gotas do sangue dos Porhoet filtraram nas mais illustres veias da França, nas dos Rohan-

Lusignan, Penthièvre, e estes grandes senhores assentam que não era aquelle o menos puro do seu sangue. Recordo-me agora que estudando uma vez, n'um accesso de juvenil vaidade, a historia das allianças da minha familia, reparei no estupendo nome de Porhoet; e meu pae, eruditissimo em taes materias, encomiou-o grandemente. Esta sr.ª Porhoet, unica existente hoje com tal appellido, não quiz jámais casar-se, a fim de conservar o mais tempo que podesse no firmamento da fidalguia franceza a constellação d'estas magicas syllabas: Porhoet-Gael. Acertou-se um dia de fallar, em presença d'ella, dos primordios da casa de Bourbon.—Os Bourbons, disse a dama, esgaravatando na sua cabelleira loura com a agulha de fazer meia. A nobreza dos Bourbons é boa; mas (e aqui deu-se ares de modestia) ma-ha cousa melhor!

Como quer que seja, é forçoso inclinar-se a gente diante d'esta solteirona decrepita e magestosa, que supporta com dignidade sem egual a triple e pesada soberania do nascimento, da edade e do infortunio. Uma deploravel demanda, que ella obstinadamente sustenta no estrangeiro ha mais de quinze annos, tem-lhe pouco e pouco absorvido os haveres, que poucos são já, tão poucos que o rendimento orçará por duzentos mil réis. Esta estreiteza não lhe modificou a prosapia, nem o temperamento: é alegre, egual e pulida: vive, ninguem sabe como, na sua casinha com uma creadita, e ainda dá esmolas.

As sr.ªs Laroque e filha affeiçoaram-se grandemente,

e honra lhes seja, á visinha pobre: n'esta casa respeitam-n'a muito, o que desagrada altamente á sr.ª Aubry. Muitas vezes vi eu Margarida deixar a mais animada dança para completar a partida de whist á sr.ª de Porhoet: se o whist da sr.ª de Porhoet (a dez réis o tento) faltasse um dia só, acabava o mundo. Eu mesmo sou um dos seus parceiros preferidos, e, n'esta noite a que alludo, o cura, o doutor e eu, sentámo-nos á banca, defronte e ao lado da descendente de Conan le Tort.

E' de saber que no começo do ultimo seculo, um tio avô da sr.ª de Porhoet, que era muito do duque de Anjou, transpoz os Pyreneus na comitiva do joven principe, que foi depois Filippe V, e fundou em Hespanha um estabelecimento que prosperou. D'este; a descendencia directa haverá quinze annos que se extinguiu, e a sr.ª de Porhoet, que nunca se esquecera dos seus parentes de além dos Pyreneus, habilitou-se logo herdeira dos seus bens de fortuna, que se reputam avultados: estes direitos foram-lhe legitimamente disputados por uma das mais nobres familias de Castella, aparentada com a familia hespanhola do tronco dos Porhoet. E d'ahi resultou a demanda que a desgraçada octogenaria sustenta com grandes despezas de tribunal em tribunal, com uma persistencia que já chega a mania, que os amigos lamentam, e de que os indifferentes zombam. O dr. Desmarest, com quanto respeitador da sr.ª de Porhoet, não resiste a bandear-se com os mofadores, por isso que desapprova formalmente o uso que a phantasia da pobre senhora promette fazer da chimerica he-

rança; e vem a ser, a edificação, na cidade visinha, de uma cathedral no mais primoroso estylo de espavento, a qual ha de levar aos mais remotos seculos porvindouros o nome da fundadora e o de uma grande raça extincta.

Esta cathedral, sonho continuado, é o brinquedo innocente d'esta menina decrepita. Já intende na execução dos planos; já desvela as noites e os dias a meditar-lhe nos esplendores, já a reformar traças, já a accrescentar graciosamente os ornatos: falla da cousa como de um monumento já edificado e frequentado: «Estava eu na nave da minha cathedral; esta noite observei cousa que muito me impressionou na nave septentrional; reformei a libré do porteiro», *et cætera.*

—Então, minha senhora, diz o doutor baralhando as cartas; trabalhou muito desde hontem na cathedral?

—Pois então, doutor! Occorreu-me até uma idéa felicissima. Substitui a parede massiça que separava o côro da sachristia por uma cinta de pedra folheada, á semelhança da capella de Clisson na egreja de Josselin. E' muito mais simples.

—Decerto que é; mas que ha de novo de Hespanha? Ah! espere... será verdade o que eu vi hoje na *Revista dos dois mundos?* que o joven duque de Villa-Hermosa lhe propõe acabar amigavelmente com a demanda, mediante um casamento?

A sr.ª de Porhoet sacudiu com desdenhoso tregeito o penacho de fitas desbotadas que fluctua no seu toucado.

—Eu regeitaria decididamente, disse ella.

—Sim, sim, a senhora diz isso; mas que quer dizer uma toada de guitarra que se escuta algumas noites debaixo das suas janellas?

—Ora!

—Ora? E' um hespanhol de manto e botas amarellas que anda por ahi a suspirar constantemente!

—O senhor está muito divertido, disse a sr.ª de Porhoet, abrindo socegadamente a caixa do rapé. Já que quer saber, dir-lhe-hei que o meu procurador me escreveu de Madrid ha dois dias, dizendo-me que, havendo alguma paciencia, veriamos infallivelmente o termo dos nossos males.

—Por vida minha, isso creio eu. Quer saber d'onde veio o seu procurador? Da caverna de Gil Braz directamente. Ha de chupar-lhe o ultimo ceitil, e rir-se da senhora. Ah! que bem avisada andaria se acabasse por uma vez com essa loucura, e vivesse socegada!... Os milhões de que lhe serviam, vejamos. Não é a senhora feliz e respeitada?... que mais quer? A respeito da sua cathedral, não fallo n'isso mais, que é um gracejo de mau gosto.

—A minha cathedral é um gracejo aos olhos dos maus gracejadores, dr. Desmarest; além de que, eu defendo os meus direitos, pugno pela justiça: os bens são meus, ouvi-o dizer a meu pae cem vezes, e nunca por minha vontade elles irão dar em mão de gente tão estranha á minha familia como o é o senhor, ou como

este senhor, accrescentou designando-me com um signal de cabeça.

Tive a puerilidade de me julgar menospresado pela polidez, e respondi logo:

—No que me diz respeito, minha senhora, engana-se; porque a minha familia teve a honra de ter allianças com a sua, e reciprocamente.

Ouvindo estas estupendas palavras, a sr.ª de Porhoet aproximou rapidamente do queixo aguçado as cartas que tinha em leque, e endireitando o corpo esguio, fitou-me nos olhos para assegurar-se de que eu não enlouquecera; depois, com sobrenatural esforço tranquilisou-se, e levando ao nariz uma pitada de tabaco hespanhol:

—Ha de provar-me isso que diz, cavalheiro, disse ella.

Envergonhado da minha ridicula jactancia, e corrido dos olhares curiosos que attrahira, inclinei-me desgeitosamente sem responder.

Acabou o nosso whist n'um silencio morno.

Eram dez horas, e preparava-me para sair furtivamente, quando a sr.ª de Porhoet me tocou no braço.

—Sr. mordomo, disse ella, faz-me a honra de me acompanhar até ao fim da avenida?

Cortejei-a e segui-a. Entrámos no parque. A criadinha, vestida á moda da terra, ia adiante, com o lampeão; depois seguia-se a sr.ª de Porhoet, hirta e taciturna, apanhando com mão desvelada e pudica os finos refegos do seu gabão de seda. Recusára seccamente o offerecimento do meu braço, e eu caminhava a par com

ella, cabisbaixo, e nada contente com a figura que ia fazendo. Ao cabo de alguns minutos d'esta funebre marcha, diz ella:

—Ora bem! espero que se explique. O senhor disse que a minha familia estava alliada á sua, e como uma alliança de semelhante estôfa é ponto de historia inteiramente novo para mim, muito grata lhe ficarei se tiver a bondade de esclarecer-me.

Eu tinha resolvido comigo guardar a todo o custo o segredo do meu incognito.

—Minha senhora, disse eu, ouso esperar que desculpará um gracejo que derivou na corrente da conversação...

—Um gracejo! exclamou a sr.ª de Porhoet. A cousa com effeito é muito para brincadeiras. E como é que o senhor classifica n'este seculo os gracejos atirados a uma mulher edosa sem protecção, e que na presença de um homem ninguem ousaria atirar-me?

—Minha senhora, vejo que não ha fugir-lhe; resta-me sómente confiar-me á sua discripção. Não sei, minha senhora, se o nome dos Champcey d'Hauterive, lhe é conhecido.

—Conheço perfeitamente os Champcey d'Hauterive, que são uma boa, uma excellente familia do Delfinado. Que conclue d'ahi?

—Eu sou actualmente o representante d'essa familia.

—O senhor? disse a sr.ª de Porhoet, parando de golpe; o senhor é um Champcey d'Hauterive?

—Sim, minha senhora, por varonia.

—Isso agora mudou de figura. Dê-me o seu braço, meu primo, e conte-me a sua historia.

Entendi, que, chegadas as cousas a este ponto, nada devia occultar-lhe. Terminei a penosa narrativa dos infortunios da minha familia, quando chegamos em frente de uma casinha singularmente pequena e baixa, flanqueada n'um dos angulos por uma especie de pombal em ruinas.

—Entre, marquez, me disse a filha dos reis de Gael, parada sobre o limiar do seu pobre palacio; entre, peço-lhe eu.

Fui introduzido n'uma saleta ladrilhada, cousa triste de ver-se; na descorada tapeçaria que cobria as paredes viam-se aconchegados uns dez retratos de avós armorejados com a corôa ducal; sobre o fogão scintillava um magnifico relogio de tartaruga, incrustado de cobre, sottoposto a um grupo figurando o carro do sol. Algumas poltronas de respaldo oval e um vulgar canapé velho completavam a decoração d'este recinto, onde tudo denotava severa limpeza, e onde se respirava um odor impregnado de iris, tabaco hespanhol, e indefiniveis aromas.

—Queira sentar-se, disse a dama sentando-se no canapé; sente-se, meu primo, visto que, ainda que em realidade não sejamos parentes, nem possamos sel-o, sendo que Joanna de Porhoet e Hugo de Champcey tiveram, aqui entre nós, a tolice de não se propagarem, ser-me-ha agradavel, com sua permissão, tratal-o por primo na intimidade, a fim de illudir um instante o do-

loroso sentimento da minha soledade n'este mundo. Com que então, meu primo, chegou até á situação em que o vejo! a transição é de certo dura; todavia, vou suggerir-lhe alguns pensamentos que me são habituaes, e me parecem talhados para lhe darem valiosas consolações. Em primeiro logar, meu caro marquez, digo muitas vezes com os meus botões que no meio detodos esses bigorrilhas eantigos criados que hoje têem carruagem, a pobreza tem um perfume superior de distincção e bom gosto. Depois, eu não estou longe de acreditar que Deus quiz reduzir alguns d'entre nós á vida de minguas, para que este seculo grosseiro, material e faminto de ouro, tenha sempre á vista, em pessoas da nossa qualidade, um genero de merecimento, de dignidade, de resplendor, onde não entram ouro nem materia, essencia que o ouro não compra, qualidades que não podem vender-se? Tal é, meu primo, segundo o meu modo de vêr, a justificação providencial da sua fortuna e da minha.

Testemunhei á sr.ª de Porhoet quanto me ensoberbecia de ter sido escolhido com ella para dar ao mundo o nobre ensinamento de que elle ha tanto mister, e do qual tão disposto a aproveitar-se elle se mostra. Depois proseguiu a dama:

—No que a mim toca, eu fui moldada para a indigencia, e soffro pouco por isso: quando, no decurso de longa vida, vimos um pae digno do seu nome, quatro filhos dignos de seu pae, succumbirem precocemente á acção das balas ou da espada; quando a gente vê morrer successivamente todos os objectos de nossa affeição

e culto, seria preciso ter pequenissima alma para nos preoccuparmos com uma mesa mais ou menos copiosa, e uma vestidura mais ou menos da moda. Creia, marquez, que eu dispensaria de barato os meus milhões de Hespanha, se a causa de appetecel-os fosse o meu bem-estar pessoal; mas quer-me parecer conveniente e exemplar que uma casa como a minha não desappareça da terra sem deixar de pós si vestigios duradouros, um monumento estrondoso de sua grandeza e crenças. E' por isso, que, á semelhança dos nossos antepassados, eu penso, primo, e pensarei em quanto viver, na piedosa fundação, de que ha de ter ouvido fallar.

Convencida do meu assentimento, a nobre velha pareceu recolher-se em si; e, em quanto relanceava os olhos pelos retratos meio delidos de seus avós, a pendula hereditaria interrompia sósinha na escura sala o silencio da meia noite.

—Ha de ter, disse sobresaltada a sr.ª de Porhoet com voz solemne, ha de ter a cathedral um cabido de conegos regulares empregados no serviço da egreja. Todos os dias, a matinas, haverá missa resada na capella primitiva de minha familia, por minha alma e de meus antepassados. Os pés do celebrante pisarão um marmore sem inscripção que formará o ultimo degrau do altar, e cobrirá minhas cinzas.

Inclinei-me commovido de respeito. A sr.ª de Porhoet tomou-me a mão, e apertou-a affavelmente.

—Digam elles o que quizerem, primo, eu não sou maniaca. Meu pae, que nunca mentiu, asseverou-me

sempre que, extinctos os descendentes directos da nossa linha hespanhola, eramos nós os unicos herdeiros legitimos. A morte prematura e violenta não lhe deu tempo, desgraçadamente, a deixar-nos sobre tal questão os necessarios esclarecimentos; mas, como não posso duvidar da palavra d'elle, tambem não posso duvidar do meu direito... Comtudo, ajuntou ella depois de breve pausa, e com accentuação de impressiva melancolia, se não estou maniaca, estou velha, e essa gente de Hespanha bem o sabe. Ha quinze annos que me enredam de trapaça em trapaça esperando a minha morte, que dará remate a tudo... E bem vê, meu amigo, que elles não terão de certo muito que esperar: força me é, uma d'estas manhãs, de mais o conheço, fazer o ultimo sacrificio... Esta pobre cathedral, meu unico amor—que tinha substituido em minha alma tantas esperanças mortas, tantas affeições quebradas e recalcadas—ficará com uma só pedra, a da minha sepultura.

Calou-se a lastimavel senhora. Enxugou com as magras mãos duas lagrimas que deslisavam sobre suas faces ressequidas, e depois accrescentou com sorriso contrafeito:

—Desculpe, meu primo; bastam-lhe as suas desgraças. Desculpe-me... E' tarde, de mais a mais: retire-se, que me é de risco a sua demora.

Antes de sair recommendei novamente á discrição da sr.ª de Porhoet o segredo que lhe eu confiára. Respondeu-me, mas de um modo menos positivo, que podia estar tranquillo que ella saberia resguardar o meu

repouso e dignidade. Não obstante, nos seguintes dias, suspeitei, á vista dos redobrados obsequios da sr.ª Laroque, que a minha respeitavel amiga lhe transmittira a minha confidencia. A sr.ª de Porhoet não negou a minha suspeita, assegurando-me que não podéra deixar de o fazer, em honra de sua familia, e que a sr.ª Laroque era incapaz de trahir, nem mesmo dizer á propria filha, um segredo confiado á sua delicadeza.

No entanto, a conferencia que eu tive com a velha senhora incutira-me uma terna veneração, da qual eu fazia muito por dar-lhe provas. Logo na noite do dia seguinte occupei-me, quanto o lapis me permittia, dos ornatos internos e externos da sua cara cathedral. Esta attenção, a que ella se mostrou sensivel, quasi se converteu em tarefa regular. Quasi todas as noites, depois do whist, dava-me ao trabalho, e o ideal monumento enriquecia-se de uma estatua, de um pulpito, ou de uma tribuna. Margarida, que parece idolatrar a sua visinha, quiz aquinhoar da minha obra caritativa, consagrando á basilica dos Porhoet um album especial que eu estou encarregado de encher.

Afóra isto, offereci-me á minha velha confidente para tomar parte no andamento, investigações e cuidados de qualquer especie que a sua demanda lhe suggerisse. Confessou-me a pobre mulher que eu lhe faria n'isso um grande favor, porque, a dizer a verdade, a correspondencia ainda ella a fazia, mas já não tinha vista para discernir os documentos manuscriptos do seu archivo, e que nunca quizera que outrem a substituisse em se-

melhante lavor, comquanto muito o carecesse, com medo de dar ansa á chacota grosseira das pessoas da terra. E seguiu-se logo o tomar-me como conselheiro e collaborador.

Desde então, tenho estudado fervorosamente os volumosos autos da sua demanda, e convencido estou que o litigio, que ha de ser um d'estes dias julgado em ultima instancia, está absolutamente perdido. Laubépin, que eu consultei, é da minha opinião, que eu faço quanto posso por esconder da minha velha amiga. Entretanto, satisfaço-a folheando, documento por documento, os archivos da casa, nos quaes ella tem sempre esperanças de descobrir algum titulo decisivo a seu favor. Desgraçadamente, estes archivos são colossalmente ricos, e o pombal está repleto de documentos de alto a baixo.

Hontem fui eu mais cedinho para casa da sr.ª Porhoet, com o proposito de terminar antes de almoço o exame do maço n.º 115 que eu tinha começado a examinar na vespera. Como a dona da casa estivesse ainda recolhida, installei-me pé ante pé na sala, mediante a cumplicidade da mocinha e dei-me á minha pulverulenta tarefa. Decorrida uma hora pouco mais ou menos, quando eu percorria com extremo gosto o ultimo titulo do maço 115, vi entrar a sr.ª de Porhoet, trazendo a custo um enorme caixote mui limpamente coberto de uma toalha.

—Bom dia, meu amavel primo, disse ella. Como soube que se estava fatigando em meu favor esta ma-

nhã, quiz tambem corresponder-lhe com o trabalho por sua conta. Aqui lhe trago mais um maço, o n.º 116.

Ha, não sei em que conto, uma degraçada princeza, encerrada n'uma torre, á qual uma fada funesta á sua familia, impõe, um sobre outro, uma serie de trabalhos extraordinarios e impossiveis: confesso que n'este momento a sr.ª de Porhoet, apesar de todas as suas virtudes, pareceu-me ser proxima parenta d'aquella malfazeja fada.

— Esta noitei sonhei, continuou ella, que este maço encerrava a chave do meu thesouro hespanhol. Muito grata lhe ficarei se não adiar o exame d'elle. Terminado este trabalho, far-me-ha a honra de aceitar um modesto reparto que eu desejo offerecer-lhe á sombra do meu caramanchão.

Resignei-me. E' escusado dizer que o maço 116, como os outros que já folheára, não continha senão a inutil poeira dos seculos.

Ao meio dia em ponto veio a senhora apresentar-me o seu braço, e conduziu-me cerimoniosamente a um jardimsinho recortado de buxos, o qual fórma, com a orla do prado contiguo, todo o actual senhorio dos Porhoet. Estava posta a mesa debaixo de uma canniçada de parreiral, e o sol de um bello dia de estio coava através da folhagem alguns raios que listavam a toalha alvissima e perfumada. Servi-me regaladamente do lourejante frango, da fresca sallada, e da garrafa do velho Bordeaux, que era todo do festim, quando a sr.ª de

Porhoet, que parecia encantada pelo meu appetite, trouxe á conversação a familia Laroque.

—Confesso-lhe, disse ella, que o antigo corsario não me agrada nada. Recordo-me que elle, quando aqui chegou, tinha um grande macaco familiar que vestia de libré, e com o qual parecia entender-se perfeitamente. Este animal era uma verdadeira peste no districto, e só um homem sem educação e indecente poderia affeiçoar-se a tal alimaria. Diziam por ahi que era macaco, e eu não dizia o contrario; mas cá de mim para mim, ainda estou convencida de que era simplesmente um preto, até mesmo porque eu suspeitei sempre que o dono traficára n'esta mercancía na Costa d'Africa. Mas devo dizer que o defunto Laroque filho era uma pessoa muito estimavel, um verdadeiro homem de bem. Em quanto ás senhoras—isto é, Laroque e a filha, e de modo nenhum a tal viuva Aubry, que essa é creatura de baixa estôfa—as outras não ha elogios que não mereçam.

Estavamos n'isto, quando o tropel levantado de um cavallo se fez ouvir no caminho que rodeia exteriormente o muro do jardim. Ao mesmo tempo soaram algumas pancadas na portinha proxima do caramanchão.

– E esta! disse a sr.ª de Porhoet; quem está ahi?

Ergui os olhos, e vi fluctuar uma pluma negra por cima da parede.

—Abram, disse jovialmente de fóra uma voz de timbre grave e musical; abram, que é a fortuna da França!

Como? sois vós, minha lindinha! exclamóu a velha. Vá depressa, meu primo.

Aberta a porta, quasi fui ao chão por causa de Mervyn, que se me atravessou nas pernas, e vi Margarida, que tratava de prender as redeas do seu cavallo ás grades de uma cancella, que ficava proxima.

—Bons dias, disse-me ella, sem mostrar a menor surpreza de me vêr ali.

Depois, tomando nos braços as longas dobras do vestido de amazona, entrou no jardim.

—Bem vinda sejaes em tão lindo dia, minha bella, disse a sr.ª de Porhoet. Abraçae-me! Viestes a correr, louquinha, porque vos vejo a face escarlate e o fogo a saltar-vos litteralmente dos olhos. Que posso eu offerecer-vos, minha maravilha?

—Vejamos, disse Margarida, lançando os olhos por sobre a mesa; que é que está por aqui? Este senhor comeu tudo? Não importa, não tenho fome; o que tenho é sêde.

—Prohibo-vos de beber no estado em que vindes; mas esperae... ainda ha alguns morangos n'este alegrete.

—Morangos! ó *gioja!* cantou Margarida. Tome depressa uma d'essas folhas frandes, e venha comigo.

Em quanto eu colhia de uma figueira a folha maior, a sr.ª de Porhoet, fechando metade de um olho, e seguindo com o outro, e com um sorriso de aprazimento, a galharda corrida da sua favorita através das ruas do jardim descobertas ao sol, disse me baixinho:

Ora veja-a, meu primo! não acha que ella seria digna de ser das nossas?

No entanto, Margarida, curvada sobre o alegrete, e tropeçando a cada passo na cauda do seu amplo vestido, a cada morango que encontrava dava um pequeno grito de alegria. Eu ia ao pé d'ella, abrindo na mão a folha da figueira, na qual ella depunha de tempo a tempo um morango, a cada dois que ia comendo para sustentar a paciencia.

Quando a colheita lhe pareceu bastante, voltámos ambos em triumpho para o caramanchão; os morangos que havia foram salpicados de assucar, depois comidos por aquelles lindos, lindissimos dentes.

— Ai! que bem que isto me faz! disse Margarida atirando com o chapéo para cima de um banco, e encostando-se á canniçada. Agora, para completar a minha ventura, minha amiga, vae a senhora contar-me historias do tempo passado, d'aquelle tempo em que foi gentil guerreira.

A sr.ª de Porhoet, risonha e enlevada com tal pedido, não se fez rogar muito para trazer á memoria os episodios mais assignalados de suas intrepidas cavalgadas na comitiva dos Lescure e dos La Rochejacquelin.

Tive azo de haver então novas provas da elevação de alma da minha amiga, quando a ouvi de passagem prestar preito a todos aquelles heroes d'essas agigantadas pugnas, sem distincção de bandeira. E especialmente ao fallar do general Hoche, de quem tinha sido

prisioneira de guerra, o seu enthusiasmo e a sua admiração chegavam quasi ao enternecimento.

Margarida prestava a essas narrativas attenção apaixonada que bastante me surprehendia. Umas vezes, meio reclinada entre a folhagem do caramanchão, com os olhos um pouco cerrados, guardava a immobilidade de uma estatua; outras vezes, quando era mais vivo o interesse do conto, apoiava o cotovello na mesa, e engolfando a linda mão nas ondas dos desatados cabellos, dardejava sobre a velha vandeana o relampago continuado de seus grandes olhos.

Força é dizel-o: eu contarei sempre entre as mais doces horas da minha triste vida as que passei a contemplar n'aquelle nobre aspecto os reflexos de um céo radioso á volta com as impressões de um coração intrepido.

Esgotadas as reminiscencias da historiadora, Margarida abraçou-a, e despertando Mervyn, que lhe dormia aos pés, annunciou que tornava para o castello. Nenhum escrupulo me fiz de sair simultaneamente, convencido de que lhe não serviria de estorvo. Não fallando já na extrema insignificancia da minha pessoa e companhia aos olhos da opulenta herdeira, o fallar a sós comigo não a embaraça nada, porque a mãe de proposito lhe deu a livre educação qual ella a recebera n'uma das colonias britannicas.

E' sabido que o systema de educação ingleza concede ás mulheres antes de casarem, toda aquella independencia que nós sizudamente lhes gratificamos, logo que os abusos de tal systema se tornem irreparaveis.

Saímos, pois, juntos do jardim: segurei-lhe o estribo em quanto ella cavalgava, e pozemo-nos a caminho para o castello. Tinhamos dado alguns passos, quando me ella disse:

—Valha-me Deus, eu vim incommodal-o em pessima occasião, creio eu. Estava excellentemente o senhor...

—De certo, minha senhora; mas como já lá estava ha muito tempo, perdôo-lhe, e até lhe agradeço.

—Vejo que tem em muita conta a nossa pobre visinha. Minha mãe compraz-se d'isso muito.

—E a filha de sua mãe? disse eu sorrindo.

—Oh! eu cá exalto-me com menos facilidade. Se o senhor tem a pretensão que me maravilha, tem de esperar ainda algum tempo. Eu de mim não uso avaliar de fugida as acções humanas, que têem geralmente duas faces. Confesso que o seu comportamento no tocante á sr.ª de Porhoet tem bonitos esteriores: mas...

Fez uma pausa, ergueu a fronte, e tomou um tom serio, amargo e verdadeiramente injurioso:

—Mas não estou bem certa de que no seu cortejo, o senhor não tenha em vista o fazer-se herdeiro d'ella.

Senti-me empallidecer. Reflectindo, porém, no ridiculo de responder briosamente a uma senhora de tão verdes annos, contive-me, e disse-lhe com gravidade:

—Consinta-me, minha senhora, que a lamente sinceramente.

—Lamentar-me, o senhor? exclamou ella espantada.

—Sim, minha senhora. Tolere que lhe eu signifique a piedade respeitosa a que tem direito.

—Piedade! disse ella refreando o cavallo, e voltando lentamente para mim os olhos meio cerrados pela ira. Não tenho a gloria de o comprehender.

—E, comtudo, é uma cousa simplicissima, minha senhora: se a desillusão do bem, a duvida e a sequidão de alma, são os mais amargos fructos da experiencia de uma longa vida, nada merece no mundo mais compaixão que um coração mirrado pela desconfiança antes de ter vivido.

—Senhor, replicou Margarida com extravagante vivacidade, desacostumada na sua usual linguagem: O senhor não sabe o que diz. E esquece-se da pessoa a quem falla! accrescentou com mais severidade ainda.

—Isso assim é, minha senhora, respondi mansamente, inclinando-me, fallo um pouco sem saber o quê, e esqueço um pouco a pessoa a quem fallo; mas o exemplo deu-m'o a senhora.

Margarida, fitando os olhos nos cimos das arvores que marginavam a estrada, disse-me com ironica altivez:

—Será preciso pedir-lhe perdão?

—Seguramente, minha senhora, repliquei com vigor; se algum de nós deve pedir perdão, é a senhora, porque é rica e eu sou pobre; porque póde humilhar-se e eu não!

Seguiu-se o silencio de ambos. Cerrados os labios, arquejantes as azas do nariz, pallida de subito, tudo

dizia que lucta ia dentro d'aquella mulher. De repente, abaixando o chicote como quem saúda, disse:

—Muito bem! perdôe-me!

E ao mesmo tempo castigou rijamente o cavallo, e partiu de galope, deixando-me no caminho.

Não tornei a vêl-a depois d'isto.

30 de julho.

O calculo das probabilidades nunca falha tanto, como quando se applica ás idéas e aos caprichos de uma mulher. Não querendo achar-me tão depressa na presença de Margarida, depois da scena desagradavel que tivera logar entre nós, passei dois dias sem ir ao castello; não tinha mesmo esperanças de que este curto intervallo bastasse para acalmar o resentimento, que eu excitára em coração tão orgulhoso. Comtudo, antes de hontem ás sete horas da manhã, estava eu trabalhando ao pé da janella aberta do meu quarto, quando ouvi que me chamava, n'um tom de bom humor e de amizade, a mesma mulher que considerava como irreconciliavel inimiga.

—Está em casa, sr. Odiot?

Appareci á janella, e vi então Margarida, dentro de uma barca, proximo da ponte, levantando com uma das mãos a aba de um vasto chapéo de palha para poder olhar para a minha janella.

—Aqui estou, minha senhora, respondi alegremente.

—Quer vir passear?

Depois dos justos receios que me tinham atormentado durante dois dias, tanta condescendencia fez-me receiar que estivesse sendo illudido por algum sonho insensato.

—Perdão, minha senhora... não comprehendi bem o que disse.

—Pergunto-lhe se quer vir dar um passeio comigo, com Alain e com Mervyn?

—Com todo o gosto, minha senhora.

—Então desça e traga o album.

Desci a escada a toda a pressa, e cheguei n'um pulo á borda do rio.

—Olá, disse Margarida rindo, segundo parece, hoje está de bom humor.

Resmunguei tolamente algumas palavras confusas, que tinham a intenção de fazer comprehender que eu estava sempre de bom humor, mas que não convenceram Margarida; depois saltei para o barquinho, e sentei-me ao lado d'ella.

—Rema, Alain, disse ella.

E o velho Alain, que tem as suas presumpções de ser bom remador, começou a cortar a agua com os remos methodicamente, o que lhe dava a apparencia de um passaro pesado, que se consome em inuteis tentativas para voar.

—Não tive remedio senão vir buscal-o á sua torre de menagem; esteve amuado comnosco dois dias.

-Oh! minha senhora, assevero-lhe que foi só a discrição... o respeito... o receio...

—Ai! meus Deus! O respeito... o receio! Estava amuado! Acabou-se! Decididamente temos melhor coração do que o senhor! Minha mãe, que quer, não sei porque, que o tratemos com toda a consideração, pediu-me que me immolasse no altar do seu orgulho, e como filha obediente que sou, sacrifiquei-me!

Mostrei-me então franco e sinceramente grato.

—Para não deixar as cousas no meio, resolvi dar-lhe uma festa toda ao seu gosto; por conseguinte aqui tem uma bella manhã de verão, com todos os effeitos de luz desejaveis, passarinhos trinando na ramada, um barquinho mysterioso, deslisando no manso regato... O senhor, que gosta d'estes episodios romanticos, deve estar contente?

—Contentissimo, minha senhora.

—Ora ainda bem!

Com effeito n'aquelle instante estava satisfeitissimo com a minha sorte; as duas margens do regato em que navegavamos, estavam juncadas de feixes de trevo e luzerna, ceifados ha pouco, exhalando aromas suaves, que perfumavam a atmosphera. As sombrias alamedas do parque, em que o sol da manhã marcava um sulco luminoso, pareciam fugir-nos rapidamente; milhões de insectos inebriavam-se com o orvalho perfumado, que esmaltava o calice das flôres, formando um suave concerto de gorgeios, de zumbidos, de harmonias! Na minha frente o velho Alain sorria-se para mim com certo

ar protector, de cada vez que ia cortando a agua com os remos; Margarida, vestida de branco, o que era fóra do seu costume, em pé no meio do barco, linda, fresca e pura como a assucena, sacudia com uma das mãos as perolas humidas, com que a madrugada lhe ornamentava as rendas do chapéo, em quanto com a outra acenava a Mervyn, que nos seguia nadando. Realmente não me havia de fazer muito rogado para ir até ao fim do mundo n'este barquinho delicioso.

Quando ultrapassavamos os limites do parque, passando por baixo de um dos arcos, aberto no muro:

—Não quer saber onde vae? perguntou-me a joven creoula.

—Eu não, minha senhora, é-me completamente indifferente.

—Vou leval-o ao paiz das fadas!

—Já o suspeitava.

—Helouin, que é muito mais competente do que eu em assumptos poeticos, ha de ter-lhe dito muita vez que as mattas que cobrem todo o paiz n'um raio de vinte leguas, são os restos da antiga floresta de Brocelyande, onde caçavam os antepassados da sua amiga, a sr.ª de Porhoet, os reis de Gael, e onde o avô de Mervyn, que presente está, se deixou tambem encantar pela fada Viviana. Ora d'aqui a pouco estaremos mesmo no centro d'esta floresta. E se não basta isso para lhe exaltar a imaginação, saiba que estes bosques guardam ainda innumeros vestigios da mysteriosa religião dos celtas. Tem por conseguinte o direito de phantasiar

ao pé de cada arvore um druida de roupas alvejantes, e de imaginar uma fouce de ouro em cada raio de sol. O culto d'estes velhos insupportaveis deixou mesmo, proximo do sitio em que estamos, um monumento solitario, romantico, pittoresco, *et cætera,* diante do qual as pessoas enthusiasticas se costumam extasiar. Ouvi dizer que queria tirar um esboceto do tal monumento, e foi por isso que aqui o trouxe, e como elle está tão escondido, que é um pouco difficil descobril-o, resolvi ser o seu guia, pedindo-lhe apenas que me poupe as explosões de um enthusiasmo, a que me não posso associar.

—Poupal-as-hei, minha senhora.

—Não se esqueça d'isso, peço-lh'o eu!

—Está dito: E que nome dão ao tal monumento?

—Eu chamo-lhe um montão de pedras; os antiquarios, uns chamam-lhe *dolmen,* outros mais pretenciosos, *cromlech,* e a gente do paiz chama-lhe, sem dar o motivo, *migourdit.* [1]

Entretanto iamos suavemente descendo a corrente do rio, entre duas margens de prados humidos; bois pequenos, pretos pela maior parte, de longas e afiadas pontas, levantavam-se aqui e ali, ouvindo a bulha dos remos, e lançando-nos olhares espantados. O valle, por onde colleava o regato, que se ia alargando a pouco e pouco, assentava entre duas cadeias de collinas, umas cobertas de urzes e tojo bravo, outras coroadas por mat-

---

[1] No bosque de Cadoudal (Morbihan).

tas verdejantes. A espaços, uma quebrada transversal abria entre duas ravinas alguma formosa perspectiva, no fundo da qual viamos arredondar-se o pico azulado de uma montanha distante. Margarida, apesar da sua pretendida incompetencia, não deixava de recommendar successivamente á minha attenção todos os pontos pittorescos e encantadores d'esta paisagem, ora agradavel, ora severa, acompanhando sempre as suas observações com um commentario ironico.

Havia já bastante tempo que um ruido surdo e continuo nos annunciava a proximidade de uma cataracta, quando o valle se estreitou de repente, assumindo o aspecto de um desfiladeiro solitario e selvagem. A' esquerda erguia-se alta muralha de rochas musgosas; carvalhos e pinheiros, entrelaçados com heras, e giestas pendentes, amontoavam-se nas fendas até ao cimo das rochas, espargindo uma sombra mysteriosa sobre a agua mais profunda, que banhava a base dos rochedos. Na nossa frente, a algumas centenas de passos, a onda escachoava, espumosa, até que desapparecia rapida, dando logar á linha sinuosa do regato, que se desenhava por entre uma nuvem de fumo esbranquiçado, n'um fundo longinquo de verdura esbatida. A' nossa direita a margem fronteira á dos rochedos apresentava apenas uma pequena facha de planicie em ladeira, á qual as collinas coroadas de bosques formavam como que uma franja de veludo.

—Atraca! disse Margarida.

E em quanto Alain amarrava o barco aos ramos de

um salgueiro, saltou ella em terra com toda a ligeireza.

—Então, sr. Odiot, não se extasia, não fica petrificado, fulminado?! Pois olhe que os entendedores dizem que este logar é muito bonito. Eu gosto muito d'elle, porque está aqui sempre fresco... Mas siga-me a esse bosque, se a tal se atreve, e eu lhe mostro as famosas pedras.

Margarida, viva, ligeira, alegre, como nunca até ahi a tinha visto, atravessou a campina em dois pulos, e tomou uma vereda, que entrava no bosque, subindo as collinas. Alain e eu fomol-a seguindo. Depois de alguns minutos de rapida marcha, parou um instante, orientou-se, depois, separando resolutamente dois ramos entrelaçados, deixou a estrada, e lançou-se em pleno bosque denso e emmaranhado. O passeio começou então a tornar-se menos agradavel. Era muito difficil abrir caminho por entre os carvalhos novos, mas já vigorosos, que formavam o bosque, e que entrelaçavam, como as paliçadas de Robinson, os troncos obliquos e os ramos folhudos. Alain e eu, pelo menos, avançavamos com muito trabalho, quasi de rastos, topando a cada passo com a cabeça nos ramos das arvores, que sobre nós choviam, com esse movimento inesperado, uma chuva de copioso orvalho; Margarida, porém, com a incrivel destreza do seu sexo, introduzia-se sem esforço algum apparente pelos intersticios do labyrintho, rindo do que nós soffriamos, e abandonando negligentemente os ramos flexiveis, que attrahia a si para passar, e que nos vinham açoutar o rosto.

Emfim chegamos a uma estreitissima clareira, que serve como de diadema á collina vestida pelo bosque denso, que tinhamos atravessado; ahi deparei, não sem alguma emoção, com a sombria e monstruosa mesa de granito collocada horisontalmente sobre cinco ou seis pedras ao alto, meio enterradas no solo, e formando, em virtude de tal disposição, uma caverna, onde parecia pairar um sagrado e mysterioso terror. A' primeira vista ha n'este monumento, conservado desde tempos quasi fabulosos e de religiões primitivas, uma força de verdade, que nos transporta ao passado, e nos figura a presença dos druidas de um modo que faz estremecer. Alguns raios de sol, atravessando a ramada, davam uma graça bucolica a esse altar barbaro. Margarida mesmo ficou por instantes pensativa e recolhida. Em quanto a mim, depois de ter penetrado na caverna, e de ter observado o *dolmen* debaixo de todos os aspectos, preparei me para o desenhar.

Havia perto de dez minutos que estava completamente embebido no meu trabalho, sem me importar com o que se passava á roda de mim, quando Margarida me disse de repente:

—Quer uma Velleda para animar o quadro?

Levantei os olhos; Margarida tinha enrolado á roda ad testa um ramo de carvalho, cheio de folhas, e estava em pé diante do *dolmen,* encostada a um feixe de arbustos. Vista assim, illuminada apenas pela meia-luz coada através dos ramos, era suavemente bella. O vestido branco tinha como que assumido o brilhantismo do

marmore, e as pupillas irradiavam um fogo extraordinario na sombra produzida pelo relevo da corôa. Estava formosa, e ella bem o sabia. Eu fitava-a attento sem saber o que lhe havia de dizer.

—Se o incommodo, retiro-me, disse-me ella.

—Oh! por amor de Deus!

—Então não se demore, desenhe tambem o cão: elle será o druida e eu a sacerdotisa.

Pude reproduzir menos mal, graças ao vago de um esboço, a poetica visão com que o céo me favorecia. Quando acabei, veio com certo interesse, real ou fingido, vêr que tal tinha ficado.

—Não está mau, disse ella.

Depois atirou com a corôa fóra, e accrescentou:

—Deve confessar que sou bondosa.

Concordei n'isso, e teria tambem confessado, se ella insistise, que era tambem um poucochinho vaidosa; mas não seria mulher se isso não acontecesse; e a perfeição é fastidiosa; para as proprias deusas serem amadas era-lhes necessario mais alguma cousa do que a sua immortal belleza.

Entrando de novo no intrincado labyrintho, chegámos á vereda traçada no bosque para voltarmos á beira do pequeno rio.

—Antes de nos retirarmos, disse Margarida, quero mostrar-lhe a cataracta, tanto mais que tambem quero divertir-me por um pouco, a meu modo. Aqui, Mervyn, aqui, meu cão! Tu é que és bonito!

Passados poucos instantes achámo-nos na praia, em

frente dos rochedos que obstruem o leito do ribeiro. A agua precipita-se da altura d'alguns pés em larga e profundissima bacia de fórma circular, parecendo esta limitada de todos os lados por um amphitheatro de verdura, cheio de pedras humedecidas. Comtudo algumas quebradas invisiveis recebiam a agua que trasbordava do lago, formando assim um certo numero de regatos, que vem reunir-se de novo um pouco mais longe n'um leito commum.

—Não se póde dizer que é o Niagara, exclamou Margarida elevando a voz para dominar a bulha da torrente; mas já ouvi dizer a conhecedores e artistas que era bem bonito, mesmo assim. Já admirou? Ora bem. Agora, espero que concederá a Mervyn todo o enthusiasmo que lhe tiver sobejado. Aqui, Mervyn!

O cão da Terra Nova veio postar-se ao pé da dona, e olhou para ella, estremecendo de impaciencia. Margarida, tendo posto no lenço um lastro de alguns seixinhos, lançou-o na torrente, um pouco acima da cascata. No mesmo momento Mervyn atirava-se rapidamente ao lago, que recebia a agua do rio, e desviava-se rapidamente da margem; o lenço seguiu a corrente da agua, chegou ao recife, gyrou um instante no redemoinho, depois, passando de repente por cima da rocha arredondada, como uma setta disparada por arco bem retesado, veio volteiar n'uma onda de espuma debaixo dos olhos do cão, que o agarrou nos dentes com uma presteza admiravel. Depois d'isto Mervyn veio ter com toda a

altivez á praia, onde Margarida o applaudia enthusiasticamente.

Este delicioso exercicio foi renovado muitas vezes com egual exito. Era a sexta vez que elle se repetia, quando aconteceu, ou porque o cão fosse tarde de mais, ou porque pelo contrario o lenço partisse mais cedo, que o pobre Mervyn não poude apanhal-o. O lenço arrastado pelo redemoinho da cascata foi-se prender n'uns limos emmaranhados, que se mostravam a pouca distancia á flôr d'agua. Mervyn foi lá buscal-o, mas ficámos espantadissimos quando o vimos de repente largar o lenço, debater-se convulsivamente, e levantar a cabeça uivando angustiosamente.

—Oh! meu Deus, o que tem elle? Bradou Margarida.

—Creio que se embaraçou nos limos; mas deixe estar que elle já se desprende.

Comtudo a cousa começou a parecer duvidosa, até chegar a ser impossivel. Os limos, onde o pobre Mervyn estava preso, eram desgraçadamente situados á flôr d'agua, mesmo por baixo de um escoadouro d'agua, que se despenhava em cachões espumosos sobre a cabeça de Mervyn. O pobre animal, meio suffocado, cessou de fazer o minimo esforço para se desembaraçar dos laços que o prendiam, e o uivar queixoso transformou-se em gemido da ultima agonia. N'este instante Margarida agarrou-me no braço, e disse-me quasi ao ouvido em voz baixa:

—Já não se póde salvar! Vamo-nos embora, vamo-nos embora!

Olhei para ella: a dôr e a angustia desfiguravam-lhe as pallidas feições, e traçavam-lhe por baixo dos olhos um circulo livido.

—Não ha meio algum, disse-lhe eu, de trazer aqui o barco; mas, se me dá licença, eu sei nadar alguma cousa, e vou vêr se posso ajudar aquelle senhor a desembaraçar-se.

—Não, não, nem mesmo tente fazel-o. E' muito longe d'aqui lá, e creio que o rio é profundo e perigoso ao pé do cachão.

—Esteja descançada, minha senhora, não ha de haver perigo, eu tenho prudencia.

Ao mesmo tempo lancei o casaco para cima da relva, e atirei comigo á agua, tendo a precaução de me conservar sempre a alguma distancia da cataracta. Com effeito o rio é muito profundo, porque só achei pé quando estava proximo do agonisante Mervyn. Não sei se houve ali em outro tempo algum ilhote, que desappareceu pouco a pouco, ou se alguma inundação do regato teria arrancado, e reunido depois n'este logar, alguns fragmentos da margem; o que é verdade, é que um labyrinto espessissimo de limos, de lodo e de raizes se occulta n'estas aguas perfidas, e ahi prospera. Puz os pés n'uma das raizes e cheguei a desembaraçar Mervyn, que logo que se viu senhor dos seus movimentos me abandonou com toda a indifferença, e nadou com quanta força tinha para a praia. Isto não era muito conforme á cavalheiresca reputação que gosam os animaes da sua especie, mas supponho que o bom do Mer-

vyn, pelo muito que tem vivido entre os homens, se tem tornado um pouco philosopho.

Quando tambem quiz sair do lago, reconheci que estava pela minha vez prezo nos laços da naiade egoista e malfazeja, que reina n'estas aguas. Senti uma das pernas preza em nós vegetaes fortissimos, que em vão tentei quebrar. Não é n'um terreno lodoso e pegadiço, e mergulhado até á cintura na agua de um lago profundo, que se póde empregar toda a força, principalmente quando o repuxar continuo da agua espumante, resaltando em cachão, nos obriga constantemente a fechar os olhos, e nos incommoda açoutando-nos a cara Emfim eu ia já sentindo que a minha situação se tornava equivoca. Lancei os olhos para a praia. Margarida quasi pendurada do braço de Alain, que a sustinha com força, e debruçada sobre o abysmo, seguia os meus movimentos com anciedade febril. Pensei n'esse instante que, se eu quizesse, podia conseguir que aquelles formosos olhos derramassem algumas lagrimas sobre a minha sorte, que podia terminar uma existencia miseravel de um modo digno de excitar invejas. Depois a reflexão salvou-me, repelli violentamente esta idéa de covarde suicidio, resolvi luctar; com um violento esforço desprendi as pernas dos laços que me cingiam, atei á roda do pescoço o lencinho de Margarida feito já em pedaços, e voltei tranquillamente á praia.

Quando cheguei a terra, Margarida estendeu-me a mão um pouco tremula ainda da anciedade em que tinha estado. Pareceu-me isto tão suave!

—Que loucura, disse ella, que loucura! Podia ali morrer por causa de um cão!

—Mas esse cão era o seu! Respondi eu a meia voz, no mesmo tom em que ella me tinha fallado.

Isto pareceu contrarial-a um pouco; retirou a mão bruscamente de entre as minhas, e chamando Mervyn, que se enxugava ao sol espreguiçando, bateu-lhe, dizendo:

—Tolo, tolo, ir-se deixando morrer!

Entretanto eu estava litteralmente ensopado: escorria agua por todos os lados, como um regador, e estava solemnemete embaraçado, sem saber o que havia de fazer, quando Margarida, vindo ter comigo, me disse com ar bondoso:

—Sr. Maximo, metta-se no barco, e vá-se embora depressa. E' melhor ir remando para ir aquecendo. Eu vou com Alain por terra; acho que é muito mais perto.

Este alvitre pareceu-me excellente, e por conseguinte não lhe fiz objecção alguma. Despedi-me, tendo pela segunda vez o prazer de apertar a mão da dona de Mervyn, e metti-me no barco.

Quando cheguei a casa, ao mudar de fato, fiquei espantado de achar enrolado ao pescoço o lencinho de Margarida, o qual me tinha realmente esquecido de lhe restituir. De certo que ella acreditava havel-o perdido, por conseguinte decidi-me, sem escrupulo, a ficar com elle como recompensa da minha proeza natatoria.

A' noite fui ao castello. Margarida recebeu-me com aquelle ar de desdenhosa indolencia, de distracção som-

bria e amargo tedio que habitualmente a caracterisa, e que então formava singular contraste com a graciosa bondade e vivacidade franca com que de manhã me recebera. Durante o jantar, a que assistiu o sr. de Bévallan, fallou ella da nossa excursão como para tirar-lhe o mysterio; lançou de caminho alguns rapidos motejos aos amantes da natureza, e concluiu narrando a desaventura de Mervyn, mas no tocante a mim d'este episodio supprimiu tudo. Se o fim d'esta reserva era, segundo creio, afinar o tom á minha propria discrição, bem podia ter-se dispensado de tal canceira. Fosse o que fosse, Bévallan, ouvindo a historia, rompeu n'esta gritaria de ensurdecer a gente:

—Como assim! A senhora soffreu essas longas torturas, o bravo Mervyn correu tamanho risco, e Bévallan não estar ahi! Fatalidade. Este desgosto ser-me-ha eterno! Valia a pena enforcar-me como Crillon!

A' noite dizia-me Alain:

—Se lá não estivesse quem o enforcasse senão eu, era dito e feito!

O dia de hontem não começou para mim tão alegre como o anterior. Recebi logo de manhã uma carta de Madrid, encarregando-me de annunciar á sr.ª de Porhoet a definitiva perda da sua demanda. Dizia-me mais o procurador que a familia contra quem era o litigio não lucrava nada com esta victoria, porque vae entrar em lucta com a corôa, que acordou ao estrepito dos milhões, e sustenta que a herança disputada lhe pertence por direito de successão.

Reflecti, e pareceu-me caritativo esconder da minha amiga a absoluta ruina de suas esperanças. O meu projecto é fazer meu cumplice o agente d'ella em Hespanha; elle pretextará novas delongas; eu da minha parte continuarei a rebuscar o archivo, e farei quanto em mim couber para que a pobre senhora continue até ao seu ultimo dia a nutrir-se de suas illusões queridas.

Comquanto fosse legitimo o caracter d'este embuste, senti a precisão de o sanccionar com alguma consciencia delicada. Depois do meio dia, fui ao castello e fiz a minha confissão á sr.ª Laroque; approvou esta o meu plano, e louvou-me mais do que valia a cousa. Maravilhei-me quando lhe ouvi este remate da nossa pratica:

—E' agora occasião de dizer, sr. Odiot, que lhe estou profundamente agradecida aos seus cuidados, e que cada vez mais me comprazo na sua companhia, e sinto mais estima pela sua pessoa. A minha vontade era, peço-lhe perdão porque este voto não póde ser tambem o seu, mas a minha vontade era que nos não separassemos jámais. Eu rogo ao céo humildemente que faça todos os milagres para isso necessarios... porque, força me é dizel-o, seriam precisos milagres.

Não atinei com o sentido d'estas pelavras, e menos ainda interpretei a subita commoção que brilhou nos olhos d'aquella excellente senhora. Agradeci-lhe, como convinha, e fui espairecer de minha tristeza pelos campos.

Um acaso, nada singular, francamente o digo, me le-

vou depois de uma hora de caminho ás margens do logar que fôra o theatro das minhas recentes proezas. O circo de ramagem e rochas que cinta o lagosinho realisa o ideal da solidão. Ahi, está a gente como no cabo do mundo, n'um paiz virgem, na China, se o querem assim.

Deitei-me nas urzes, e recompuz na phantasia o passeio da vespera, que é d'aquelles que se não repetem duas vezes no decurso da mais longa vida. Pensava eu comigo que uma fortuna semelhante, se me fosse segunda vez offerecida, não teria para mim egual encanto inesperado, a mesma serenidade, e, de uma palavra o digamos, a mesma innocencia. Era bem que me eu convencesse de que este florido romance de juvenilidade, que me perfumava o espirito, só podia ter um capitulo, uma só pagina, e essa já a eu tinha lido. Oh! sim, aquella hora, aquella hora de amor; que outro nome não tem, fôra dulcissima, porque não fôra premeditada, porque o nome proprio d'ella só depois lh'o dei, porque a embriaguez fôra plenissima sem a culpa. Agora, já a consciencia estava desperta; estava-me vendo á beira do precipicio de um amor impossivel, ridiculo, e, peior que tudo, culpavel. Era tempo de velar por mim, pobre desherdado!

A mim me estava dando estes conselhos n'aquelle ermo, sem que fosse muito preciso vir ali para que taes conselhos me désse, quando o murmurar de uma voz me tirou subitamente da minha meditação. Ergui-me e vi caminhar direito a mim um rancho de quatro ou

cinco pessoas que acabavam de desembarcar. A' frente vinha Margarida pelo braço de Bévallan, depois as sr.as Helouin e Aubry, que seguiam Alain e Mervyn. O rumor da aproximação d'elles não o ouvi com o estrepito da catadupa: estavam apenas distantes dois passos de mim, já não podia sumir-me, e forçoso me foi resignar-me com o dissabor de ser surprehendido em attitude de amante meditabundo. Todavia, pareceu-me que a minha presença ali suggerira particular attenção; porém, afigurou-se-me que uma nuvem de desprazer assombrava a fronte de Margarida, e a asperidão com que correspondeu aos meus cumprimentos era muito para notar-se.

O sr. de Bévallan, em pé na borda do lago, fatigou algum tempo os echos com os banaes clamores da sua admiração. Delicioso! delicioso! que mimo! Aqui a penna de George Sand... o pincel de Salvador Rosa! tudo isto acompanhado de gestos energicos que pareciam alternativamente usurpar áquelles dois grandes artistas os instrumentos do seu engenho. Aquietou-se finalmente, e quiz que lhe mostrassem o ponto perigoso em que Mervyn estivera em risco. Margarida contou novamente a aventura, observando a mesma sisudez com respeito á parte que eu havia tido no desenlace. Ainda mais; insistiu com uma especie de crueza, relativamente a mim, no encarecimento da habilidade, valentia e denodo que o seu cão manifestára n'aquelle conflicto heroico. Suppunha ella provavelmente que a sua passageira benevolencia, e o serviço que eu por ventura

minha lhe fizera, me haviam aturdido a cabeça com as fumaças da presumpção que se lhe fazia mister rebater.

No entanto, Helouin e Aubry manifestaram ardente desejo de vêr repetidas as decantadas façanhas de Mervyn. Margarida chamou o Terra-Nova, e, como na vespera, atirou o lenço á corrente; mas o bravo Mervyn, em vez de precipitar-se no lago, correu ao longo da margem, indo e vindo azafamado, latindo enfurecido, sacudindo a cauda, dando, emfim, mil provas de um energico interesse, mas ao mesmo tempo de excellente memoria. A razão decididamente domina no coração d'este animal. Debalde Margarida, corrida e irada, empregou ora caricias, ora ameaças, para vencer a obstinação do seu predilecto; não houve persuadir ao intelligente bruto que confiasse a sua preciosa pessoa ás formidaveis ondas. Após annuncios tão pomposos, a pertinaz prudencia no denodado Mervyn tinha realmente cousa que obrigava a rir, e eu mais que ninguem tinha o direito de rir, e exerci-o plenamente. A hilaridade, por fim, tornou-se geral, e a propria Margarida, contra sua vontade, fez côro com os demais.

—E depois de tudo, disse ella, lá vae o meu lenço perdido.

O lenço, levado pelo movimento constante do redemoinho, lá fôra dar ás hastes da fatal silveira, muito perto da margem fronteira.

—Confie-se de mim, minha senhora, disse Bévallan. No praso de dez minutos, tem aqui o seu lenço ou eu sou morto!

Pareceu-me que Margarida, á vista de tão magnanima declaração, me lançou furtivamente os olhos, como quem diz: «Veja que a dedicação é cousa frequente em redor de mim!» E, depois, respondeu a Bévallan:

—Por quem é, não vá fazer alguma loucura! aqui é muito fundo, e muito perigoso.

—Que se me dá a mim d'isso? disse Bévallan. Alain, tem ahi uma navalha?

—Uma navalha! repetiu Margarida espantada.

—Sim, deixe-me cá, deixe-me cá.

—Mas que quer fazer com a navalha?

—Quero cortar uma vara.

Margarida fitou-o fixamente.

—Eu pensava que o senhor ia lançar-se a nado.

—Oh! a nado! disse Bévallan, isso não, minha senhora! primeiro, porque não estou com trajos proprios para nadar; segundo, porque não sei nadar, confesso.

—Se não sabe nadar, disse ella seccamente, que importava estar vestido com trajos proprios para nadar?

—Diz bem, tornou Bévallan com divertida tranquillidade; mas a senhora não tem o maior interesse em que eu me afogue, não é assim? O que quer é o seu lenço, é o ponto da questão. Logo que eu o consiga fica tranquilla, não é isto?

—Pois bem, tornou ella resignadamente, vá cortar a sua vara.

Bévallan, que se não ataranta facilmente, desappareceu na matta visinha, onde ouvimos durante algum tempo o ruido de ramos esgalhados; d'ahi a pouco veio

armado de um comprido ramo de avelleira, que principiou a desfolhar e chapotar.

—O senhor tenciona chegar ao lado d'além com esse pau? disse Margarida, cuja alegria começava a espertar-se manifestamente.

—Deixe-me cá, deixe-me cá! replicou o imperturbavel fidalgo.

Deixaram-n'o. Acabou de preparar a vara, e depois dirigiu-se á barca. Comprehendemos então que o projecto d'elle era atravessar a ribeira na barca abaixo da catadupa, e, da parte d'além, harpoar o lenço, que não estava muito distante. Feito este descobrimento, soltaram todos um grito de indignação, que as damas por via de regra gostam muito, como é notorio, de vêr emprezas arriscadas, mas nos outros.

—Que maravilhosa invenção! Fóra! fóra! sr. de Bévallan!

—Alto lá, minhas senhoras. Isto é tal qual o ovo de Christovão Colombo. Era precisa muita somma de invenção.

Entretanto, contra o que esperavamos, aquella expedição, tão pacifica na apparencia, não devia ir a cabo sem grandes commoções e mesmo perigos. Bévallan, em logar de ir direito á margem fronteira á pequena enseada onde estava o amarradoiro da barca, teve o desatino de ir derivando até abicar a um ponto mais proximo da cataracta. Levou o bote ao meio da torrente, depois deixou-o ir agua abaixo, mas percebeu logo que esta, na proximidade da catadupa, como attrahida pelo

abysmo e vertiginosa, precipitava a corrida com assustadora velocidade. Previmos o perigo logo que o vimos metter de través o bote e remar com febril energia. Luctou contra a corrente, durante alguns segundos, sem grande vantagem. Ainda assim pouco a pouco lá se ia avisinhando da margem opposta, posto que a corrente continuasse a leval-o com terrivel impetuosidade para os alcantis, cujo retumbar ameaçador devia aturdir-lhe os ouvidos. Apenas lhe faltariam alguns pés, quando um supremo esforço o levou perto da ribeira, e n'isto foi a sua salvação. E d'ahi tamanho salto deu para terra, que a barca, impellida pelo pé, resvalou logo por sobre os penedos, e veio dar ao poço com a quilha para cima.

Em quanto o perigo durou, a impressão que tivemos, em presença de tal scena, fôra inquietadora; mas, socegados os animos, era natural que outro sentimento de contraste nos accomettesse á vista do desfecho de uma aventura que tanto dizia com o impertigamento e aprumo ordinario no heroe da façanha. De mais a mais, o riso é cousa assim facil quanto natural, depois dos sustos felizmente desvanecidos. Pelo que, não houve d'entre nós pessoa que não risse a bandeiras despregadas, logo que vimos Bévallan fóra do bote. Deve dizer-se que ainda então se completava o infortunio d'elle com um pormenor verdadeiramente de apoquentar. A ribanceira, a que elle se atirára, apresentava uma ladeira escorregadia e humida; apenas assentou n'ella o pé, resvalou e caiu de costas; felizmente que lhe ficavam á mão alguns galhos solidos, e aferrou-se phreneticamente

n'elles, em quanto as pernas se debatiam como dois remos furiosos na agua pouco funda, que banhava a margem. Como já não havia sombra de perigo, o espectaculo d'este combate era puramente ridiculo, e tenho de fé que esta cruel idéa ajuntava aos esforços de Bévallan uma desastrosa precipitação que lhe retardava a saída. Conseguiu por fim pôr-se a pé e firmar o pé na riba; depois, outra vez de repente, escorrega o homem, rasgando os silveiraes na quéda, e eil-o ahi repetindo na agua, com evidente desesperação, a sua pantomima desordenada. Ninguem já se podia ter. Margarida nunca se vira em patuscada d'este feitio! Nem já a dignidade a continha; á semelhança de uma nympha ebria de riso, fazia echoar as gargalhadas que a tinham em convulsões. Ria e dava palmas, gritando com a voz entrecortada:

—Bravo! bravo! sr. de Bévallan! lindissimo! delicioso! pittoresco! Salvador Rosa!

Bévallan, n'este comenos, conseguira apegar em terra firme; de lá voltando-se para as damas dirigiu-lhes um discurso que o estrondear da catadupa não deixava ouvir distinctamente; mas, pelo animado da mimica e movimentos descriptivos dos braços, e o modo atrapalhado dos seus sorrisos, podémos comprehender que elle nos estava fazendo a explicação apologetica do seu desastre.

—Sim, meu querido senhor, dizia Margarida continuando a rir com a implacavel barbaridade de mulher; a saída é excellente: bellissima saída! Seja feliz!

Quando voltou á seriedade, perguntou-me como se

poderia reparar a barca desconjunctada, que era a melhor da nossa frotasinha. Prometti voltar no dia seguinte com carpinteiros, e presidir á compostura do bote; depois fomos caminhando jovialmente pelos prados, na direcção do castello, ao passo que Bévallan, porque não estava em trajo de natação, devia renunciar a ajuntar-se comnosco, e lá se sumiu com melancolico aspecto por detraz dos penhascos que bordam a outra margem.

---

20 de agosto.

Finalmente, esta alma extraordinaria fiou de mim o segredo das suas borrascas; oxalá que ella m'o não revelasse nunca!

Nos dias sequentes ás ultimas scenas que contei, Margarida, como corrida dos movimentos de infancia e sinceridade de que se deixára levar um instante, deixára cair mais espesso sobre o rosto o véo de triste orgulho, desconfiança e desdem. No meio de ruidosos prazeres, festas, bailes successivos no castello, passava ella como sombra, indifferente, glacial e algumas vezes irritada. Aggredia ironicamente com inexprimivel azedume, já os mais puros gosos da alma, aquelles mesmo provenientes da contemplação e estudo, já os mais nobres e inviolaveis sentimentos. Se em sua presença alguem citava algum acto de coragem ou virtude, ella vinha logo abastardando-o, buscando n'elle a face do egoismo; se por desgraça em sua presença se queimava grão de incenso no altar da arte, ella o repellia com um arremesso. O seu sorriso rapido, contrafeito, temivel, nos labios d'ella parecido ao escar-

neo de um anjo caído, recrudescia em deturpar, onde quer que as ella via, as mais generosas faculdades da alma humana, o enthusiasmo e a paixão. Este estranho espirito de detracção, em frente de mim, assumia um caracter de perseguição especial e verdadeira hostilidade. Eu não entendia, nem bem entendo ainda, como pude merecer essas particulares attenções, pois que, se é verdade que eu tenho no coração a firme religião das cousas ideaes e eternas, de modo que só a morte póde arrancal-as d'aqui (ai! Deus meu! se não fosse isto, que tinha eu de meu!) não tenho propensão alguma aos extases publicos, e as minhas admirações, bem como os meus affectos, não importunarão alguem jámais. Por mais que averiguasse, qual é o genero de pudor que exprime os sentimentos verdadeiros, nunca levei a minha ávante: davam-me sempre por suspeito de poeta. Attribuia-me chimeras romanescas, para ter o prazer de combater-m'as, fazia-me tomar á força não sei que ridicula harpa para se estar divertindo, quebrando-lhe as cordas.

Posto que esta guerra aberta a tudo que sobreleva os interesses positivos e aridas realidades da vida não fosse feição nova da indole de Margarida, é certo que se exasperou e empeçonhou até ao extremo de mortificar os corações que mais affeiçoados lhe são. A sr.ª de Porhoet, um dia, fatigada d'aquelle zombetear incessante, disse-lhe na minha presença:

—Minha linda, ha em vós, de certo tempo para cá, um demonio que seria bom ser exorcismado o mais de-

pressa que ser possa; senão, acabareis por formar uma optima tripeça com a Aubry e a Saint-Cast, crêde-me isto. De mim digo, que nunca me vangloriei de ser pessoa muito romanesca, mas folgo de crêr que ainda ha na terra almas capazes de sentimentos generosos; creio no desinteresse, pelo menos no meu; creio até no heroismo, porque tenho conhecido heroes. Além d'isso, apraz-me ouvir chilrear os passarinhos no meu caramanchão, e tambem me apraz edificar a minha cathedral nas nuvens que passam. Tudo isto póde ser que seja ridiculissimo, minha linda; mas ouso lembrar-vos que estas illusões são os thesouros do pobre, que este senhor e eu não temos outros, e que temos a singularidade de nos não lastimarmos.

De outra vez, acabando eu de soffrer com a ordinaria impassibilidade os sarcasmos mal mascarados de Margarida, a mãe d'ella chamou-me de parte.

—Sr. Maximo, disse ella, vejo que a minha filha o está atormentando continuamente; peço-lhe que a desculpe. E depois de breve pausa, continuou:—O senhor deve ter notado que o caracter d'ella se alterou, ha tempo a esta parte.

—Parece-me que sua filha, minha senhora, vive mais preoccupada do que era.

—Deus meu! não é sem motivo! está em vesperas de tomar uma resolução importantissima, e n'estas occasiões o espirito da gente moça anda nos espaços aereos.

Inclinei-me sem responder.

—Entretanto, o senhor é amigo intimo de nossa casa, e, como tal, diga-me o que pensa do sr. de Bévallan.

—O sr. de Bévallan, minha senhora, creio tem uma grande casa, menos rica do que esta, mas todavia, muito boa, com o rendimento annual de trinta contos de réis aproximadamente.

—Sim; mas o que pensa do homem, do caracter d'elle?

—Minha senhora, Bévallan é o que se chama um consumado cavalheiro. Tem espirito, e gosa fama de *rapaz fino.*

—Mas parece-lhe que elle fará feliz minha filha?

—Parece-me que a não fará infeliz. Acho que elle tem boa alma.

—Mas que quer que eu faça? Não me agrada nada elle, mas é a unica pessoa que não desagrada de todo a Margarida, e depois, ha tão poucos homens que tenham vinte contos de renda! O senhor comprehende que minha filha, na posição em que está, não falta quem a queira. Ha dois ou tres annos que estamos litteralmente bloqueadas. E' preciso acabar com isto... Estou doente, posso morrer de um dia para o outro... Minha filha ficava sem ter quem a protegesse. Ora, se n'este casamento todas as conveniencias concorrem, e o mundo o acha bom, culpa teria eu se não annuisse. Já por ahi me arguem de imbuir minha filha de idéas romanticas; a verdade é que eu não lhe imbuo cousa nenhuma. Aquillo que ella pensa é lá muito seu d'ella. Finalmente, o senhor que me aconselha?

—Consente que eu lhe pergunte qual é a opinião da sr.ª de Porhoet? Tenho-a em grande conta de juizo e experiencia, e de mais a mais muito amiga d'esta familia.

—Ah! se eu désse ouvidos á sr.ª de Porhoet, onde estaria Bévallan! Mas a sr.ª de Porhoet lá diz o que lhe parece... Se o regeitar a elle, não é ella que ha de casar com minha filha!

—Minha senhora, attendendo aos bens de fortuna, o sr. de Bévallan faz muita conta, e raro ha ahi quem o valha, não ha que tergiversar: e se é de rigor que sejam vinte contos de renda...

—Tanto se me dá que sejam vinte contos, como vinte réis, meu caro sr. Maximo. Não se trata de mim, é de minha filha. Ora bem, posso eu dal-a a um pedreiro? Eu de mim gostaria muito de ser a mulher de um pedreiro; mas o que seria bom para mim, póde ser que não o seja para minha filha. E' dever meu, casando-a, consultar as idéas geralmente recebidas, e não as minhas.

—Pois então, se este casamento lhe convem, e se egualmente convem a sua filha...

—Não digo isso... não me convem, nem convem a minha filha. E' um casamento, santo Deus! é um casamento de conveniencia, e está dito tudo.

—E está resolvido?

—Não, senhor, por isso lhe peço o seu parecer. Se estivesse resolvido, estaria mais socegada minha filha. Estas hesitações é que a inquietam, e depois...

A sr.ª Laroque recolheu-se debaixo do pequeno docel que cobre a poltrona, e accrescentou :

—Sabe o senhor o que se passa n'esta desgraçada cabeça ?

—Não, minha senhora.

Fixou-me por momentos o seu olhar scintilante. Soltou um profundo suspiro, e disse-me n'um tom brando e magoado :

—Vá, eu não o demoro mais.

A confidencia com que fui honrado não me surprehendeu muito. Desde muito, era evidente que Margarida consagrava a Bévallan tudo que havia n'ella de affeição á humanidade. Ainda assim, as provas significavam mais preferencia de amizade que ternura apaixonada. Esta preferencia é boa de explicar. Bévallan, que eu nunca prezei, e cuja caricatura, em logar do retrato, mau grado meu, escrevi n'estas paginas, reune o maximo numero de qualidades boas e defeitos que conquistam usualmente o suffragio das mulheres. Fallece-lhe absolutamente a modestia ; mas isso bom é, porque as mulheres não a amam. Abunda n'uma certa importancia de espirito, tranquilla e motejadora, inaccessivel á timidez, que facilmente intimida, e que em toda a parte garante ao que a tem uma especie de predominio e apparencia de superioridade. E' bem apessoado, bem feito, destro nos exercicios de força, famoso como cavalleiro e caçador, tudo isto lhe outhorga uma auctoridade viril que deslumbra o sexo timido. Tem, emfim, nos olhos um espirito atrevido, emprehendedor e conquista-

dor, que os costumes não desmentem, e com o qual perturba as mulheres e lhes excita no ańimo ardores secretos. Vem mais a pello dizer que taes vantagens só se fazem geralmente valer em corações vulgares; mas o coração de Margarida, que eu tivera a tentação de erguer á altura da belleza d'ella, como acontece sempre, parecia, nos ultimos tempos, revelar sentimentos de muito mediano quilate, e julguei-a muito capaz de soffrer, sem resistencia e sem enthusiasmo, com a passiva frieza de uma imaginação inerte, o encanto d'esse vencedor banal, e o subsequente jugo de um casamento de conveniencia.

A' vista d'isto, muito me convinha segurar a minha posição, e tão facilmente o fiz quanto me pareceu difficil fazel-o um mez antes, porque envidei todo o meu esforço no combater as primeiras tentações de um amor que o bom sizo e a honra reprovavam por egual, e aquella mesma que, sem d'isso dar fé, me obrigava a combater, tambem sem o saber, me auxiliou grandemente. Se me ella não póde esconder a formosura, mostrou-me a alma, e metade da minha fechou-se. Toleravel infortunio, de certo, para a joven millionaria; mas verdadeira felicidade para mim.

N'este tempo, fui a Paris, onde me chamavam os interesses da sr.ª Laroque e os meus. Ha dois dias que cheguei, e, quando fui ao castello, disseram-me que o velho Laroque me chamava com instancia desde manhã. Logo que me viu, passou-lhe nas faces carcomidas um pallido sorriso; fitou-me de um modo que exprimia

o prazer malicioso e secreto triumpho, e depois disse-me com voz surda e cavernosa:

—O sr. de Saint-Cast morreu!

Esta noticia, que o singularissimo velho quiz por si mesmo communicar-me, era exacta. Na noite anterior, o pobre general de Saint-Cast fôra atacado de uma apoplexia, e uma hora depois era arrebatado á existencia opulenta e deliciosa que devia á sr.ª de Saint-Cast. Logo que a noticia chegou ao castello, a sr.ª Aubry fez-se transportar a casa da sua amiga, e estas duas companheiras, disse o dr. Desmarets, tinham o dia todo bacharelado ácerca da morte, da rapidez dos seus golpes, da impossibilidade de prevel-os e prevenil-os, da inutilidade dos pesares, que não resuscitam ninguem, do tempo que consola, emfim, uma ladainha de idéas originaes e agudas. Depois do que, sentadas á mesa, recuperaram as forças o melhor que poderam.

—Vamos, coma, minha sonhora; é preciso alimentar-se; Deus o quiz, dizia Aubry.

A' sobre-mesa, a sr.ª de Saint-Cast tinha mandado abrir uma garrafita de um vinhosito do Porto que o pobre general adorava, em consideração do que pedia ella á sr.ª Aubry que provasse. Ora, como a sr.ª Aubry teimasse em não querer beber sósinha, a sr.ª de Saint-Cast se deixára persuadir que Deus ainda queria que ella bebesse um calix de vinho do Porto, com uma codeasita de pão. Só faltou beberem á saude do general.

Hontem de manhã, a sr,ª Laroque e sua filha, de luto rigoroso, saíram de carruagem, e eu fui com ellas.

A's dez horas estavamos na cidade visinha. Em quanto eu assistia aos funeraes do general, as senhoras ajuntaram-se á de Aubry para formarem em redor da viuva o circulo do estylo. Acabada a triste cerimonia, tornei á casa do defunto, e fui introduzido, com alguns amigos da familia, no celebrado salão, cuja mobilia custára tres contos de réis. A uma luz baça, enxerguei, sobre um canapé de duzentos e quarenta mil réis, a sombra inconsolavel da viuva, envolta em longos crepes, cujo preço havemos de saber logo. Nas costas d'ella estava a sr.ª Aubry, offerecendo o aspecto da maxima prostração physica e moral. Meia duzia de parentas e amigas completavam o plangente grupo.

Ao passo que nós os homens, nos enfileiravamos na outra extremidade da sala, fez-se um ruido do pisar das botas e estalido do sobrado; depois um morno silencio reinou de novo no mausoleu. De espaço a espaço saía do canapé um gemedor suspiro, que a sr.ª Aubry repetia como echo fiel.

Appareceu, emfim, um homem ainda moço que ficára atraz para acabar de fumar um charuto que accendera á saida do cemiterio. Como elle se ia escoando discretamente para o nosso lado, a sr.ª de Saint-Cast lobrigou-o.

—E's tu, Arthur? disse ella com uma voz imitante a um gemido.

—Sim, minha tia, disse o moço, avançando em vedeta á frente da nossa fileira.

—Então! tornou a viuva, no mesmo tom gemebundo e puchado de alma, terminou?

—Sim, minha tia, respondeu breve e terminantemente o joven Arthur, que dava ares de ser um sujeito muito contente da sua pessoa.

Houve uma curta pausa, e logo seguiu-se o tirar a sr.ª de Saint-Cast do fundo de sua alma agonisante esta enfiada de perguntas:

—Estava bem tudo?

—Muito bem, minha tia.

—Muita gente?

—A cidade em peso, minha tia; estava lá tudo.

—E a tropa?

—Sim, minha tia, a guarnição inteira com a musica.

A dama exhalou um gemido, e accrescentou:

—E os soldados da bomba?

—Tambem lá estavam os soldados da bomba, minha tia.

Não sei o que este ultimo pormenor tinha de particular angustia para o coração da sr.ª Saint-Cast; sei que não pôde resistir-lhe: um subito deliquio, acompanhado de um vagido infantil, attrahiu á roda d'ella os recursos todos da sensibilidade feminina, e deu-nos azo a escapulirmo-nos. Eu de mim, aproveitei logo o ensejo. Custava-me a supportar vêr a irrisoria megera executar aquellas hypocritas gaifonas sobre a campa do homem fraco, mas leal e bom, cuja vida ella empeçonhára, e mui provavelmente ajudou a anniquillar.

Instantes depois a sr.ª Laroque mandou-me dizer que

a acompanhasse ao casal de Langoat, situado d'aqui a duas leguas. Resolveram as senhoras ir lá jantar, porque a caseira, que foi ama de leite de Margarida, está doente, e vão ellas dar-lhe, visitando-a, esta prova de estima e cuidado.

Partimos ás duas horas da tarde. Era por um dos mais calmosos dias d'esta estação. As duas portinholas abertas deixavam entrar na carruagem a bafagem espessa e ardente que um céo torrido assoprava sobre as charnecas ressequidas.

A conversação ia languida como os nossos espiritos. A sr.ª Laroque, que se dizia no paraizo e se via desembrulhada dos estofos, ia como engolfada em extasis. Margarida abanava o leque com gravidade castelhana. Em quanto subiamos lentamente as infinitas encostas d'aquelles sitios, viamos enxamear sobre as rochas calcinadas legiões de pequenos lagartos com o dorso prateado, e ouviamos o estalosinho continuado dos tojos que abriam ao sol as suas vagens maduras.

A meio de uma d'estas trabalhosas subidas, uma voz clamou de repente da beira da estrada: «Faz favor de parar?» Ao mesmo tempo uma corpolenta mocetona, descalça, com uma roca na mão, vestida á antiga, com a coifa ducal das aldeãs d'esta provincia, saltou rapidamente o fosso, atropellando alguns cordeirinhos espantados, que deviam de ser rebanho d'ella. Com certa graça, subiu o degrau da carruagem, e apresentou-nos á portinhola a sua cara trigueira, risonha e desembaraçada.

—Hão de perdoar, disse ella no tom rapido e melodioso que caracterisa o fallar do paiz, faz-me o favor de lêr isto? e tirou do collete uma carta dobrada á antiga.

—Leia o senhor, disse a sr.ª Laroque, e leia alto, se podér ouvir-se.

Tomei a carta, e vi que era de namoro, dirigida n'um minucioso sobrescricpto á sr.ª Christina Oyadec, da aldeia de ***, districto de ***, da quinta de ***. A letra era de mão muito inculta, mas que parecia sincera. A data annunciava que a sr.ª Christina tinha recebido a epistola duas ou tres semanas antes: pelos modos, a pobre moça, que não sabia lêr, nem queria fiar o seu segredo da malignidade dos da sua igualha, andava á espera de algum caminheiro, litterato e bemfazejo ao mesmo tempo, que lhe désse a chave do mysterio que ha quinze dias lhe inflammava o peito. Os olhos azues e rasgados da rapariga fixavam-se em mim com um ar de indizivel contentamente, emquanto eu decifrava com difficuldade as linhas tortuosas da carta, concebida nos seguintes termos:

«Menina, serve esta de lhe dizer que, desde o dia em que estivemos a conversar na charneca á tardinha, o meu pensar não variou, e dá-me cuidado saber do seu; menina, o meu coração é todo seu, assim como eu quero que o seu coração seja meu, e se assim fôr, esteja certa que não ha folego vivo na terra e no céo mais feliz que este seu amante, que não se assigna, mas a menina bem sabe quem é.»

—A menina Christina bem sabe quem é? disse eu, entregando-lhe a carta.

—Póde ser que saiba, respondeu, mostrando-nos os seus alvos dentes, e abanando gravemente a sua fresca cabeça radiosa de felicidade. Obrigada, minhas senhoras e meu senhor.

Saltou abaixo do degrau, e desappareceu na deveza, mandando ao céo as notas sonoras e festivas de alguma cantilena bretã.

A sr.ª Laroque seguira com visivel transporte todas as minudencias d'esta scena pastoril, que lhe acariciava deliciosamente as chimeras, sorria, extasiava-se diante da feliz creatura de pés descalços, estava encantada. Todavia, quando a moçoila desappareceu, uma idéa extravagante occorreu de subito ao espirito da sr.ª Laroque; e vinha a ser que teria andado com acerto se désse algumas pratinhas á camponeza, além da sua admiração.

—Alain! exclamou ella, chama a rapariga.

—Para quê, minha mãe? disse vivamente Margarida, que até então parecia de todo estranha a este episodio.

—Quem sabe, minha filha, se aquella moça comprehendeu o prazer que eu teria, e que ella mesma devia ter, de andar a correr dascalça por essa terra! Acho justo deixar-se uma lembrançasinha.

—De dinheiro! tornou Margarida. Oh! minha mãe, não faça isso. Não entre com dinheiro para a felicidade d'aquella rapariga.

A expressão d'este requintado sentimento que a pobre Christina, digamol-o entre parenthesis, não apreciaria lá grande cousa, não deixou de espantar-me na bocca de Margarida, que não faz timbre de semelhantes puritanismos. Até pensei que ella estava brincando, bem que o ar do rosto não denotasse brincadeira. Como quer que seja, tal capricho, faccioso ou não, foi tido em mui grande conta de seriedade pela mãe, e enthusiasticamente foi resolvido que se deixasse ao idyllio os seus pés descalços e a sua innocencia.

Depois d'este gracioso incidente, a sr.ª Laroque, evidentemente satisfeita de sua pessoa, recaiu no arrobamento, e Margarida continuou a abanar-se com o leque, duplicando a gravidade dos movimentos. Passada uma hora, chegámos ao termo da nossa jornada. Como a maior parte das quintas d'esta provincia, cujas chãs e eminencias são cobertas de aridas charnecas, a quinta de Langoat está situada no fundo de um valle, golpeado por um ribeiro. A caseira, que estava melhor, deu-se pressa nos preparativos do jantar, para o qual nós levámos os principaes elementos. Fez-se a mesa sobre um taboleiro de relva, á sombra de um castanheiro enorme. A sr.ª Laroque, installada em attitude extremamente incommoda sobre uma das almofadas da carruagem, não parecia menos folgazã. A nossa reunião, dizia ella, lembrava-lhe os grupos de segadores que no estio a gente vê em magotes debaixo das arvores, sendo que nunca ella podéra comtemplar sem inveja os banquetes d'elles.

Em quanto a mim, eu n'outros tempos talvez achasse singular prazer na estreita e facil intimidade, que esse repasto, sobre a relva, como todas as scenas d'este genero, estabelecia entre os convivas; mas agora afastava de mim com penoso sentimento um encanto, mais que muito sujeito ao arrependimento, e d'ahi veio amargar-me aquelle pão de fugitiva fraternidade.

Estava o jantar no fim, quando a sr.ª Laroque, apontando o tôpo de uma collina altissima que dominava o valle, me disse:

—Já foi acolá acima?

—Não, minha senhora.

—Oh! isso é falta de gosto! Vê-se d'ali um belissimo horisonte. Em quanto se põem os cavallos á carruagem, Margarida vae guial-o lá, não vaes, Margarida?

—Quem, eu, minha mãe? Nunca lá fui senão uma vez, e ha que tempo! Mas não importa; eu hei de atinar. Venha d'ahi o senhor e prepare-se para uma escalada trabalhosa.

E ahi começamos nós, Margarida e eu, galgando um carreiro escabroso que serpeava pelo flanco da serra, embrenhando-se aqui e além em pequenos bosques. Margarida a intervallos parava na sua subida ligeira e rapida, para vêr se a eu seguia, e um pouco offegante da corrida, sorria-me sem dar palavra. Chegando á calva charneca que formava a cumiada, vi em pequena distancia uma egreja rural, cujo pequeno sino desenhava no céo os seus salientes contornos.

— E' acolá, disse a minha conductora accelerando o passo.

Atraz da egreja havia um cemiterio murado. Abriu-lhe ella a porta, e caminhou penosamente através das grandes hervas e sarças rojantes que talavam o campo do repouso, para uma especie de poial em fórma de hemicyclo que occupa uma das extremidades. Dois ou tres degraus, desconjunctados pelo tempo, e ornados mui singularmente de espheras massiças, conduzem a uma estreita platafórma nivellada com a parede. Do centro do hemicyclo arvora-se uma cruz de granito.

Margarida, apenas poz o pé na platafórma e lançou os olhos ao espaço que se ampliava diante d'ella, vi-a pôr obliquamente a mão sobre os olhos, como se experimentasse um subito deliquio. Fui de corrida para junto d'ella. Aquelle bello dia, ao entardecer, aclarava com seus ultimos esplendores uma scena vasta, deslumbrante e sublime, que não se me olvidará jámais. Defronte a nós, e lá muito ao fundo da esplanada, entendia-se infinitamente uma especie de lagôa esmaltada de laminas relumbrantes, semelhando um terreno de pouco descoberto pelo refluxo de um diluvio. Esta larga enseada rompia até debaixo de nós pelo centro das montanhas chanfradas. Sobre os bancos de areia e lôdo que separavam os paues interpostos, confusa vegetação de cannaviaes e hervagens marinhas se coloria de mil côres, por egual sombrias, e por isso contrastavam com a superficie limpida da agua. A cada passo rapido para o horisonte, o sol illuminava ou submergia na sombra al-

guns dos muitos lagos que marchetavam o golfo meio sêcco: era como se alternadamente expedisse da sua celeste moldura as mais preciosas materias, prata, ouro, rubis, diamantes, para fazel-os scintillar em cada ponto d'esta magnifica esplanada. Quando o astro transmontau, uma facha vaporosa e ondeada, que ao longe orlava o extremo limite das lagôas, purpureou-se subitaneamente de um clarão de incendio, e guardou por momentos a transparencia irradiante de uma nuvem fendida pelo raio. Todo eu me estava absorvido na contemplação d'aquelle quadro verdadeiramente assellado da divina grandeza, o qual, como um clarão de mais, vinha allumiar-me recordações de Cesar, quando uma voz baixa e como oppressa murmura ao pé de mim:

—Meu Deus! como isto é bello!

Longe estava eu de esperar da minha companheira esta expansão sympathica. Voltei-me para ella com a velocidade da surpreza que não esfriou, quando a sinceridade profunda de sua admiração me foi justificada pela alteração das feições e tremor dos labios d'ella.

—Confessa que é bello isto? disse-lhe eu.

Fez um gesto negativo de cabeça; mas ao mesmo tempo duas lagrimas se lhe desprenderam dos grandes olhos: sentiu-as ella deslisar no rosto, e fez um gesto de despeito; depois, atirando-se de repente á cruz de granito, cuja base lhe servia de pedestal, abraçou-a com ambos os braços, apoiou fortemente a cabeça contra a pedra, e ouvi-a soluçar convulsivamente.

Entendi que não devia perturbar com palavra nenhu-

ma o desafogo d'esta subita commoção, e affastei-me respeitosamente alguns passos. Um momento depois, vi-a erguer a face, e recompôr com mão distrahida os cabellos desatados, e aproximei-me.

—Que envergonhada estou! murmurou ella.

—Creia-se antes feliz e renuncie, creia-me, a dessecar em si a fonte dessas lagrimas, que é sagrada. Além de que, isso não se repetirá.

—E' forçoso! exclamou Margarida com violencia. E de mais, lá vae! Este accesso não foi mais que uma surpreza... Tudo que é bello, e tudo que é amavel... quero odial-o, e odeio-o.

—E porque? grande Deus!

Olhou-me em rosto, e ajuntou com um gesto de orgulho e dôr inexprimiveis:

—Porque sou bella, e não posso ser amada!

E aqui, como torrente longo tempo reprezada que rompe emfim os diques, continuou com extraordinaria impetuosidade:

—E, todavia, é certo! E poz a mão sobre o seio arquejante. Deus tinha depositado n'este coração todos os thesouros que eu abomino e blasphemo a todas as horas do dia! Quando, porém, me inflingiu a riqueza, ai! tirou-me com uma das mãos o que me prodigalisára com a outra! De que me serve a formosura, a dedicação, a ternura, o enthusiasmo de que me sinto devorada! Não é a estes encantos que se dirigem as homenagens com que tantos miseraveis me importunam! Adivinho-o, sei-o de sobejo! E se alguma vez uma alma desinteressada,

generosa, heroica, me amasse pelo que sou, e não pelo que valho, eu nunca o saberia... nunca o acreditaria! Sempre a desconfiança! Eis aqui a minha condemnação, o meu supplicio! E assim, está decidido... eu nunca amarei jámais. Não me arriscarei a derramar n'um coração vil, indigno, venal, a pura paixão que me inflamma a alma. Morrerá virgem em meu seio este coração... Não importa! estou resignada; mas tudo que é bello, tudo que enleia os sentidos, e me falla dos céos defesos, e agita em mim inuteis flammas, affasto-o, odeio-o, não o quero!

Suspendeu-se, tremula de commoção, depois tornou, baixando a voz:

—Este momento não o procurei eu, não calculei as minhas palavras; não lhe destinára esta tamanha confidencia; mas, emfim, fallei, o senhor sabe tudo, e, se alguma vez lhe feri a sensibilidade, agora creio que tudo me perdoará.

Estendeu-me a mão. Quando os meus labios tocaram aquella mão febril e ainda humida de lagrimas, pareceu-me que um mortal languor se me instillava nas veias. Margarida voltou o rosto, fixou a vista no horisonte pardacento, depois, descendo vagarosamente os degraus, disse:

—Vamos.

Um caminho mais longe, mas mais facil que a rampa escarpada da serra, nos levou ao quinteiro da quinta, sem que trocassemos uma só palavra. Que poderia eu dizer? Ninguem poderia tornar-se mais suspeito que eu. Eu bem sabia que a distancia que me separava d'aquel-

la alma sombria mas adoravel, se augmentaria á medida que as palavras me fugissem do coração.

A noite já fechada escondia aos reparos os signaes da nossa commum commoção. Partimos. A sr.ª Laroque, depois de nos haver ainda expressado o contentamento com que ficava d'aquelle dia, entrou a scismar n'isso. Margarida, invisivel e immovel na espessa escuridade da carruagem, parecia adormecida com sua mãe; quando, porém, uma volta de caminho deixava bater-lhe no rosto um clarão baço, diziam seus olhos abertos e fixos que ella velava silenciosamente face a face com o seu inconsolavel pensamento.

De mim, posso dizer apenas que meditava: estranha sensação, mixto de profundo goso e profunda amargura, me senhoreára totalmente, e eu me deixava levar d'esse sentir como nos deixamos entregues a um sonho, de que temos a consciencia, e cujo encanto não ha forças que o debellem.

Chegámos á meia noite. Saltei da carruagem á entrada da avenida para ir para minha casa pelo caminho mais perto da tapada. Quando me eu encaminhava por entre o escuro das arvores, um leve rumor de passos e vozes proximas feriu-me o ouvido, e vagamente enxerguei nas trevas duas sombras. Era bastante tarde para justificar a precaução que eu tive de me esconder na espessura da floresta, e observar os noctivagos. Passaram vagarosamente por diante de mim: reconheci a sr.ª Helouin pelo braco do sr. de Bévallan. No mesmo instante o rodar da carruagem os sobresaltou, e, depois de

um apertar de mãos, separaram-se de corrida, ella na direcção do castello, e elle para o lado do bosque.

Entrado em casa, e preoccupado ainda com tal encontro, perguntei a mim mesmo enraivecido se consentiria que Bévallan continuasse nos seus amores em duplicado, e procurasse ao mesmo tempo, na mesma casa, amante e esposa. Certo é que eu estou n'uma edade, e vivo n'uma época, que me não deixa sentir contra certas fraquezas o odio vigoroso de um purista, nem tenho a hypocrisia de fingil-o; mas penso que a mais livre e relaxada moralidade, n'este sentido, admitte ainda algum grau de dignidade, elevação e delicadeza. Por ahi ha quem marche mais ou menos firme n'esses caminhos travessios. Antes de tudo, a desculpa do amor é amar, e a banal profusão de ternura do sr. Bévallan está dizendo que não ha ahi vehemencia nem paixão. Amores d'estes nem sequer são culpas; falta-lhes o valor moral da culpa; são meros calculos e convenções de medianeiro estupido. Os diversos incidentes d'aquella noite, confluindo ao meu espirito, acabaram de me provar até que extremo ponto aquelle homem era indigno da mão e coração que elle ousava solicitar. Tal enlace seria monstruoso. E, ainda assim, não hesitei em convencer-me que eu não podia fazer uso das armas que me déra o acaso para destruir tal projecto. Meios vis não os justifica o melhor fim, e não sei que haja delação que illustre. Ha de, pois, effectuar-se este casamento! O céo deixará cair uma das mais nobres creaturas suas nos braços d'aquelle gélido devasso! Soffrerá tamanha

profanação! Ah! ha tantas outras que elle soffre!

Entrei depois a querer entender o desatino que levou aquella menina a escolher tal homem entre tantos! Pareceu-me adivinhal-o. Bévallan é muito rico; julgam-n'o mais desinteressado por isso mesmo que precisa menos. Triste argumento! grande insensatez afferir no padrão dos teres o grau da venalidade dos caracteres! as mais das vezes a avidez incha com a opulencia, e os mais carecidos não são os mais pobres!

Haveria, porém, algum modo apparente de ser a propria Margarida que abrisse os olhos diante da indignidade da sua escolha, e achasse n'alguma inspiração secreta de sua mesma alma o conselho que me era vedado dar-lhe? Não poderá instantaneamente inspirar-lhe o coração um sentimento novo, inesperado, que extinga as vãs resoluções da rasão? Não terá já nascido esse sentimento, e não terei eu d'isso irrecusaveis provas? Tantos caprichos insolitos, hesitações, luctas e prantos, dos quaes, desde algum tempo, era eu motor ou testemunha, denunciavam, por sem duvida, uma rasão oscillante e pouco senhora de si. Emfim, eu não era já singelo em cousas da vida, a ponto de não saber que uma scena, como aquella de que eventualmente, n'esta mesma noite, fui confidente e quasi cumplice, embora não tenha sido premeditada, não póde ser recebida como cousa indifferente. Tal agitação, taes commoções indicam duas almas já perturbadas, ou que o vão ser, por tempestade commum.

Mas, sendo verdade que me ella amasse, como é cer-

tissimo que eu a amo, bem posso dizer d'este amor o que ella disse da sua formosura: «De que serve!» porque eu não posso esperar que este amor valesse a triumphar da desconfiança eterna que é o defeito e a virtude d'esta nobre rapariga, desconfiança cujo ultraje, ouso dizel-o, o meu caracter repelle; mas que a minha situação, com excepção a todas, deve inspirar. Entre estas terriveis sombras e a maxima reserva que ellas me prescrevem, que milagre poderia encher o abysmo?

E, depois, quando se interpozesse o milagre, e ella me désse a mão, pela qual eu daria a minha vida, mão que eu nunca hei de pedir, seria feliz o nosso enlace? Não era para temer, cedo ou tarde, n'aquella inquieta imaginação, os surdos assomos de alguma desconfiança mal abafada? Poderei eu mesmo esquivar-me a alguma segunda tenção molesta no seio de uma riqueza emprestada? Poderei saborear sem azedume um amor vinculado a um beneficio? A nossa mensagem de protecção com respeito ás mulheres tão formalmente nos é prescripta por todos os sentimentos de honra, que não ha falsifical-a n'um apice, ainda com extrema probidade, sob pena de nos cobrirmos de uma sombra equivoca e suspeita. Em verdade, a riqueza não é tão vantajosa, que não possa ser trocada por alguma cousa; e estou em acreditar que o homem que dá a sua mulher, em troca de alguns saccos de ouro, um nome illustrado por elle, um merito proeminente, uma grande posição, um futuro, não deve sentir-se humilhado pela gratidão; eu, porém, tenho vasias as mãos, nada sou e nada serei;

de quantas vantagens o mundo aprecia, tenho só uma: o meu titulo, e este de bom grado o renunciaria, para que se não dissesse que foi elle a taxa da mercancia. Vinha, portanto, a receber tudo, e não dar nada. Póde um rei esposar uma pastora, é isso cousa generosa e bonita, e mui legitimamente o felicitam por isso; um pastor, porém, que se deixasse esposar por uma rainha, faria uma figura de muito differente especie.

Pessei a noite a revolver tudo isto na minha pobre cabeça, e a procurar a conclsão que procuro ainda. Seria acertado deixar sem demora esta casa e estes sitios. A prudencia ordena-o. Isto não póde acabar bem. A quantas mortaes tristezas se não furtaria o homem com um só minuto de animo e decisão! Devia, ao menos, vergar á tristeza: nunca foi tão azada a occasião. Assim é, mas não posso!... No intimo da minha alma desordenada e torturada está uma idéa que domina tudo, e que me enche de sobrehumana alegria. O meu espirito é ligeiro como a ave dos céos. Vejo sempre, verei sempre aquelle cemiterio, o mar longinquo, o horisonte immenso, e sobre aquelle radioso cume o anjo de formosura banhado de lagrimas divinas! Sinto ainda em meus labios a mão d'ella, sinto nos olhos, sinto-as no coração aquellas lagrimas! Amo-a! Embora! ámanhã, se assim convier, tomarei uma resolução... Até então, em nome de Deus! que me deixem repousar! Ha muito tempo que eu não abuso da felicidade... D'este amor... morrerei, talvez; quero viver d'elle, e em paz, um dia completo.

26 de agosto.

Um dia, o unico dia que eu implorava, nem esse me foi concedido. Longa será a expiação, tão depressa chegada, da minha fraqueza! Como pude eu destemel-a? Na ordem moral, como na outra, ha leis que se não transgridem impunemente, e cujos infalliveis effeitos constituem n'este mundo a permanente intervenção do que ahi se diz «Providencia». Um homem pusilanime e eminente, escrevendo com mão quasi desvairada o Evangelho do sabio, ponderava ácerca de suas mesmas paixões, causadoras da sua miseria, do seu opprobio e do seu engenho, o seguinte: «Todas são boas, quando as avassallâmos; todas são más, quando nos avassallam. A natureza prohibe-nos prolongar além de nossas forças nossos apêgos; a rasão prohibe-nos querer o que não podemos alcancar; a consciencia veda-nos, já não o ser tentados, mas sim o succumbir ás tentações. Ter ou não ter paixões não está em nossa alçada: o que está em nós é regel-as. São legitimos quantos sentimentos senhoreâmos; são criminosos quantos sentimen-

tos nos senhoream... Não apegues teu coração senão á belleza immorredoura: circumscreve os teus dosejos na esphera de tua condição; que os deveres vão na dianteira das paixões; abrange as cousas moraes na lei da necessidade; aprende a perder o que póde ser-te extorquido; ensaia-te em perder tudo quando a virtude t'o prescrever.» Sim; a lei é esta; conhecia-a, transgredi-a, fui punido. Não ha nada mais justo.

Mal eu pozera pé sobre a nuvem d'aquelle desatinado amor, que para logo foi despenhado violentamente, e, sómente volvidos cinco dias, me recobro o necessario para referir as quasi ridiculas circumstancia da minha quasi irrisoria quéda.

A sr.ª Laroque e sua filha tinham ido de manhã visitar a sr.ª de Saint-Cast, e reconduzir Aubry. Encontrei sósinha em casa a Helouin. Levava-lhe eu um trimestre do seu ordenado; porquanto, se bem que os meus encargos nada tenham que vêr com a administração interna da casa, as senhoras quizeram que o ordenado de Carolina fosse excepcionalmente pago por mim: n'isto havia certamente intenção de nos considerar a ambos.

Estava ella no gabinete contiguo ao salão. Recebeu-me com insinuante affabilidade. N'este momento senti a expansão d'alma, que predispõe á confiança e bondade. Como verdadeiro D. Quixote, resolvi estender mão valedora áquella infeliz tão sósinha. E disse-lhe:

—A menina deixou de ser minha amiga; mas eu sou tal qual era. Consente que lhe dê uma prova?

Fitou-me, e murmurou com timidez um sim.

—Pois então, pobre menina, dir-lhe hei que se perde.

Ergueu-se de golpe, e exclamou:

—Viu-me no jardim esta noite?

—Sim, vi, menina.

—Meus Deus! disse, approximando-se de mim; sr. Maximo, juro-lhe que estou pura!

—Creio; devo, porém, dizer-lhe que n'este romancinho, em quanto a si innocentissimo, mas pela outra parte menos honesto, a sua reputação e socego corre perigo de ir a pique. Peço-lhe que reflexione, e ao mesmo tempo lhe rogo acredite que ninguem ouvirá da minha bocca palavra a tal respeito.

Ao retirar-me curvou-se ella sobre um canapé, e rompeu em soluços, encostando a face á minha mão. Posto que eu visse pouco antes correr mais tocantes e dignas lagrimas, não pude vencer a commoção.

—Vejamos, minha amiga, lhe disse eu. Ainda será tempo?

Ella sacudiu com força a cabeça.

—Pois bem, então tenha animo. Ha de salvar-se. Em que posso ser-lhe prestavel? Em poder d'esse homem está algum objecto, alguma carta, que eu, auctorisado pela senhora, possa pedir-lhe? Faça de conta que sou seu irmão.

Largou-me com colera a mão, e exclamou:

—Que dura alma a sua! fallar-me em salvação o senhor... que me perdeu! Fingiu amar-me, e repelliu-me,

humilhada, desesperada... A causa unica de tudo isto é o senhor!

—Não seja injusta, que eu nunca fingi amal-a; votei-lhe affeição muito sincera, que ainda lhe voto. Confesso que a sua belleza, espirito e talento lhe dão direito a esperar mais que fraternal amizade das pessoas que a conhecem; porém, a minha situação no mundo, deveres de familia a que estou subjugado, impedem-me de ir além do que tenho sido, sem calcar minha probidade aos pés. Francamente lhe digo que a acho encantadora, e assevero-lhe que, contendo nos limites da lealdade esta affeição, muito fiz para ser bemquisto. Aqui não vejo proceder humilhante: o que por certo devêra humilhal-a seria amal-a eu no proposito de não ser seu marido.

Encarou-me de má sombra, e disse:

—Cuida isso? Olhe que nem todos os homens são aventureiros.

—Ah! dar-se-ha caso que a senhora seja uma creaturinha de endiabrada condição? tornei eu placidamente. Se é, tenho a honra de a cumprimentar.

—Sr. Maximo! exclamou ella, retendo-me á saída. Perdoe-me! tenha piedade! Comprehenda-me, que eu sou desgraçadissima! Imagine o que será o pensar de uma pobre mulher como eu, a quem deram cruelmente coração, alma e intelligencia, e que só póde usar de tudo isto para soffrer e odiar! O que é este viver? O meu futuro que será? A vida é-me um sentimento da minha pobreza, constantemente exacerbado pelos requin-

tes do luxo que me rodeia. O meu futuro será a saudade, o chorar amargamente esta vida de hoje, apesar da servidão que m'a ennegrece! Fallou ahi de mocidade, espirito e talento!... Ah! eu antes queria andar a britar pedra nas estradas!... Seria mais feliz... A minha habilidade serve-me de estar eu aqui o melhor tempo da vida a adornar outra mulher para fazel-a mais bella, mais adorada e mais insolente!... E quando o meu mais puro sangue tiver passado ás veias d'esta boneca, ella ahi vae para os braços de um esposo feliz gosar os esplendores da vida, em quanto eu, só, velha, desamparada, hei de para ahi morrer n'um canto com uma pensão de creada grave! Que mal fiz eu ao céo para tamanho castigo? Diga-me! Porque hei de eu ser infeliz, e estas senhoras não? Valem mais que eu? Se eu sou má, é porque a desgraça me golpeia, e a injustiça me ennegrece a alma... Nasci como ellas, ou mais talvez, para ser boa, amoravel e caritativa. Ai! meu Deus! o bem-fazer nada custa, quando se é rico!... se eu fosse o que ellas são, e ellas fossem o que eu sou, odiar-me-iam como eu as odeio! Ninguem ama seus patrões!... E' horrivel isto, não é? Sei-o de mais, e isto é que dá cabo de mim. Conheço a minha abjecção, e corro-me de vergonha, vergonha surda!... Ah! o senhor vae agora desprezar-me mais que nunca... o senhor que poderia dar-me tudo o que eu perdi... esperança, paz, bondade, e a estima propria... E eu tive movimentos de julgar-me salva, ao sentir pela primeira

vez um pensamento de felicidade, de futuro, de hombridade... Que desgraçada!...

Tinha-se ella apossado de minhas mãos, e, escondendo n'ellas o rosto, d'onde pendiam os longos anneis fluctuantes dos cabellos, chorava anciadamente.

—Minha querida filha, disse eu, melhor que ninguem comprehendo os tedios e azedumes da sua posição: permitta, porém, que eu lhe diga que a senhora os augmenta nutrindo na alma os sentimentos que me acaba de revelar. Tudo isto é feiissimo, devo dizer-lh'o, e a senhora a final far-se-ha merecedora dos rigores do seu destino; repare no entanto, que a sua imaginação exaggera tudo. Porquanto, a senhora está sendo aqui tratada como amiga, e no porvir nada vejo que a impeça de sair d'esta casa pelo braço de um esposo feliz. Pelo que a mim toca, ser-lhe-hei, toda a vida, grato á sua dedicação; mas quero, uma vez ainda, para acabar tal assumpto, dizer-lhe que ha deveres a que estou sujeito, e que eu não quero nem posso casar-me.

Olhou-me com subito relance.

—Nem com Margarida? disse ella.

—Não sei a que vem aqui esse nome de Margarida.

Affastou os cabellos, que lhe cobriam a face, e estendendo a outra mão com gesto de ameaça, disse com voz retrahida:

—O senhor ama-a!... ou, por outra, ama-lhe o dote; mas não ha de gozal-o...

—Senhora!...

—Ah! tornou ella, é o senhor muito creança se cui-

da que engana a mulher que teve o desatino de amal-o! Saiba, pois, que eu leio perfeitamente na sua tactica! Além de que, eu sei quem o senhor é... Eu estava perto quando a sr.ª de Porhoet transmittiu á sr.ª Laroque a sua confidencia politica...

—Como assim? A senhora costuma escutar ás portas?

—Os seus ultrajes não me incommodam. Eu me vingarei... e não ha de tardar... Ah! é muito engenhoso o sr. de Champcey... Dou-lhe os parabens! Tem imposturado magnificamente o papel de desinteresse e reserva que o seu amigo Laubépin precisamente lhe recommendou quando o mandou para cá... Bem sabia elle com quem o senhor havia de tel-as. Conhecia de sobra a ridicula mania d'esta donzellinha! E o senhor cuidava que já tinha a preza nas garras, não é verdade? Bonitos milhões, cuja fonte é mais ou menos suja, segundo dizem, mas que seriam muito bons para regenerar um marquezado, e relustrar um brazão... Pois saiba que não ha de vingar a sua! juro-lh'o eu, que a mascara lhe ha de cair hoje, e esta mão é que ha de arrancar-lh'a!

—Minha senhora, é mais que tempo de acabar com esta scena, que vae sendo melodramatica. Tem-me dado azo a que eu lhe vá na dianteira da calumnia e da delação; mas vá segura, desça a esse terreno com inteira segurança, que eu lhe dou a minha palavra de que a não acompanho. E, sem mais, sou seu criado.

Deixei aquella infeliz com um profundo sentimento

de dissabor, mas de compaixão tambem. Supposto que eu sempre suspeitei que a mais perfeita organisação, mesmo na proporção dos seus dotes, deve falsificar-se e irritar-se na situação equivoca e mortificante de Cárolina Helouin, não pude, apesar d'isso, entrar com a imaginação até ao fundo do abysmo cheio de fel que eu vira aberto n'aquella hora. Em verdade, quando n'isto pensamos, não ha ahi conceber um modo de vida que sujeite a alma humana a mais venenosas tentações, mais apto a desenvolver e acerar no coração odios de inveja, a assoprar a cada hora revoltas do orgulho, a exasperar todas as vaidades e emulações proprias da mulher. E' mais que certo que o maior numero das desgraçadas senhoras cuja penuria e prendas as votam a semelhante emprego, tão honroso em si, conseguem pela moderação de seus sentimentos, e, cooperando Deus, pela firmeza de seus principios, furtar se ás deploraveis agitações de que Carolina não soubera livrar-se; mas a provação é de temer. Quanto a mim, algumas vezes me lembrou que minha irmã podia ser destinada, por nossas desgraças, a entrar no seio de alguma familia rica na qualidade de mestra: jurei então, fosse qual fosse o futuro que nos aguardava, compartir antes com Helena em pobre choupana o mais amargurado pão do trabalho, que deixal-a assentar-se ao festim envenenado d'aquelle opulento e odiento servilismo.

Se, comtudo, eu determinára firmemente deixar livre o campo a Helouin, e não entrar, á custa de tudo, nas recriminações de uma contenda aviltadora, não podia

affrontar sem inquietação as provaveis consequencias da guerra que me fôra declarada. Estava eu evidentemente ameaçado em tudo que mais sensivel me é, no meu amor e na minha honra. Senhora do segredo da minha vida e coração, misturando astutamente com a habilidade perfida do seu sexo a verdade com a mentira, Carolina podia facilmente apresentar o meu comportamento a uma luz suspeita, reverter contra mim aquellas mesmas cautellas e escrupulos da minha delicadeza, e emprestar ás minhas mais singelas acções a côr de uma intriga premeditada. Era-me impossivel saber com precisão que expediente daria Carolina á sua malquerença; mas posso fiar d'ella que ha de saber escolher os melhores ardis, sendo que ella, mais que ninguem, conhece os lados fracos das imaginações que tenta impressionar. Sobre os animos de Margarida e sua mãe, tem ella o natural imperio do fingimento sobre a fraqueza, da astucia sobre a candura; gosa para com ellas a plena confiança formada no longo habito e na quotidiana intimidade, e os seus patrões, fallando a linguagem d'ella, não se preveniam suspeitando que sob os exteriores de graciosa amabilidade e obsequiosos cuidados, que ella sabe simular com dexteridade consummada, estava o phrenesi do orgulho e da ingratidão que roe aquella miseravel alma. Era mais que muito verosimil que mão tão versada e astuciosa derramaria a sua peçonha com bom resultado em corações tão dispostos a recebel-a. Na verdade, Carolina poderia receiar, cedendo ao seu despeito, ser ella a que pozesse a mão de Margarida na de Béval-

lan e apressasse um casamento que arruinaria a sua propria ambição; mas eu sabia que a raiva de uma mulher nada calcula, e aventura tudo. Estava eu, pois, esperando a mais prompta e a mais cega das vinganças, e não me enganei.

Passei em dolorosa ancia as horas que tinha dedicado ás minhas doces meditações. Quanto ha de mais pungitivo na dependencia de uma alma altiva, a suspeita que mais amargura uma recta consciencia, o despreso que mais ultraja um coração que ama, tudo senti. A adversidade, nos meus peiores dias, nunca me tinha offerecido mais amargo calix. Dei-me, porém, como era costume, ao trabalho. A's cinco horas fui ao castello. As senhoras tinham recolhido depois do meio dia. Encontrei na sala Margarida, Aubry e Bévallan, com dois ou tres hospedes de passagem. Margarida affectou que me não via, e continuou a conversar com Bévallan n'um tom de extraordinaria animação. Tratavam de um baile improvisado, que se dava n'essa mesma noite no castello visinho. Margarida ia com a mãe, e instava com Bévallan que as acompanhasse; este desculpava-se, allegando que tinha saído de manhã antes de receber o convite, e que não estava convenientemente vestido. Margarida, insistindo com affectuosa garridice, de que elle mesmo parecia admirado, disse-lhe que elle tinha tempo ainda de ir a casa vestir-se e vir buscal-as, depois que se servisse do jantarsinho que lhe guardariam.

Objectou Bévallan que todos os seus cavallos de

trem estavam doentes e que não podia vir vestido de baile a cavallo.

—N'esse caso, vae leval-o a americana.

E, ao mesmo tempo, olhou para mim, pela primeira vez, de modo que lhe fuzilavam raios nos olhos.

—Sr. Odiot, disse ella com imperio, vá dizer que ponham os cavallos.

Esta ordem servil, diversa inteiramente das que é costume darem-se-me, e que eu estou disposto a tolerar, impressionou as pessoas mais indifferentes. Succedeu um silencio de constrangimento: Bévallan olhou espantado para Margarida, depois para mim, deu-se um ar grave, e levantou-se. Se alguem esperava alguma louca expansão de colera, enganou-se. Em verdade, as insultantes palavras que me eram dirigidas por bocca tão linda, tão amada e tão barbara, tinham coado frio de morte no mais profundo da minha vida, e creio que uma lamina de aço, varando-me o coração, não me causaria sensação peior; mas nunca me affectei tão tranquillo. A campainha de que habitualmente se serve a sr.ª Laroque para chamar os criados estava-me á mão sobre a mesa. Toquei. Entrou logo um criado, a quem eu disse:

—Creio que esta senhora tem ordens que dar-lhe.

Dito isto, que ella ouvira com uma especie de stupor, Margarida fez com a cabeça um signal negativo, e despediu o criado. Eu estava em ancias por sair da sala, que me faltava o ar; mas não pude retirar-me diante da attitude provocante que affectava o sr. de Bévallan.

—Por minha fé! murmurou elle, eis aqui uma cousa que tem que lhe digam!

Fingi que o não entendia. Margarida disse-lhe em voz baixa duas palavras.

—Obedeço, minha senhora, disse elle alteando a voz; seja-me só permittido exprimir o pesar sincero que sinto de não ter direito a intervir n'isto.

Levantei-me logo.

—Sr. de Bévallan, disse-lhe eu a dois passos de distancia, esse pesar é de todo o ponto superfluo, por quanto, se achei que não devia obedecer ás ordens d'esta senhora, estou inteiramente ás suas... e vou aguardal-as.

—Muitissimo bem, optimamente, o melhor possivel, replicou Bévallan, agitando a mão com graça para tranquillisar as mulheres.

Cortejámo-nos e saí.

Estava eu jantando sósinho na minha torre, servido, segundo o costume, pelo pobre Alain, a quem os rumores da ante-camara tinham de certo instruido do succedido, porque o homem olhava-me a cada momento com ar de lastima, de vez em quando suspirava do fundo d'alma, e estava calado, cousa extraordinaria! Apenas, a pedido meu, contou-me que as senhoras tinham resolvido não ir ao baile.

Findo o meu breve jantar, puz em ordem os meus papeis, e escrevi duas linhas a Laubépin. Incerto do futuro, recommendava-lhe Helena. A idéa do desamparo em que a eu deixava, se o exito me fosse desgraçado, excruciava-me o coração sem abalar ligeiramente os meus

inabalaveis principios Poderei enganar-me, mas penso sempre que a honra, n'este nosso moderno viver, domina a jerarchia de todos os deveres. A honra substitue hoje em dia tantas virtudes meio-obliteradas nas consciencias, tantas crenças moribundas, e exercita no nosso modo de ser social uma missão de tal modo tutelar, que nunca poderá comigo a idéa de debilitar-lhe os direitos, discutir-lhe os decretos, ou subornar-lhe as obrigações. A honra, em seu indefinido caracter, é superior algum tanto á lei e á moral: não a comprehendemos pelo raciocinio, sentimo-la. E' uma religião. Se já não temos a loucura da cruz, guardemos a loucura da honra!

Além de que, não ha sentimento profundamente invasado na alma humana que não seja sanccionado pela rasão. Mais vale, com risco de tudo, uma mulher só no mundo, que protegida por irmão ou marido deshonrado.

De um para outro momento, estava eu esperando o desafio de Bévallan. Preparava-me para ir a casa do recebedor do concelho, que é um joven official, ferido na Criméa, e pedir-lhe que me fosse testemunha, quando bateram á porta. Entrou o proprio Bévallan, cujo semblante exprimia, com alguns visos de embaraço, uma especie de ingenuidade franca e jovial.

—Sr. Maximo, disse elle quando o eu estava observando grandemente surprehendido, eis aqui um procedimento pouco em fórma; mas, á fé de quem sou, eu tenho dado provas que protegem, graças a Deus, a minha coragem contra a menor suspeita. Por outro lado,

tive esta tarde occasião de experimentar um contentamento que não deixa em mim logar para hostilidade ou odio. Finalmente obedeço a ordens que me devem ser hoje mais sagradas que nunca. Em resumo, venho estender-lhe a minha mão.

Saudei-o com gravidade, e apertei-lhe a mão.

—Ora agora, continuou elle sentando-se, eis-me aqui muito a meu commodo para me desempenhar da minha embaixada. Margarida, n'um momento de distracção, deu-lhe algumas instrucções que seguramente não eram da sua incumbencia. A sua susceptibilidade irritou-se justissimamente, reconhecemol-o todos, e as senhoras encarregaram-me de lhe transmittir os pesares d'ellas. Muito afflictas ficariam se um equivoco as privasse dos seus bons serviços, cujo merito ellas avaliam, e se rompessem relações, que ellas infinitamente apreciam. Pelo que a mim respeita, eu adquiri esta tarde, com grande gosto, o direito de associar ás instancias das senhoras as minhas proprias instancias: os votos que eu desde muito formára acabam de ser acolhidos, e, portanto, me dou por pessoalmente agradecido se o senhor não misturar ás recordações venturosas d'esta noite o pesar de uma separação, que seria a um tempo prejudicial e dolorosa á familia, em cujo gremio tenho a honra de entrar.

—Senhor, disse-lhe eu, não posso deixar de ser sensivel ás provas que houve por bem dar-me em nome das senhoras e em seu nome. Desculpe-me se immediatamente não respondo por uma determinação formal

que exigiria mais liberdade de espirito do que eu tenho agora.

—Conceda-me ao menos que eu seja portador de uma boa esperança... Já que o ensejo se offerece, rompamos d'aqui para sempre a sombra glacial que tem andado entre nós. Eu de mim estou muito disposto a isso. Primeiro que tudo, a sr.ª Laroque, sem fazer claro um segredo que não lhe pertence, não me deixou ignorar que as mais honrosas circumstancias se occultam no véo mysterioso em que o senhor se envolve. Depois, sou-lhe devedor de um particular obsequio: sei que o senhor foi recentemente consultado a respeito das minhas pretensões á mão de Margarida, e que muito me honrou com a sua apreciação.

—Oh! senhor, eu não creio ter merecido...

—Eu sei tudo, tornou elle sorrindo, bem sei que não fez grandes elogios ao meu juizo; mas, emfim, não me offendeu. Até confesso que o senhor deu mostras de ser realmente sagaz. O senhor disse que se Margarida não fosse absolutamente feliz comigo, tambem não poderia ser desgraçada. Bem! o propheta Daniel não diria melhor a cousa. O certo é que a adoravel menina não seria absolutamente feliz com ninguem, porque não acharia em todo o mundo marido que lhe falasse em verso desde o amanhecer até á noite... Não ha d'isso para cá. Eu tambem não sou d'esse calibre, convenho; mas, tal qual o senhor me fez a honra de chamar, sou um *rapaz fino*. E o certo é que o senhor se convencerá d'isso quando nos conhecermos melhor. Eu não sou um

homem diabolico; sou um bom moço... Tenho meus defeitos, tive-os, isso é verdade. Gostava das mulheres bonitas... lá isso não digo que não. Mas isso que tem? E' a prova de que tenho bom coração. Agora, cheguei finalmente ao ponto... e estou contente, porque, aqui entre nós, já me vão apparecendo algumas brancas. Agora o que eu quero é cuidar sómente da mulher e dos filhos, d'onde concluo com o senhor que Margarida será completamente feliz, quero dizer, quanto póde sel-o n'este mundo uma mulher com a cabeça d'ella; porque protesto animal-a muito, conceder-lhe tudo, e adivinhar-lhe os apetites; mas se ella requisitar a lua e as estrellas, de certo não posso ir lá acima despegal-as para lhe agradar; isto é impossivel. Sem mais, meu caro amigo, dê-me outra vez a sua mão.

Dei-lh'a e elle levantou-se.

—Bem, agora espero que não nos deixe... Ora vamos, quero vêr esse rosto alegre... Havemos de adoçar-lhe a vida, mas é preciso que o senhor se preste a isso... Parece que o senhor folga na sua tristeza! O meu amigo leva uma vida de mocho, desculpe a comparação. Tem modos de hespanhol, como por ahi se não vê nenhum. Sáia-me d'esse torpor. O senhor é moço, rapaz esbelto, com espirito e talento, aproveite-se d'isso alguma cousa. Ora diga-me, porque não faz o senhor dois dedos de namoro á Carolina Helouin? Isso havia de entretel-o. Ella é bonita, e estou que se não faria de manto de seda... Mas, com os demonios, ia-me agora esquecendo da minha promoção ás grandes dignidades!

Vamos lá. Adeus, Maximo, até ámanhã, não é assim?

—Até ámanhã, sem duvida.

E o *rapaz fino*, que é uma especie de hespanhol como ha muitos, deixou-me entregue ás minhas reflexões.

1.º de outubro.

Singular successo! Ainda que até agora não tenham sido boas as consequencias d'elle, fez-me bem. Depois do affrontoso golpe que me ferira, fiquei como atrophiado de dôr. Isto ao menos restituiu-me ao sentimento da vida, e, depois de tres longas semanas, é agora a primeira vez que sinto animo de abrir estas paginas e pegar outra vez da penna.

Dadas todas as satisfações, entendi que me não assistia bastante rasão para deixar, precipitadamente ao menos, posição e vantagens de que preciso, e das quaes difficil me seria encontrar cedo as equivalentes. A perspectiva dos padecimentos totalmente pessoaes, que eu devia ainda amargar, e que a minha fraqueza attrahira, não me auctorisava a fugir aos deveres de que não estão sómente independentes os meus interesses. Afóra isto, eu não queria de modo algum que Margarida attribuisse a minha subita retirada ao despeito de perder a partida; e para mim era ponto de honra mostrar-lhe até aos degraus do altar um rosto impassivel: quanto ao

coração, esse nunca o ella havia de vêr. Limitei-me, em summa, a escrever a Laubépin, dizendo-lhe que bem podia ser tornarem-se-me intoleraveis alguns encargos da minha situação, e, por isso, eu desejava avidamente algum emprego menos lucrativo e mais independente.

No dia seguinte fui ao castello, onde Bévallan me recebeu cordealmente. Saudei as senhoras com quanta naturalidade me foi possivel. Explicação claro é que se não deu alguma. A sr.ª Laroque pareceu-me triste e pensativa; Margarida ainda excitada, mas civil. Carolina estava muito desmaiada, e não levantava os olhos do bordado. A pobre rapariga não tinha muito de que felicitar-se pelo resultado final da sua diplomacia. Bem olhava ella de vez em quando para o triumphante Bévallan, com gesto desdenhoso e ameaçador; mas n'aquella atmosphera tempestuosa, que inquietaria alguma cousa um bisonho, Bévallan respirava desafogado, ia e vinha com a mais perfeita compostura. Este soberano descuido irritava visivelmente Carolina, e subjugava-a ao mesmo tempo. Todavia, se o perigo para ella fosse unicamente perder-se com o seu cumplice, tenho por certo que lhe faria a elle, e com mais rasão, um serviço analogo áquelle com que me mimoseára no dia anterior; porém, era provavel que, cedendo ao ciume raivoso e confessando a ingrata doblez, ella só se perdesse: ora intelligencia necessaria para comprehender isto, tinha ella de sobra. Bévallan não era homem que a affrontasse face a face sem reservar uma severa defeza de que lançaria mão com impiedoso sangue frio. Carolina podia

gloriar-se de fazer crêr as mentirosas denuncias que fizera na vespera; mas bem sabia tambem que a mentira, quer adule, quer fira o coração, é mais acreditada que uma verdade indifferente. Resignava-se, pois, não sem sentir amargamente, julgo eu, que a arma da perfidia retorna muitas vezes sobre a mão que a impelle.

Durante este dia e os immediatos estive em torturas, que antevira, mas não calculára d'ellas os pungentes pormenores. Para d'ahi a um mez estava aprazado o casamento. Curavam a toda a pressa dos preparativos. Os ramalhetes de Prevost chegavam regularmente todos os dias. As rendas, estofos, joias, confluiam sempre, e eram todas as noites expostas na sala aos olhos das amigas aforçoradas e invejosas. Pareceres e conselhos sobre cada cousa pediam-m'os a mim. Margarida solicitava-os com um genero de affectação cruel. Eu obedecia complacentemente; depois ia para minha casa, tirava de uma gaveta secreta o lenço rasgado que eu salvára com perigo de vida, e embebia n'elle as lagrimas. Cobardia ainda! mas que remedio? Amo-a! A perfidia, a inimisade, os equivocos irreparaveis, o orgulho d'ella e o meu, separam-nos para sempre: seja! mas nada empeçará que este coração viva e morra cheio d'ella!

No que toca ao sr. de Bévallan, não lhe tenho odio, que o não merece. E' uma vulgar, mas inoffensiva alma. Deus louvado, eu podia, sem hypocrisia, receber as demonstrações da sua banal benevolencia, e chegar com tranquillidade a minha mão da d'elle; se, porém, a sua safada individualidade estava a salvo do meu odio

nem por isso era menos funda e lacerante a angustia que eu sentia, vendo quanto aquelle homem era indigno da escolhida creatura que elle ia brevemente possuir, e nunca saberia avaliar. Não posso nem ouso dizer a vaga de pensamentos amargos e sensações sem nome que me assoberbava, e ainda agora se levanta contra mim, se medito na proxima imagem d'esse odioso e infeliz casamento. O verdadeiro amor alguma cousa tem sagrada, que imprime caracter sobrehumano nas dôres e prazeres que nos dá.

Na mulher que vós amaes ha não sei que divinisação, cujo segredo só a vós pertence, e não ha ahi tocar-lhe mão estranha que vos não sintaes logo estremecer de horror incomparavel, o estremecimento do sacrilegio. Não é já sómente um bem de alto valor que vos roubam, é um altar que em vós é profanado, um mysterio violado, um deus ultrajado. Eis o que é o ciume! Ao menos, o meu era assim. Mui de consciencia o digo, que a mim se affigurava que só eu no mundo tinha olhos, intelligencia e coração capazes de vêr, comprehender e adorar, em todas as suas perfeições, a belleza d'aquella creatura; que ligal-a a outro o mesmo seria transvial-a e perdel-a; que desde toda a eternidade a mim fôra destinada em corpo e alma. Immenso era este meu orgulho, em demasia expiado por immensa dôr.

Entretanto, um demonio zombeteiro me andava segredando, que, segundo todas as previsões da sabedoria humana, Margarida acharia mais paz e felicidade real na amizade temperada do marido rasoavel, do que na

bella paixão do esposo romanesco. Será isto, pois, verdade? será isto possivel? Não creio. Que ella tenha paz, vá; mas a paz não é a ultima palavra da vida, o symbolo supremo da felicidade. Se fosse bastante não soffrer e petrificar o coração para ser feliz, muita gente que o não merece seria feliz. A' força de rasão e de prosa acabam ahi por diffamar Deus e aviltar-lhe as obras. Deus dá aos mortos a paz, e a paixão aos vivos! Sim, na vida, ao pé da vulgaridade dos interesses correntes e diarios, á qual não tenho a puerilidade de querer fugir, ha uma poesia permittida... que sei eu? ordenada! E' a parte d'alma dotada de immortalidade! Importa que esta alma se sinta e revele algumas vezes, já por transportes para além do real, já por aspirações além do possivel, já mesmo por tempestades ou lagrimas. Sim, ha ahi um penar que vale mais que a felicidade, ou antes, que é a mesma felicidade, o penar da creatura que conhece as turvações todas do coração, as chimeras todas do pensamento, e tem quinhão em todos esses tormentos com animo firme e uma idéa fraternal. E' este o romance que cada qual por direito, e mesmo direi, por dever, convem que identifique á sua vida, se é homem, e quer provar que o é.

E demais, mesmo esta paz, tão apregoada, não a ha de ter a pobre menina. Que o consorcio de dois corações inertes e duas imaginações gélidas produza o repouso do nada, assás o creio; mas a união da vida e da morte não póde sustentar-se sem constrangimento horrivel e perpetuas angustias.

Na correnteza d'estas intimas miserias, cuja intensidade redobrava diariamente, o meu unico refugio era ao pé da minha pobre e velha amiga a sr.ª de Porhoet. Fingia ella ignorar ou ignorava o estado de minha alma; porém, com allusões rebuçadas, involuntarias talvez, tocava de leve, com a sua mão delicada e engenhosa de mulher, nas minhas feridas abertas. Ha n'aquella alma, emblema vivo do sacrificio e da resignação, essencia pura que parece já fluctuar sobre a terra, ha n'aquella alma um desinteresse, uma paz, uma doce firmeza que se me communicava. Cheguei a comprehender a sua innocente loucura, e mesmo a tomar parte n'ella com uma especie de creancice. Curvado sobre o meu album, fechava-me, com ella, por espaço de longas horas na sua cathedral, e ahi respirava os vagos perfumes de uma ideal serenidade.

Quasi todos os dias me ia eu em busca de qualquer distracção a casa da velha senhora. Não ha trabalho que se não melhore com o costume. Para que a sr.ª de Porhoet não desconfiasse da definitiva perda da sua demanda, eu continuava investigando regularmente os archivos da familia. A's vezes achava na papellada tradições, legendas, indicações de usanças que esporeavam a minha curiosidade, e transportavam por momentos a minha imaginação aos tempos idos, lá bem longe da oppressora realidade. A sr.ª de Porhoet, cujas illusões a minha perseverança entretinha, mostrava-me gratidão de que eu era pouco digno, por quanto eu chegára a ter este estudo, já sem positiva utilidade, n'um interesse

que me remunerava das minhas penas, e dava salutar diversão a minhas amarguras.

No entretanto, ao passo que o fatal termo se avisinhava, Margarida perdia a febril vivacidade de que ella se ostentára espiritualisada desde o dia em que o casamento fôra definitivamente resolvido. Lá vinham instantes ao menos d'aquelle ar sombrio de meditação e passiva indolencia, attitude que lhe era familiar outr'ora. Uma ou duas vezes a surprehendi encarando-me de uma maneira extraordinariamente perplexa. A sr.ª Laroque fitava-me frequentes vezes com ar de inquietação e duvida, como se desejasse e ao mesmo tempo receiasse entrar comigo em algum penoso assumpto de conversação. Quiz antes de hontem o acaso que me eu achasse na sala a sós com ella, tendo saído precipitadamente Carolina para dar uma ordem. Cessou logo a conversação indifferente em que estavamos, e a dama disse-me agitadamente:

—O senhor deposita muito imprudentemente as suas confidencias.

—As minhas confidencias, senhora! Eu não entendo. Salvo a sr.ª de Porhoet, ninguem recebeu de mim sombra de confidencia.

—Ah! tornou ella, quero acreditar que assim é... acredito... mas não basta isso!...

No mesmo instante entrou Carolina, e não se disse mais nada.

No dia seguinte, que foi hontem, saíra eu a cavallo de madrugada para vigiar alguns córtes de madeiras nas

cercanias. A's quatro horas da tarde, voltava eu caminho do castello, quando n'uma volta do caminho me encontrei subitamente rosto a rosto com Margarida. Vinha só. Dispunha-me a passar, cortejando-a; mas ella soffreou o cavallo.

—Bello dia de outono, disse ella.

—Sim, minha senhora. Anda passeiando?

—Como vê. Uso os meus ultimos momentos de independencia, e mesmo abuso d'elles, porque me sinto um pouco constrangida na minha solidão... Alain foi preciso em casa; o meu pobre Mervyn está manco... Dar-se-ha caso que o senhor queira substituil-o?

—Com muito prazer. Onde vae?

—Estava a pensar em subir até á torre d'Elven.

Apontou com o chicote para a cumiada nevoenta que se elevava á direita do caminho.

—Eu creio, accrescentou ella, que o senhor nunca peregrinou até acolá?

—E' verdade, tinha formado tenção de lá ir, mas addiei sempre até agora, não sei porquê.

—Ora! isso é facil de saber; mas é tarde e é preciso andar depressa, se convem n'isso.

Voltei o cavallo, e partimos de galope.

Em quanto iamos, fui pensando n'esta inesperada phantasia, que não deixava de parecer premeditada. Conjecturei que o tempo e a reflexão teriam podido attenuar no animo de Margarida a primeira impressão das calumnias que a tinham desvairado. Provavelmente, tornaram-se-lhe duvidosas as affirmativas da mestra, e ella

se entendera com o acaso para me offerecer com disfarce a especie de reparação que me era devida.

Entre as preoccupações que me assalteavam então, pouca importancia dava eu ao objecto do nosso passeio. Ainda assim, bastas vezes ouvira eu fallar da torre d'Elven como ruina das mais interessantes da provincia, e nunca eu passára em algum dos dois caminhos que de Rennes ou Jocelyn conduzem ao mar, que não contemplasse com olhos ávidos aquella incontornada massa que se via empinar d'entre os mattagaes longinquos como pedra enorme arvorada; mas tempo e occasião me faltavam sempre.

A aldeia d'Elven, que nós atravessámos, moderando a carreira, representa o que poderia ser uma aldeia da edade-media. A construcção das casas baixas e sombrias é a mesma de ha cinco ou seis seculos. Cuida a gente que sonha quando se lhe depara através de aberturas sem portadas, que servem de janellas, grupos de mulheres de olhar selvagem, vestidas esculpturalmente como em antigos tempos, fiando no escuro das choças, e conversando em voz baixa n'uma lingua desconhecida. Dirieis que todos estes espectros pardacentos acabavam de surgir de suas lousas tumulares para entre si executarem alguma scena de outras eras, da qual a testemunha viva sois unicamente vós. Não sei que oppressão aquillo causa. A pouca vida que se agita em redor de vós na unica rua da aldeia, tem o mesmo caracter de archaismo e estranheza fielmente conservado de uma sociedade que acabou.

Perto d'Elven, fomos por um caminho travessio que nos levou ao cimo de uma collina arida. De lá vimos distinctamente, posto que ainda longe, o colosso feudal dominando defronte a nós uma eminencia coberta de matto. A charneca por onde iamos descia precipitadamente para uns prados alagadiços, rodeados de espessas sébes. Transpozemol-a, e entrámos na matta. Depois entrámos n'uma estreita calçada, cujo pavimento desmantellado outr'ora soaria sob as patas dos corceis ajaezados de ferro. Havia muito que eu perdera de vista a torre d'Elven, cujo sitio não poderia mesmo suspeitar, quando a torre nos surgiu de repente da floresta, e se levantou dois passos á nossa frente com a rapidez de uma apparição. Esta torre não está em ruinas; conserva hoje a sua completa altura primitiva, que excede a cem pés, e as enxilharias regulares de granito, as quaes, formando o magnifico apparelho octogono, lhe dão o exterior de construcção moderna lavrada de fresco pelo mais puro cinzel. Nada mais grandioso, soberbo e sombrio que esse vetusto colosso impassivel ao decorrer do tempo, e isolado na espessura d'aquellas selvas. As arvores tem-se erguido em toda a sua corpulencia dos fossos profundos que a circuitam, e as grimpas roçam apenas as janellas mais baixas. Esta agigantada vegetação, na qual se perde confusamente a base do edificio, concorreu a dar-lhe uma côr de phantastico mysterio. N'aquelle ermo, em meio d'aquellas florestas, na presença d'aquella massa de architectura caprichosa que surge de sobresalto, impossivel é não pensar nas torres encantadas

onde formosas princezas dormem somnos seculares.

— Até hoje, disse Margarida, a quem eu tentava communicar esta impressão, o que eu tenho visto é o que se vê; mas, se quer que acordemos a princeza, podemos entrar. Segundo me disseram, ha n'estes arredores um pastor ou pastora, que está munido ou munida da chave. Amarremos aqui os nossos cavallos, e vamos procural-os, o senhor o pastor, e eu a pastora.

Acautellámos os cavallos n'uma pequena tapada contigua ás ruinas, e separámo-nos por um pouco, Margarida e eu, para fazermos uma especie de montaria á matta. Tivemos o dissabor de não encontrar zagal nem zagala. Augmentou-se o desejo de visitarmos o interior da torre, por isso mesmo que era fructo prohibido, e transpozemos á ventura um passadiço lançado sobre o fosso. Muito a nosso contento, a porta massiça do torreão não estava fechada; bastou empurral-a para entrar n'um reducto estreito, escuro e amontoado de ruinas, o qual talvez fosse antigamente casa da guarda; d'ahi entrámos n'uma vasta sala quasi circular, cuja chaminé mostra ainda sobre a pedra de armas os bezantes das cruzadas; uma ampla janella, rasgada defronte de nós, atravessada pela cruz symbolica entalhada na pedra, allumiava plenamente a região interior d'este recinto, em quanto a vista se perdia na sombra incerta das alterosas abobadas surribadas. Ao ruido dos nossos passos, um bando de passaros invisiveis se abalou d'esta escuridão, e sacudiu sobre nossas cabeças o pó dos seculos. Subindo aos bancos de pedra que correm ao lon-

go de cada lado da parede á maneira de degraus, no vão da janella, podémos olhar para fóra sobre a profundeza dos fossos e as porções arruinadas da fortaleza; porém, logo que entrámos, vimos os primeiros degraus de uma escaleira aberta na espessura da muralha, e experimentámos uma infantil ancia de levar mais ávante os nossos descobrimentos. Emprehendemos a subida; fui adiante, e Margarida seguiu-me animosamente, arranjando-se com a grande roda dos vestidos lá como pôde. Do alto do terraço, o panorama é immenso e delicioso. As suaves tintas do crepusculo esfumavam, n'este momento, o oceano de ramagem meio dourada pelo outono, os paues sombrios, as pradarias viridentes, os horisontes de pendores incruzados, misturando-se e succedendo-se até lá longes extremos. Em presença d'esta graciosa paisagem, triste e infinita, sentiamos a paz do ermo, o silencio do anoitecer, a melancolia dos tempos passados descer a nossos espiritos e corações como um encantamento irresistivel. Esta hora de contemplação commum, de commoções compartidas, de profunda e pura voluptuosidade, era sem duvida a ultima que me era dado viver junto d'ella e com ella, e todo me concentrava n'essa hora de vida com violencia quasi angustiosa de sensibilidade. Em quanto a Margarida, não sei o que se passava no seu intimo: sentára-se no rebordo do parapeito, olhava ao longe, e estava muda. Eu ouvia apenas o bafejo um pouco precipitado do seu halito.

Quantos minutos passaram assim, não sei dizel-o. Como os vapores se condensassem por sobre os prados

baixos, e os extremos horisontes se esvaecessem nas trevas crescentes, Margarida ergueu-se.

— Vamos, disse ella a meia voz, e como se um véo houvesse baixado sobre algum espectaculo agradavel, acabou-se!

Depois desceu a escada e eu segui-a.

Quando quizemos sair do torreão, grande foi nossa surpreza ao encontral-o fechado. Naturalmente o guarda, ignorando que lá estavamos, tinha dado volta á chave, em quanto estiveramos no terraço. A nossa primeira impressão foi de alegria. Definitivamente estavamos n'uma torre encantada. Fiz vigorosos esforços para quebrar o encanto; mas a enorme e velha fechadura estava solidamente encravada na pedra, e eu renunciei a partil-a. Voltei depois os meus ataques contra a porta; mas os gonzos massiços e os alizares de carvalho chapeados de ferro contrapunham-me invencivel resistencia. Dois ou tres calhaus que eu apanhei das ruinas e atirei contra a porta o que fizeram foi abalar a abobada, e despegar de lá alguns fragmentos que me caíram aos pés. Margarida não me deixou continuar uma empreza evidentemente desesperada e até perigosa. Corri então á janella, e gritei chamando, mas ninguem me respondeu. Durante dez minutos renovei os gritos com egual resultado.

Ao mesmo tempo iamos aproveitando de corrida os ultimos clarões do dia para explorar miudamente todo o interior da torre; mas, afóra a porta, que estava como emparedada para nós, e a grande janella que um abys-

mo de trinta pés separava do fundo dos fossos, não podémos descobrir outra saída.

Era noite fechada nas campinas, e as trevas tinham invadido a velha torre. Alguns reflexos da lua apenas penetravam no vão da janella e prateavam obliquamente os bancos de pedra. Margarida, que pouco e pouco perdera toda a apparencia de gracejo, deixou mesmo de responder ás conjecturas mais ou menos verosimeis com as quaes eu tratava de enganar-lhe os so bresaltos. Em quanto ella estava no escuro, silenciosa e immovel, estava eu assentado em plena claridade sobre o banco mais chegado á janella; de lá tentava eu, a intervallos, fazer ouvir os meus brados; mas, digamos a verdade, ao passo que o bom exito dos meus esforços se tornava mais incerto, entrava comigo um sentimento de irresistivel alegria. Via eu assim, pois, realisar-se para mim, e inesperadamente, o sonho eterno e impossivel dos amantes: estava fechado n'um deserto e em estreitissima solidão com a mulher que eu amava! Por longas horas, no mundo havia só ella e eu, a sua vida e a minha. Pensava nas provas de doce protecção e terno respeito que eu tinha o direito e o dever de prodigalisar-lhe: imaginava-lhe os terrores applacados, a confiança, o dormir; dizia entre mim com profundo jubilo que esta noite afortunada, a não poder dar-me o amor d'aquella creatura querida, ia para sempre assegurar-me a sua mais inabalavel estima.

Quando eu me entregava com todo o egoismo da paixão ao meu secreto extasis, do qual algum reflexo

talvez me transluzia no rosto, fui espertado subitamente por estas palavras que me foram dirigidas com uma voz abafada, e no tom de affectada tranquillidade:

—Sr. marquez de Champcey, antes do senhor tem havido muitos covardes na sua familia?

Ergui-me, e recaí logo sobre o assento de pedra, engolfando um olhar estupido nas trevas em que eu entrevia vagamente o vulto de Margarida. Uma só idéa me occorreu, idéa terrivel, e foi, que o medo e a amargura lhe haviam transtornado a cabeça, que estava louca!

—Margarida! exclamei eu sem saber que fallava.

Esta palavra acabou necessariamente de a irritar.

—Deus meu! que torpe é isto! disse ella. Que covarde! sim, repito, que covarde!

A verdade allumiava-me já o espirito. Desci um dos degraus.

—Então! que vem a ser isto? disse eu friamente.

—Foi o senhor, tornou ella com impetuosa vehemencia, foi o senhor que pagou a esse homem ou a essa creança para nos fechar n'esta miseravel torre! A'manhã estarei perdida... deshonrada no conceito publico... e só poderei pertencer ao senhor... E' este o seu calculo, não é? Mas eu lhe affianço que ha de ser tão feliz com este como com os outros. O senhor não me conhece bem se cuida que eu não prefiro a deshonra, o convento, a morte, tudo, á abjecção de ligar a minha vida á sua! E mesmo que este infame ardil lhe saísse bem, e eu tivesse a fraqueza, que não terei nunca, de

me entregar a si, e o meu dote, que é o que mais importa ao senhor em troca d'este bello feito de habil politica, que especie de homem é o senhor? de que lama foi feito para aceitar uma mulher e uma riqueza adquiridas por tal modo? Deve ser-me grato, senhor, por eu contrariar os seus desejos. São imprudentes os seus desejos, creia-me, porque se a ignominia e a irrisão publica alguma vez me lançasse nos seus braços, tamanho desprezo eu sentiria por si, que lhe esmagaria o coração com elle. Sim! ainda que elle fosse glacial e duro como estas pedras, eu lhe arrancaria sangue e lagrimas!

—Minha senhora, disse eu com quanta serenidade pude, rogo-lhe que volte a si e á sua rasão. Pela minha honra lhe juro que me ultrajou. Digne-se reflectir n'isto. Não ha verosimilhança alguma nas suas conjecturas. A perfidia de que me accusa não podia eu preparal-a, e quando a preparasse, que direito lhe dei eu para me julgar culpado?

—Dá-me esse direito tudo o que eu sei do senhor, exclamou ella. E' tempo de lhe eu dizer de uma vez o que tenho desde muito na alma. Que veio o senhor fazer a nossa casa com um nome e caracter de emprestimo? Nós viviamos felizes, tranquillas, eu e minha mãe. O senhor trouxe-nos a turvação, a desordem, as amarguras que não conheciamos. Para alcançar os seus fins, e reparar os destroços da fortuna, o senhor usurpou a nossa confiança, desbaratou o nosso descanço, calculou com os nossos mais puros, mais verdadeiros e sagrados sentimentos, e quebrou e recalcou sem piedade os nos-

sos corações. Pois bem! agora lhe digo que estou profundamente enojada e ferida de tudo isso. E quando n'este momento o senhor me offerece a garantia da sua honra de fidalgo, que tanta indignidade lhe sanccionou, resta-me o direito de não lh'a acreditar, e não acredito.

Eu estava fóra de mim: tomei-lhe com transporte de violencia, que a dominou, as duas mãos.

— Margarida! minha pobre filha, escute-me. Eu amo-a, é isso verdade, e nunca um amor mais ardente, mais desinteressado, mais santo entrou em coração de homem. E eu sei que me ama, que me ama e me mata, desgraçada! Fallou-me ahi de coração quebrado e recalcado... E que fez ao meu? E' seu, deixo-lh'o; mas a minha honra, essa guardo-a, intacta, e breve lh'a farei confessar. E por esta honra lhe juro que, se eu morrer, ha de chorar-me, e que, se viver, por muito adorada que seja, vendo-a mesmo de joelhos a meus pés, nunca será minha esposa, em quanto a não vir tão pobre como eu, ou eu fôr tão rico como Margarida. E agora, exhorte, supplique, peça a Deus milagres, que é tempo de pedir.

Repelli-a então com impeto para longe do vão da janella, e lancei-me sobre os degraus superiores, porque me viera ao espirito um projecto desesperado que eu sem demora executei com a precipitação de verdadeira loucura. Como já disse, os tôpos dos carvalhos e faias, que surgem dos fossos da torre, levantam-se ao nivel da janella. Ajudado pelo meu chicote em arco, tirei para mim as pontas dos ramos mais chegados, abracei-os á

ventura, e deixei-me cair no vacuo. Ouvi sobre a minha cabeça o meu nome: Maximo! proferido como um grito dilacerante. Os ramos a que me eu agarrára curvaram-se em toda a sua extensão até ao abysmo; depois houve um estallido sinistro, quebraram sob o meu peso, e eu caí em cheio no chão.

Creio que a natureza lamacenta da terra amorteceu a violencia do embate, porque me senti vivo, posto que ferido. Batera com um braço sobre a escarpa de pedra do fosso, e a dôr que sentia era de tal sorte aguda, que me sentia desfallecer. O atordoamento foi rapido. Despertou-me a voz afflicta de Margarida:

—Maximo! Maximo! exclamava ella, por piedade, em nome de Deus! falle-me! perdôe-me!

Ergui-me, e vi-a no peitoril da janella, entre a aureola e luz pallida, com a cabeça descoberta, os cabellos soltos, a mão convulsiva no poste da cruz, os olhos ardentes cravados nas trevas do precipicio.

—Não tenha susto, disse-lhe eu. Não soffro nada. Tenha paciencia por uma ou duas horas sómente. Dê-me tempo de ir ao castello, que é o mais acertado. Fique certa de que eu guardarei o segredo, e salvarei a sua honra, como acabo de salvar a minha.

Saí custosamente dos fossos e fui em demanda do meu cavallo. Com o lenço, pendurei ao pescoço o braço que me não servia de nada, e me doia muito. Graças á claridade da noite, atinei facilmente com o caminho. Uma hora depois, cheguei ao castello. Disseram-me que o dr. Desmarets estava na sala. Fui logo lá, e achei

com elle uma duzia de pessoas, cujos modos accusavam um estado de preoccupação e alvoroço.

—Doutor, disse eu jovialmente, entrando, o meu cavallo teve medo da propria sombra, e atirou-me a terra, e receio que me pizasse o braço esquerdo. Tem a bondade de vêr?

—Como, pizado? disse Desmarets desapertando o lenço, o senhor tem o braço partido, meu pobre moço!

A sr.ª Laroque deu um pequeno grito e approximou-se a mim.

—Hoje é noite aziaga! disse ella.

Fingi-me surprehendido.

—Pois que ha mais?

—Oh! meu Deus! receio que acontecesse alguma desgraça a minha filha; saiu a cavallo ás tres horas, são oito, e não voltou ainda!

—Eu encontrei-a, minha senhora.

—Como? onde? quando? Desculpe... é o egoismo de uma mãe.

—Encontrei-a, seriam cinco horas, na estrada. Passámos um pelo outro, e ella disse-me que tencionava ir de passeio até á torre d'Elven.

—A' torre d'Elven! talvez se perdesse na floresta... E' preciso partir já... Dê as ordens necessarias, sr. Maximo!

Bévallan pediu logo cavallos. Fingi que queria ir na cavalgada; mas a sr.ª Laroque e o doutor prohibiram-m'o energicamente, e eu sem difficuldade deixei-me convencer que devia deitar-me, do que eu, a dizer a verdade,

tinha grande precisão. Desmarets, depois de pensar-me a quebradura, entrou na sege com a sr.ª Laroque, que foi esperar á aldeia d'Elven o resultado da busca que Bévallan devia fazer nos contornos da torre.

Eram cerca de dez horas quando veio Alain annunciar-me que Margarida tinha sido encontrada. Contou-me a historia da prisão, sem omittir o minimo pormenor, salvo, bem claro, aquelles que ella e eu sómente conheciamos.

Veio logo o doutor confirmar-me a aventura, e depois a propria sr.ª Laroque, que successivamente vieram visitar-me, e tive a satisfação de vêr que os animos estavam alheios á menor suspeita da exacta verdade.

Passei a noite toda a renovar com a mais fatigante perseverança, e no meio das extravagantes complicações do sonhar febril, o meu salto perigoso do alto da janella da torre. Não podia affazer-me á idéa. A cada instante subia-me á garganta a sensação do vacuo, e eu acordava em ancias. Veio alfim o dia, e descancei. Seriam oito horas quando entrou a sr.ª de Porhoet, que se installou á minha cabeceira com a costura na mão. Fez as honras do quarto aos visitantes que se succederam todo o dia; depois da minha velha amiga, quem primeiro veio foi a sr.ª Laroque. Quando ella me apertava com longa pressão a mão que lhe estendi, vi-lhe duas lagrimas na face. Receberia ella confidencias da filha?

A sr.ª de Porhoet disse-me que o velho Laroque caíra de cama com um ligeiro ataque de paralysia. Hoje não falla já, e o seu estado causa receios. Resolveram apres-

sar o casamento. Laubépin foi chamado de Paris; espera-se ámanhã, e o contracto, á vista d'elle, será assignado depois.

Esta tarde pude estar a pé algumas horas; mas, se é certo o que diz Desmarets, faço mal em escrever com a febre que tenho, e sou um enorme parvo.

---

3 de outubro.

Em verdade, parece que um maligno poder capricha em inventar as mais exquisitas e barbaras provações para alternadamente as propôr á minha consciencia e coração.

Como Laubépin não chegou hoje de manhã, a sr.ª Laroque mandou-me pedir alguns esclarecimentos, que lhe são precisos para formar as bases provaveis da escriptura, que ha de ser, como já disse, assignada ámanhã. Como estou obrigado a não sair do quarto mais alguns dias, pedi á sr.ª Laroque que me remettesse os titulos e documentos particulares que estão em poder de seu sogro, e me são indispensaveis para resolver as difficuldades indicadas. Mandou-me dois ou tres caixotes cheios de papeis que secretamente foram tirados do gabinete de Laroque, quando elle dormia, porque os seus archivos secretos não quer elle que ninguem os toque. No primeiro documento que me veio ás mãos deu-me nos olhos de repente o nome de minha familia muitas vezes

repetido, e isto instigou-me poderosa e invencivelmente a minha curiosidade. Eis aqui o texto litteral da peça:

A MEUS FILHOS

«O nome que vos eu lego, e que eu ennobreci, não é o meu. Meu pae chamava-se Savage. Era administrador de uma consideravel plantação situada na ilha, então franceza, de Santa Luiza, a qual pertencia a uma rica e nobre familia do Delfinado, a dos Champcey de Hauterive. Em 1793 morreu meu pae, e herdei, ainda que muito rapaz, a confiança que os Champcey depositaram n'elle. No fim d'aquelle anno funesto, as Antilhas francezas foram tomadas pelos inglezes, ou lh'as entregaram os colonos insurgidos. O marquez de Champcey de Hauterive (Thiago Augusto), que as ordens da convenção ainda não tinham empolgado, commandava então a fragata *Thetis,* que cruzava aquelles mares havia tres annos. Grande numero de colonos francezes derramados nas Antilhas tinham conseguido realisar os seus haveres ameaçados todos os dias.

«Entenderam-se com o commandante Champcey para organisar uma frotasinha de vasos ligeiros para onde passaram as suas riquezas, e que devia emprehender a abalada, protegida pela artilheria da *Thetis.* Previstos já de muito os imminentes desastres, tive ordem de vender por todo o preço a plantação que eu feitorisava depois de meu pae. Na noite de 14 de novembro de 1793 entrei sósinho n'um batel, cheguei á lingueta do

Morne-au-Sable, e deixei furtivamente Santa Luiza, já occupada pelo inimigo. Em libras e papeis inglezes levava eu o que pude apurar da plantação. O sr. de Champcey, graças ao minucioso conhecimento que elle adquirira d'aquellas costas, pudéra enganar o cruzeiro inglez e refugiar-se no canal difficil e incognito do Gros-Het. Ordenou-me que fosse ali ter com elle n'aquella noite, onde me estava esperando para sair do canal com a frota e pôr a prôa á França. Na passagem tive o infortunio de cair nas mãos dos inglezes. Estes professores em perfidia deram-me a escolher, ser logo fuzilado ou vender-lhes mediante o milhão, cujo portador eu era e me elles deixavam, o segredo do canal onde estava a frotasinha abrigada. Eu era rapaz e a tentação foi fortissima: meia hora depois a *Thetis* estava no fundo, a frota apresada, e o sr. de Champcey gravemente ferido.

«Passou-se um anno, um anno terrivel, de remorsos e de vigilias. Sentia-me endoidecer. Resolvi fazer pagar ao inglez maldito os remorsos que me excruciavam.

«Passei a Guadelupe, mudei de nome, empreguei a maior parte do preço da minha infamia na compra de um brigue armado, e fui-me logo contra os inglezes. Durante quinze annos tenho lavado no sangue d'elles e no meu a nodoa, que, n'uma hora de fraqueza, eu pozera no pavilhão do meu paiz. Posto que a minha actual opulencia, em mais de tres partes, fosse adquirida em gloriosos combates, a origem fica sendo sempre a que ahi fica escripta.

«Quando voltei á França na minha velhice, infor-

mei-me da situação dos Champcey d'Hauterive: era feliz e abastada. Continuei no meu silencio. Que meus filhos me perdoem! Em quanto vivi não tive coragem de córar diante d'elles; mas a minha morte deve contar-lhes este segredo, do qual elles se servirão, consoante a consciencia lhes inspirar. Em quanto a mim, uma só supplica tenho que fazer-lhes: cedo ou tarde, haverá uma guerra fatal entre a França e a sua visinha fronteira; temo-nos mutuo rancor; por mais que façam, ou elles nos devoram ou nós a elles. Se esta guerra rebentar, durante a vida de meus filhos ou netos, desejo que elles dêem ao Estado uma corveta armada e equipada, com a condição de que ella se chamará *La Savage*, e um bretão a commandará. A cada assalto que ella der ás costas carthaginezas, os meus ossos estremecerão de jubilo na sepultura!

Ricardo Savage, d'alcunha «*Laroque*.»

As lembranças que despertou em meu espirito a leitura d'esta terrivel confissão, confirmaram-me a exactidão d'ella. Vinte vezes ouvira eu contar a meu pae, com soberba e amargura, o episodio da vida de meu avô a que alludia o escripto. Sómente se acreditava na familia que Ricardo Savage, cujo nome eu tinha muito de lembrança, tinha sido victima, e não o promotor da traição ou do acaso que entregára o commandante da *Thetis*.

Comprehendi n'este momento as singularidades, que me haviam muitas vezes impressionado, do caracter do

velho nauta, e particularmente aquella attitude pensadora e timorata na minha presença. Meu pae muitas vezes me dissera que eu era o retrato vivo de meu avô, o marquez Thiago, e de certo alguns vislumbres d'esta semelhança penetravam ás temporadas através das nuvens do cerebro até á consciencia remordida do velho.

Apenas senhor d'esta revelação, caí n'uma horrivel perplexidade. Pequeno azedume sentia eu contra o desgraçado, cujas pusillanimidades do senso moral tinham sido resgatadas por longa vida de remorso e paixão, de desespero e rancor, que não deixava de ter sua sublimidade. Eu até não podia respirar, sem uma especie de pasmo, o halito selvagem que alentava ainda as linhas traçadas por aquella mão culposa, mas heroica. Que devia eu fazer d'este terrivel segredo? O que me occorreu logo foi a idéa de que elle destruia todo o obstaculo entre mim e Margarida, visto que a riqueza que nos separava devia ser entre nós um liame quasi obrigatorio, pois que eu só no mundo podia legitimal-a, participando d'ella. Era certo que este segredo não me cabia de direito, e se bem que o mais innocente dos acasos m'o havia revelado, a rigorosa probidade exigia talvez que eu o deixasse chegar a seu tempo ás mãos, cujo destino tinha; mas que! na espectativa de tal momento, o irremediavel ia cumprir-se! Nós indissoluveis iam ser apertados! A pedra do tumulo ia para sempre cair sobre o meu amor, minhas esperanças e meu coração inconsolavel. E soffrel-o-ia eu, podendo estorval-o com uma só palavra! E aquellas pobres senhoras, no dia

em que a fatal verdade lhes córasse as faces, tomariam talvez quinhão das minhas desesperadas angustias, e seriam as primeiras a exclamarem: «Se tu o sabias, porque o não disseste!

Não! nem hoje, nem ámanhã, nem nunca, se de mim depende, a vergonha fará córar aquellas duas nobres frontes. Não comprarei a minha felicidade com o preço da humilhação d'ellas. Este segredo, que é só meu, e que esse velho, já mudo para sempre, não poderá trahir-me, porque não existe já, devorou-o a lavareda.

Pensei bem no que fiz. Sei o que ousei fazer. Era um testamento, um acto sagrado, e eu destrui-o. E não era, além d'isso, a mim sómente que elle aproveitava. Minha irmã, a mim confiada, podia enriquecer-se, e eu, sem consentimento d'ella, submergi-a por minha mão na pobreza. Tudo isso sei; mas duas almas puras, briosas e altivas, não serão esmagadas e vilipendiadas sob o peso de um crime estranho a ellas. Como que vi n'este proceder um principio de equidade superior a todas as leis escriptas. Se commetto um crime, responderei por minha vez... Mas esta lucta prostrou-me... não posso mais!

---

4 de Outubro.

Laubépin chegou finalmente hontem á noite. Veio apertar-me a mão. Fallou-me concisamente do casamento resolvido.

— Operação felicissima, disse elle, combinação muito de louvar a todos os respeitos, em que natureza e sociedade acham ao mesmo tempo as garantias que ellas tem jus de exigir em semelhantes occorrencias. E agora, meu amigo, desejo-lhe uma boa noite, que vou aplainar o terreno delicado das convenções preliminares, a fim de que o carro d'este hymeneu interessante chegue ao cabo da carreira sem dar grandes trambolhões.

Deviam reunir-se hoje no salão á uma hora da tarde, para procederem á assignatura das escripturas, com as formalidades e concurso da tarifa. Eu não podia assistir a esta festa, e abençoei o ferimento que me poupava a tal supplicio. Escrevia á minha querida Helenasinha, a quem agora mais que nunca dedico toda a minha alma, quando, ahi por volta das tres horas, Laubépin e a sr.ª de Porhoet entraram no meu quarto.

Laubépin nas suas frequentes vindas a Laroque, não podia deixar de apreciar as virtudes da minha veneravel amiga, e desde muito que entre estes dois anciãos se estabeleceu uma intimidade platonica e respeitosa da qual o dr. Desmarets capricha debalde em abastardar o caracter. Depois da inevitavel permutação das ceremonias, saudações e interminaveis reverencias, sentaram-se nas cadeiras que lhes eu offereci, e ambos me contemplaram com um ar de grave beatitude.

—Então! disse eu, está tudo feito?

—Tudo feito, responderam ambos simultaneamente.

—Correu tudo bem?

—Muito bem, disse a sr.ª de Porhoet.

—A's mil maravilhas, ajuntou Laubépin.

E depois de breve pausa, accrescentou:

—Que vá ao diabo o tal Bévallan!

—E a joven Helouin pelo mesmo caminho, disse a sr.ª de Porhoet.

Dei uma exclamação de surpreza:

—Mas que vem isso a dizer?

—Meu amigo, disse Laubépin, a união projectada offerecia todas as vantagens desejaveis, e sem duvida promettia a ventura reciproca dos conjuges, se o casamento fosse uma associação puramente commercial. O meu dever, logo que a minha cooperação foi reclamada n'esta momentosa circumstancia, era consultar a vocação dos corações, e a conveniencia dos genios, não menos que a proporção dos patrimonios. Ora, a mim quizme desde logo parecer que o casamento que se prepa-

rava, tinha o inconveniente de não agradar a ninguem, nem á minha respeitavel amiga a sr.ª Laroque, nem á adoravel noiva, nem aos amigos mais illustrados das duas senhoras, a ninguem finalmente, salvo o noivo, de quem eu me importava muito mediocremente. E' verdade (e devo dizer que esta observação me foi feita pela sr.ª de Porhoet), é verdade, digo eu, que o noivo é fidalgo...

— *Gentleman*, faz favor de dizer! interrompeu a sr.ª de Porhoet com severidade.

— *Gentleman*, repetiu Laubépin, aceito a emenda; mas é uma especie de *gentleman* que me não quadra.

— Nem a mim, accrescentou a sr.ª de Porhoet. D'aquella estofa é que eram os velhacos, os palafreneiros sem costumes como elle, que nós vimos no seculo passado, sob o commando do duque de Chartres d'então, sair das estrebarias inglezas, para preludiarem a revolta.

— Oh! se elles só preludiassem a revolta, disse sentenciosamente Laubépin, ainda se lhes perdoaria...

— Peço-lhe muito que me desculpe, meu caro sr. Laubépin, tornou a sr.ª de Porhoet, mas nem assim. E demais, não é d'isso que se trata: queira continuar.

— Vendo eu, pois, proseguiu Laubépin, que todos iam para estas bodas como para um sahimento funebre, busquei algum meio tão legal quanto honroso, se não de desquitar o sr. de Bévallan da sua palavra, pelo menos de convidal-o a desquitar-se. O processo era tanto mais licito, quanto, na minha ausencia, Bévallan abusára da inexperiencia da minha excellente amiga a sr.ª Laroque

e da inepcia do meu collega da aldeia visinha para se assegurar exorbitantes vantagens. Sem me desviar da letra das convenções, consegui modificar-lhe sensivelmente o espirito. Todavia, a honra e palavra dada prescreviam-me limites que eu não podia ultrapassar. O contracto, apesar de tudo, ficava ainda bastantemente avantajado para que um homem dotado de qualquer altiveza de alma e animado de sincera ternura pela futura esposa podesse aceital-o com confiança. Seria o sr. de Bévallan este homem? Era arriscado decidir, e eu hesitava. Confesso-lhe que não estava bem senhor de mim quando esta manhã comecei a lêr o acto irrevogavel, na presença de um respeitavel auditorio.

—Eu por mim, interrompeu a sr.ª de Porhoet, não tinha pinga de sangue nas veias. A primeira parte do contracto dava tão boas garantias ao inimigo, que eu julguei tudo perdido.

—E' verdade, minha senhora; mas, como nós costumamos dizer os agoureiros, é na cauda que está a peçonha, *in cauda venenum*. Era para rir, meu amigo, vêr a cara de Bévallan e a do meu collega de Rennes que estava por parte d'elle, quando eu de sobresalto descobri a minha artilheria. Primeiro encararam-se em silencio, depois cochixaram, finalmente ergueram-se, e, avisinhando-se da mesa diante da qual eu me sentára, pediram-me em voz baixa algumas explicações.

—Fallem alto, se fazem favor, meus senhoros, disse eu: aqui não convem mysterios. Que é o que pretendem?

Os circumstantes começavam a apurar o ouvido para esta scena. O sr. de Bévallan, sem altear a voz, insinuou-me que o contracto era uma obra de má fé.

—Obra de má fé, senhor! disse eu o mais alto que pude. Que quer dizer n'isso? E' contra a sr.ª Laroque, ou contra o meu collega presente, que o senhor dirige a estranha imputação?

—Cio, silencio, nada de bulha! disse então o notario de Rennes com a mais discreta accentuação; mas vejamos: ao principio foi dito que o regimen dotal seria desligado de...

—O regimen dotal, senhor? Quem é que falla aqui de regimen dotal?

—Ora, ande lá, collega, o senhor bem sabe que o restabelece por um subterfugio!

—Subterfugio, collega! Consinta-me, como mais velho, que o convide a riscar essa palavra do seu vocabulario!

—Mas, em fim, murmurou Bévallan, estou aqui de mãos atadas, tratam-me como creança.

—Como, senhor? Pois, a seu vêr, que estamos nós aqui fazendo? é escriptura ou testamento? O senhor esquece que a sr.ª Laroque está viva, que seu pae é vivo, que o senhor vae casar e não herdar... é cedo por hora, meu senhor; modere-se, tenha paciencia, com a breca!

Dito isto, Margarida levantou-se.

—Basta, disse ella. Sr. Laubépin, atire ás chammas

essa escriptura. Minha mãe, faça entregar áquelle cavalheiro os seus presentes.

Depois saiu com passo de rainha ultrajada. A sr.ª Laroque seguiu-a. Ao mesmo tempo, atirei com a papellada ao fogão.

— Sr. Laubépin, disse Bévallan em tom de ameaça, aqui ha manobra, cujo segredo eu saberei!

— Meu caro senhor, eu vou responder-lhe, respondi. Uma menina, que se préza com legitimo orgulho, andava receiosa de que as suas solicitações tivessem de olho sómente a riqueza d'ella: quiz desenganar-se, e viu que não errou a supposição. Tenho a honra de o saudar.

Depois fui ter com as damas, que me saltaram ao pescoço. Um quarto de hora depois Bévallan deixou o castello com o meu collega de Rennes.

A partida e desgraça do homem teve o inevitavel effeito de desencadear contra elle as linguas da creadagem, e a sua impudente intriga com Helouin veio logo a lume. A moça, já suspeita de ha tempos por outros títulos, pediu a sua demissão que lhe foi concedida. E' inutil accrescentar que as senhoras lhe darão uma pensão que lhe assegurará uma subsistencia honesta... Ora, pois, meu rapaz! que me diz a tudo isto? Está soffrendo mais? Vejo-o pallido de morte.

Effectivamente estas inesperadas novas tinham embaralhado em minha alma tantas commoções, a um tempo penosas e agradaveis, que me sentia a ponto de desfallecer.

Laubépin, que parte ámanhã de madrugada, veio despedir-se de mim esta noite. Depois de algumas palavras embaraçosas de um e de outro, disse-me elle:

—Note bem que eu não lhe pergunto o que se passa por cá; mas se acaso o senhor precisar de um confidente e conselheiro, peço para ser preferido.

Expandir-me em coração mais amigo e seguro não podia decerto eu. Contei ao digno velho miudamente todas as circumstancias que assignalaram, desde que entrei no castello, as minhas particulares relações com Margarida. Li-lhe mesmo algumas paginas d'este diario, para melhor o esclarecer do estado d'estas relações e da minha alma tambem. Afóra o segredo que eu na vespera descobrira nos archivos de Laroque, nada lhe escondi.

Quando conclui, Laubépin, cuja fronte se tornára pensativa, disse o seguinte:

—E' inutil encobrir-lhe, meu amigo, que eu, enviando-o para aqui, o meu plano foi unil-o com Margarida. Tudo me saiu ao pintar. Os vossos corações, que, a meu vêr, são dignos um do outro, não poderam visinhar sem se comprehenderem; mas esse extravagante successo, de que a torre d'Elven foi o romantico theatro, atrapalha-me algum tanto, devo confessar-lh'o. Com mil diabos! Saltar o meu amigo pela janella, em risco de partir o espinhaço, era, ha de permittir que lh'o diga, demonstração mais que muito sobeja do seu desinteresse: depois d'esse facto honroso, era muito superfluo accrescentar o delicado juramento solemne de nun-

ca esposar a pobre menina, a não se darem eventualidades cuja realisação não ha que esperar. Eu jacto-me de ser homem de expedientes; mas reconheço-me de todo incapaz de lhe dar quarenta contos de renda, ou então de os tirar á sr.ª Laroque.

—Pois bem, aconselhe-me. Confio mais no senhor que em mim, porque sinto que a má fortuna, sempre exposta á suspeita, póde exacerbar contra mim até á demasia as susceptibilidades da honra. Falle. Induz-me a transgredir o juramento indiscreto, e todavia solemne, que n'este momento unicamente me separa, segundo creio, da felicidade que o senhor tinha planisado para o seu filho adoptivo?

Laubépin ergueu-se; baixaram-se-lhe sobre os olhos as densas sobrancelhas; correu o quarto a grandes passos durante minutos; depois, parou diante de mim, e, apertando-me com força a mão, disse:

—Maximo, diz bem, amo-o como filho; mas, dilacere-se embora o seu coração, e o meu tambem, nunca transigirei com os meus principios. Mais vale ultrapassar a honra que ficar áquem. Em materia de juramentos, aquelles que nos não são arrancados á ponta de espada ou bocca de bacamarte, ou não os fazer, ou sustental-os. E' o meu parecer.

—E o meu tambem; ámanhã sairei comsigo.

—Não, Maximo. Fique aqui algum tempo. Eu não creio nos milagres, mas creio em Deus, que raramente concede que as nossas virtudes nos matem... Demos espera á Providencia... Sei que lhe peço um grande

esforço de coragem, mas formalmente o reclamo da sua amizade. Se dentro de um mez não receber carta minha, vá então.

Abraçou-me e partiu, deixando-me a consciencia tranquilla e a alma attribulada.

12 de outubro.

Ha dois dias que pude finalmente sair do meu retiro, e ir ao castello. Não tinha visto Margarida desde o instante da nossa separação na torre d'Elven. Estava sósinha na sala, quando eu entrei; reconhecendo-me fez um movimento involuntario, como que para se levantar, depois ficou immovel; e o seu rosto pareceu cobrir-se repentinamente com um véo de purpura inflammada. Isto foi contagioso; porque eu tambem senti que córava até á raiz dos cabellos.

—Está melhor? perguntou-me Margarida.

E esta pergunta foi-me dirigida com um tom de voz tão terno, tão suave, tão humilde, quasi,—que eu tive vontade de cair de joelhos diante d'ella. Mas não o pude fazer; tive que lhe responder n'um tom friamente polido. Ella olhou para mim dolorosamente; depois baixou os olhos com um aspecto de resignação, e continuou a trabalhar no bordado que havia interrompido.

Quasi no mesmo instante a senhora Laroque man-

dou-a chamar para ir estar um instante com seu avô, cujo estado se tornava assustador.

Havia muitos dias que tinha perdido a falla e o movimento; estava completamente tolhido. Os ultimos frouxos raios de luz intellectual tinham-se-lhe apagado; e a sensibilidade persistia só com o soffrimento. Ninguem podia duvidar da proximidade da morte do velho; mas a vitalidade tinha-se arreigado tão fortemente n'aquelle corpo, que não se queria ausentar senão depois de uma lucta energica. E o dr. Desmarets já tinha prophetisado que a agonia seria longa.

Comtudo Margarida e sua mãe havia umas poucas de noites que não abandonavam a cabeceira do doente, e em resultado d'isso, antes de hontem á noite estavam completamente prostradas, e mesmo com febre. Eu e o doutor offerecemo-nos para as substituir, velando o moribundo n'essa noite que ia começar, e que seria para elle talvez a derradeira. Consentiram com effeito em dormir algumas horas. O doutor, que tambem estava muito cançado, annunciou-me instantes depois d'ellas saírem, que ia deitar-se n'um sophá da sala contigua.

—Eu aqui não sirvo para nada, disse-me elle, o negocio está concluido. Como o senhor vê, nem elle mesmo já soffre, o pobre homem! E' um estado de lethargia, que não deve ter nada de desagradavel. O despertar d'aquelle somno é a morte. De modo que podemos ficar descançados. Se houver alguma novidade durante a noite, peço-lhe que me vá acordar: mas creio bem

que não acontece nada antes d'ámanhã, e o peior é que eu estou a cair com somno!

Dito isto, bocejou sonoramente e saiu. A linguagem do dr. Desmarets, a sua indifferença em presença d'este pobre agonisante, tinham-me repugnado um pouco, apesar d'elle ser um excellente homem; mas para respeitar devidamente a morte, é necessario não attender só á materia bruta, que se dissolve, mas tambem ao espirito immortal, que se desprende.

Ficando só no quarto funebre, assentei-me proximo do leito, cujas cortinas tinham sido levantadas, e procurei lêr á luz d'um candieiro, que estava em cima d'uma mesa, junto de mim.

Mas d'ahi a instantes o livro caiu-me das mãos, comecei a pensar, mesmo sem querer, na coincidencia notavel, que me trazia a mim, neto da victima d'este homem, para vigiar e proteger o seu ultimo somno.

No meio do silencio profundo da hora e do logar, evocava as scenas sanguinosas e violentas, que tinham composto o drama da vida do corsario, e procurava em vão n'aquelle rosto, onde o archanjo da morte tinha já estampado o sello do repouso, a impressão longinqua d'estas scenas. Nada! As feições d'aquelle moribundo secular, vistas á luz da lampada funerea, destacavam na sombra como se fossem d'uma mascara de cêra. De instante a instante aproximava-me da cabeceira para vêr se a respiração vital faria ainda arfar aquelle peito oppresso pelos annos.

Emfim no meio da noite um entorpecimento irresisti-

vel se apoderou dos meus sentidos, e adormeci com a fronte encostada á mão. De repente acordei ouvindo um lugubre ranger; olhei, e senti gelar-se-me o sangue nas veias.

O velho tinha-se sentado na cama, e fitava em mim um olhar attento e espantado, em que brilhava uma expressão de intelligencia e de vida, que eu ainda lhe não tinha notado. Quando o meu olhar encontrou o seu, o espectro estendeu os braços para mim, e disse-me com um tom de voz humilde, mas d'um timbre estranho, desconhecido, e que me fez suspender as pulsações do coração:

—Perdão, sr. marquez!

Quiz levantar-me, quiz fallar, mas não pude; parecia que estava petrificado na cadeira.

Depois d'uma pausa angustiosa, durante a qual o olhar do moribundo, profundamente fito em mim, não tinha perdido a sua expressão supplicante:

—Sr. marquez, tornou elle, perdão, perdão!

Levantei-me e dirigi-me a elle; á medida que avançava, o moribundo ia se retrahindo para o fundo do leito, como para fugir aterrado. Quando cheguei ao pé da cama ergui a mão aberta, e abaixando-a vagarosamente diante dos seus olhos desmesuradamente abertos e esgazeados de terror, disse-lhe:

—Fique em paz, perdôo-lhe.

Uma expressão de alegria indizivel se lhe derramou no semblante; depois cerrou os punhos, e bradou com voz terrivel:

—Oh! maldito inglez!

Caiu pesadamente no travesseiro. Estava morto.

Chamei á pressa, veio toda a gente do castello. O leito do agonisante foi regado de lagrimas. Eu retirei-me profundamente impressionado por esta scena terrivel, que era um segredo entre mim e o morto.

Este triste acontecimento de familia fez logo pesar sobre mim cuidados e deveres, de que tinha necessidade para justificar a minha demora n'esta casa. E'-me impossivel perceber por que motivo Laubépin me aconselhou que adiasse a minha partida. Que esperanças póde elle ter? Parece-me que n'esta circumstancia foi dominado por uma vaga superstição, ou por uma fraqueza pueril, a que não deveria estar sujeito um caracter d'aquella tempera. Como não viu elle que me collocava inutilmente n'uma situação, que me fazia soffrer, e em que havia falta de franqueza e de dignidade? Agora é que me poderiam dizer que eu calcava aos pés sentimentos sagrados. A minha primeira estrevista com Margarida tinha bastado para me revelar todo o rigor, toda a impossibilidade da provação, a que eu me tinha condemnado, quando a morte do avô d'ella me veio favorecer um pouco, tornando um pouco melhor a minha até ahi falsa posição.

Rennes, 26 de outubro.

Acabou. Deus meu! como era robusto aquelle vinculo! como se n'elle illaqueava todo o meu coração! como elle espedaçou, partindo-se!

Hontem á noite, seriam nove horas, estando eu encostado á minha janella aberta, surprehendeu-me uma frouxa luz aproximar-se de minha casa através das mais sombrias aléas da quinta, e n'uma direcção que as pessoas do castello não usavam seguir. Um instante depois bateram na minha porta e a sr.ª de Porhoet entrou anciada, offegante:

—Primo, disse-me ella, tenho que fallar-lhe.

Fitei-a e disse:

—Ha alguma desgraça?

—Não, não é isso exactamente. O senhor vae julgar o que é. Meu caro filho, passou duas ou tres noites no castello esta semana; não observou nada de novo, nada de singular, nos modos das senhoras?

—Nada.

—Não observou na physionomia d'ellas uma especie de serenidade desacostumada?

—Sim, póde ser. Afóra a melancolia do recente luto, pareceram-me mais socegadas, e até mais felizes que d'antes.

—Certamente. Outras particularidades o teriam impressionado, se tivesse, como eu, vivido quinze annos em intimidade quotidiana com ellas: é por este motivo que eu n'estes dias descortinei entre as duas senhoras signaes de uma intelligencia secreta e mysteriosa cumplicidade. Além d'isso, os costumes d'ellas modificaram-se sensivelmente. A sr.ª Laroque deu de mão ao brazeiro, á guarita e a todas as suas innocentes manias de crioula; ergue-se a horas fabulosas e ao romper da aurora installa-se com Margarida diante da mesa do trabalho. Ambas se deram apaixonadamente a bordar, e informam-se do dinheiro que uma mulher póde ganhar por dia n'aquelle trabalho. Em resumo, aqui ha enigma que eu me cansava debalde em descobrir. Acabo de o saber, e, livre de entrar nos seus segredos, antes mesmo que lhe desconvenha, julguei dever meu transmittir-lhe já o que é.

Com os protestos de absoluta confiança que eu me apressei a fazer-lhe, a sr.ª de Porhoet continuou na sua linguagem branda e firme:

—A Aubri veio procurar-me esta manhã ás escondidas; começou por enroscar-me ao pescoço aquelles braços mazôrros, o que me enojou bastante; depois, por entre mil lamurias pessoaes com que eu o não mortificarei,

pediu-me que amparasse os seus parentes á beira do abysmo. Eis aqui o que ella conseguiu saber, graças ao costume que tem de escutar: as senhoras solicitam n'este momento auctorisação para abandonar todos os seus bens a uma congregação de Rennes afim de supprimir entre Margarida e o senhor a desegualdade de bens de fortuna que os separa. Como não podem fazel-o rico, fazem-se ellas pobres. Era impossivel, primo, deixal-o ignorar esta resolução egualmente digna d'aquellas duas almas generosas e d'aquellas duas cabeças chimericas. Agora desculpa-me se eu ajunto a isto que o seu dever é destruir este projecto a todo o preço. E' inutil dizer-lhe o arrependimento que elle trará infallivelmente ás nossas amigas e a responsabilidade terrivel que o ameaça a si. O primo comprehende tudo isto melhor que eu. Se o meu amigo póde aceitar desde já a mão de Margarida, as coisas terminam o melhor possivel; mas a sua honra está empenhada n'um juramento, que, embora cego, embora imprudente, nem por isso deixa de o obrigar como um compromisso fornal. Resta-lhe uma só evasiva: é deixar immediatamente esta terra e cortar pela raiz todas as esperanças que a sua presença aqui inevitavelmente alimenta. Quando tiver saído, ser-me-ha mais facil fazer voltar ao caminho da razão aquellas duas creanças.

—Bem! estou prompto; parto esta noite mesmo.

—Faz bem. Ao dar-lhe este conselho, meu amigo, obedeço a uma rigorosa lei de honra. O senhor embellecia os ultimos instantes da minha longa solidão; dos

mais caros liames da vida, para mim perdidos ha tantos annos, a illusão o senhor m'a tinha restaurado. Affastando-o de mim, acredite que faço o sacrificio extremo e immenso.

Ergueu-se e olhou-me um momento silenciosa.

—Na minha edade não se abraçam rapazes, tornou ella sorrindo tristemente, abençoam-se. Adeus, querido filho, e agradecida! Que o Deus de bondade seja em seu auxilio!

Commovido, beijei-lhe as mãos tremulas e vi-a partir impetuosamente.

Fiz á pressa os preparativos para a minha inesperada saída, e depois escrevi algumas linhas á sr.ª Laroque. Roguei-lhe que renunciasse a uma resolução cujo alcance ella não podia medir, e da qual eu, por minha parte, estava resolvido a me não fazer cumplice. Dei-lhe a minha palavra de honra,—e ella bem sabe que póde contar com ella, porque já me deve conhecer sufficientemente, de que eu não poderia jámais aceitar á custa da sua ruina. Em remate, para melhor a demover do seu insensato projecto, fallei-lhe vagamente de um futuro proximo, onde eu fingia entrever mudanças de fortuna.

A' meia noite, quando tudo dormia, disse adeus, um adeus cruel ao meu retiro, áquella velha torre em que eu soffrera tanto, e tanto amára!

Depois penetrei no castello furtivamente por uma porta secreta, cuja chave me fôra confiada. Atravessei pé ante-pé como um criminoso as galerias sonoras e vasias, palpando nas trevas; cheguei, emfim, ao salão on-

de a vira a primeira vez. Margarida e sua mãe haveria hora e meia que d'ali tinham saído; denunciava-lhes a recente existencia ali um suave perfume que subitamente me allucinou. Procurei, toquei no açafatinho em que a sua mão estivera, instantes antes, no bordado principiado... Ai! meu pobre coração! Caí de joelhos diante do logar que ella costuma occupar, e ali, com a face no marmore, chorei, solucei como uma creança! Deus! como eu a amava!

Aproveitei estas ultimas horas da noite para secretamente passar á visinha cidade, onde esta noite tomei logar na diligencia de Rennes.

A'manhã por noite estarei em Paris. Pobreza, soledade, desesperação, que eu tinha deixado, lá vou ter comvosco! Ultimo sonho da mocidade, sonho do céo, adeus!

Paris.

Ao amanhecer do dia seguinte, quando eu ia para o caminho de ferro, uma carruagem de posta entrou no pateo do hotel, e vi saltar Alain. Illuminou-se-lhe o rosto, quando me viu.

—Ah! senhor! que felicidade! não partiu! eis aqui uma carta para o senhor.

Reconheci a letra de Laubépin. Dizia-me em duas linhas que a sr.ª de Porhoet estava gravemente enferma e me chamava. O que fiz foi mudar de cavallos, e entrei na sege, depois de resolver com difficuldade Alain a sentar-se ao meu lado. Fiz-lhe innumeraveis perguntas. Fiz-lhe repetir a noticia que me elle dava e me parecia inconcebivel. A sr.ª de Porhoet tinha recebido na vespera, de mandado de Laubépin, um aviso ministerial communicando-lhe a boa nova de que ella estava em plena posse da herança dos seus parentes de Hespanha.

—E parece, ajuntou Alain, que ella o deve ao senhor, que descobriu n'uma papellada velha, de que ninguem fazia caso, os bons direitos da senhora. Eu não sei se isto é assim; mas sendo, pena é que aquella respeitavel senhora ande lá com a veneta da cathedral e que não queira antes dotar... porque olhe que ella está n'isso agora a valer. Quando recebeu a noticia, caiu no chão com um fanico, e deram-n'a por apanhada; mas vae senão quando, uma hora depois, pega a fallar sem fim na cathedral, no côro, na nave, no capitulo, nos conegos, na aza esquerda, na aza do sul, e tanto, que para a socegar foi preciso trazer-lhe um architecto e pedreiros e pôr-lhe na cama todos os seus riscos do maldito edificio. Emfim, depois de tres horas de palestra a este respeito, ficou a modo de aturdida; depois, acordou e principiou a chamar o sr... o sr. marquez... (Alain inclinou-se fechando os olhos) e fizeram-me partir a correr em sua procura. Parece que ella quer ouvir a sua opinião a respeito da tribuna.

Este estranho successo surprehendeu-me profundamente. Comtudo, com ajuda das minhas recordações e minudencias confusas que me foram contadas por Alain, cheguei a dar de tudo uma explicação que mais positivos esclarecimentos sem demora me confirmaram.

Como já disse, a pendencia da successão do ramo hespanhol dos Porhoet tinha atravessado duas phases. Tinha primeiro havido entre a sr.ª de Porhoet e uma familia nobilissima de Castella uma longa demanda que a minha velha amiga perdera sem appellação nem

aggravo; depois, uma outra demanda, na qual a sr.ª de Porhoet não entrava por nada, se ventilava, ácerca da mesma herança, entre os herdeiros hespanhoes e a corôa, que pretendia que os bens lhe eram devolvidos por direito de successão. Na correnteza d'estas pendencias, como eu proseguisse nas minhas investigações nos archivos dos Porhoet, achára, dois mezes antes da minha saída do castello, um singular documento, cujo texto litteral aqui traslado:

«Dom Philippe, por graça de Deus, rei de Castella, de Leão, de Aragão, das Duas Sicilias, de Jerusalem, de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valencia, de Galliza, de Maiorca, de Sevilha, da Sardenha, de Cordova, de Cadix, de Murcia, de Jaen, dos Algarves, de Algesiras, de Gibraltar, das ilhas Canarias, das Indias, orientaes e occidentaes, ilhas e terras firmes do Oceano, archi-duque de Austria, duque de Borgonha, de Brabante e de Milão, conde de Hapsburgo, de Flandres, do Tyrol e de Barcelona, senhor da Biscaya e de Molina, etc.

«A ti, Hervé João Jocelyn, senhor de Porhoet Gael, conde de Torres-Nuevas, etc., que me seguiste em meus reinos, e serviste com exemplar fidelidade, concedo por especial favor que a haver de extinguir-se tua descendencia directa e legitima, os bens da tua casa devolvam, mesmo com detrimento dos direitos da corôa, aos descendentes directos e legitimos do ramo francez dos Porhoet Gael, em quanto elle existir.

«E tomo esta obrigação por mim e meus successores sobre minha fé e real palavra.

«Dada no Escurial a 10 de abril de 1716.

«YO EL REY.»

Juntamente com este documento, que era apenas um traslado traduzido, tinha eu achado o texto original com as armas de Hespanha.

Não desconheci a validade d'este documento, mas receiei exageral-a. Duvidava muito que a valia de um titulo, sobre o qual haviam decorrido tantos annos e acontecimentos, fosse reconhecida pelo governo hespanhol: duvidava até que lhe elle conferisse o direito, quando mesmo tivesse vontade de reconhecer-lh'o. Resolvera-me, pois, a deixal-o ignorado da sr.ª de Porhoët, como descobrimento cujas consequencias me pareciam nimiamente problematicas, e limitei-me a remettel-o a Laubépin. Como não recebesse nova alguma, esqueci-o, na confluencia dos cuidados pessoaes que me attribulavam n'aquelle tempo. Entretanto, ao revez da minha injusta desconfiança, o governo hespanhol não hesitára a desempenhar a palavra de Filippe V, e no proprio momento em que uma suprema sentença acabava de conferir á corôa a immensa herança dos Porhoet, o governo nobremente a restituia á legitima herdeira.

Eram nove horas da noite quando apeei diante do

limiar da humilde casinha onde aquella opulencia quasi real tão tarde entrára! A criadinha veio abrir, chorando. Ouvi logo, do topo da escada, a voz grave de Laubépin, dizer:

—E' elle!

Accelerei o passo. O velho, commovido, apertou-me fortemente a mão e introduziu-me, sem proferir palavra, no pobre quarto da sr.ª de Porhoet.

O medico e o parocho estavam silenciosos no vão de uma janella. A sr.ª Laroque estava ajoelhada sobre uma cadeira ao pé do leito; Margarida, em pé junto da cabeceira, amparava as almofadas sobre as quaes repousava a face livida da minha pobre amiga. Por sobre as feições já profundamente alteradas e lividas da doente volitou um breve sorriso, quando me ella viu. Lançou um dos braços penosamente fóra da roupa. Peguei-lhe da mão, ajoelhei, e não pude suster as lagrimas.

—Meu filho! disse ella, meu caro filho!

Depois fitou fixamente Laubépin. O notario tomou de sobre o leito uma folha de papel e pareceu continuar uma leitura interrompida:

«Pelo que, instituo por este testamento olographo,[1] por meu herdeiro universal de todos os meus bens tanto em Hespanha como em França, sem reserva nem condição alguma, Maximo-Jacques Maria-Odiot, marquez

[1] Testamento escripto por mão do testador.

de Champcey d'Hauterive, nobre de coração como de raça. Tal é minha vontade.

«JOCELINDE-JEANNE, condessa DE PORHOET GAEL.»

No auge da minha surpreza, erguera-me com impeto, e ia fallar, quando a sr.ª de Porhoet, retendo-me brandamente a mão, a collocou sobre a mão de Margarida. A este contacto subito, a querida creatura estremeceu, curvou a fronte juvenil sobre o travesseiro funebre, e murmurou, purpureando-se, algumas palavras ao ouvido da moribunda. Eu de mim não achei palavras: caí de joelhos e orei a Deus.

Tinham decorrido alguns minutos em meio de solemne silencio, quando Margarida me arrancou repentinamente a mão e fez um gesto afflictivo. O doutor correu e eu ergui-me. A cabeça da sr.ª de Porhoet tinha pendido subitamente para traz: os olhos tinha-os fixos, radiosos e postos no céo; os labios entreabriram-se, e, como se fallasse sonhando, balbuciou:

—Deus!... Deus de bondade! lá a vejo... lá em cima!... Sim!... o côro... as lampadas de ouro... as vidraças... o sol em tudo!... Dois anjos ante o altar ajoelhados... de vestes brancas... agitam as azas... Deus!... estão vivos!...

Extinguiu-se este brado em seus labios, que ficaram sorrindo: fechou os olhos como se adormecesse, e para logo como que um ar de immortal mocidade se derramou nas suas faces, que pareciam outras.

Tal morte, coroando tal vida, tem em si ensinamentos, de que eu quero que trasborde a minha alma. Pedi que me deixassem sósinho com o padre no quarto. Esta piedosa vigilia espero que me não seja inutil. Sobre esta fronte, assellada de gloriosa pàz, e onde em verdade parecia radiar sobrenatural reflexo, mais de uma verdade esquecida ou duvidosa me transluziu com irresistivel evidencia. Oh! minha nobre e santa amiga, eu bem sabia que vós tinheis a virtude do sacrificio: agora estava vendo o premio que recebestes!

A's duas horas depois da meia noite, succumbido á fadiga, quiz respirar um pouco de ar puro. Desci a escada por entre as trevas e entrei no jardim, fugindo de passar na sala do rez do chão, onde eu avistára luz. Era profundamente tenebrosa aquella noite. Ao visinhar-me do caramanchel que está na extrema do pequeno cerrado, ouvi rumorejar entre a folhagem, e logo uma fórma distincta me avultou aos olhos. Senti uma subita vertigem, o coração em ancias, vi o céo marchetar-se de estrellas.

— Margarida! exclamei, estendendo-lhe os braços.

Ouvi um ligeiro grito, depois o meu nome murmurado baixinho, e senti seus labios nos meus.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Dei a Helena metade da minha riqueza. Margarida é minha mulher. Fecho estas paginas para sempre. Não tenho mais que confiar-lhes. Dos homens é acerto dizer o que é applicavel aos povos: «Felizes aquelles que não têem historia?»

FIM

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

Historia da civilisação iberica, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.
Historia de Portugal, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O Brazil e as colonias portuguezas, 4.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
Portugal contemporaneo, 4.ª ed. (1907), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
Portugal nos mares, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
Camões, os Lusiadas e a renascença em Portugal (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
Navegaciones y descubrimientos de los portugueses *(ed. do Ateneo de Madrid*, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A vida de Nun'alvares, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.]
Os filhos de D. João I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O Principe perfeito, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200

II. Historia geral:

Elementos de anthropologia, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
Systema dos mythos religiosos, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
Quadro das instituições primitivas, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O regime das riquezas, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
Historia da republica romana, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O hellenismo e a civilisação christã, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
Taboas de chronologia e geographia historica, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A circulação fiduciaria, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A reorganisação do Banco de Portugal, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O artigo «Banco» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br 500 rs.
Politica e economia nacional, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
Elogio historico de Anselmo J. Braamcamp, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869) esgotado.
O Socialismo, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
As eleições, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
Carteira de um jornalista: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
A Inglaterra de hoje, cartas de um viajante, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
Cartas peninsulares, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria Editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

Obras de JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 29.ª edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.ª edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.ª edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.ª edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart, 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.ª parte, 10.ª edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.—2.ª parte, 6.ª edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anecdotas, fabulas, etc. — noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

Rua Augusta, 50 a 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br. 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—8.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição. Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: 2.ª Edição. — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Materias textis. — Metaes. Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
OFFICINAS
TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
44 a 54 - Rua Augusta - 44 a 54
LISBOA